



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA – PPGB
MESTRADO PROFISSIONAL EM BIBLIOTECONOMIA – MPB

Alane Elias Souza

**O combate à desinformação pela pessoa bibliotecária do IFRJ: proposta de caderno para
promoção de competências infocomunicacionais**

Rio de Janeiro
2024

ALANE ELIAS SOUZA

O combate à desinformação pela pessoa bibliotecária do IFRJ: proposta de caderno para promoção de competências infocomunicacionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro requisito parcial para a qualificação no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia.

Área de Concentração: Biblioteconomia, Cultura e Sociedade

Linha de Pesquisa: Organização do Conhecimento, Tratamento da Informação e Práticas Infocomunicacionais

Orientador: Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior.

Rio de Janeiro
Set/2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S719 Souza, Alane Elias
 O combate à desinformação pela pessoa bibliotecária do
IFRJ: proposta de caderno para promoção de competências
infocomunicacionais / Alane Elias Souza. -- Rio de
Janeiro : UNIRIO, 2024.
 195 f. : il. ; 30 cm.

 Orientador: Alberto Calil Elias Junior.
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Biblioteconomia, 2024.

 1. Combate à desinformação. 2. Competências
infocomunicacionais. 3. Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. I. Elias Junior,
Alberto Calil, orient. II. Título.

ALANE ELIAS SOUZA

O combate à desinformação pela pessoa bibliotecária do IFRJ: proposta de caderno para promoção de competências infocomunicacionais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia no Curso de Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior - Presidente
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profa. Dra. Marcia Feijão de Figueiredo – Titular Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profa. Dra. Marianna Zattar Barra Ribeiro – Titular Externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Profa. Dra. Dayanne da Silva Prudêncio – Suplente Interno
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Profa. Dra. Nysia Oliveira de Sá – Suplente Externo
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

“Todos nós somos hoje hiperinformados. Para excesso de
informação só tem um remédio: mais informação”.

Tomás Miguel Ribeiro Paiva
(In: O Globo, Rio de Janeiro, p. 4, 22 jan. 2023)

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, agradeço a Deus que me capacitou e me deu a oportunidade de passar por mais esse desafio na minha vida. Em tudo dou graças à Deus por todas as bênçãos recebidas.

Agradeço à minha família, em especial minha mãe e marido por incentivarem, apoiarem minhas escolhas e me entenderem nos momentos mais difíceis que passei nessa jornada. Meu pai (in memoriam) também merece agradecimento, pois também era um incentivador do meu sucesso.

Um agradecimento especial ao meu orientador Alberto Calil por toda paciência e apoio para que eu não desistisse durante o processo e pela contribuição que os seus conhecimentos trouxeram para enriquecer esse trabalho.

Às minhas amigas Isabel Santana e Wanessa Oliveira que foram incansáveis por vários anos me incentivando a fazer a inscrição no mestrado, e por todo apoio que me deram durante o percurso após a aprovação.

Agradeço aos professores e funcionários do PPGB por toda troca e dedicação oferecida à minha turma durante o curso.

À banca examinadora da qualificação e da defesa, agradeço por aceitarem o convite e pelas considerações fundamentais para elaboração e conclusão do trabalho.

Agradeço aos bibliotecários do IFRJ que participaram da pesquisa respondendo a entrevista, e um agradecimento em especial às colegas Cintia Paiva, Cristiane Oliveira e Marcia da Silva pela ajuda em momentos que precisei de auxílio.

RESUMO

O presente estudo destina-se a investigar se as pessoas bibliotecárias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) atuam no enfrentamento à desinformação e quais estratégias utilizam. O referencial teórico discorre acerca do fenômeno da desinformação, aborda o conceito de competências infocomunicacionais e trata da atuação da pessoa bibliotecária na educação em informação através da promoção das competências infocomunicacionais. O estudo constitui-se de uma pesquisa de natureza aplicada, de nível exploratório e descritivo e de abordagem de cunho qualitativo. Aplicou-se uma entrevista semiestruturada ao universo da pesquisa que são as pessoas bibliotecárias do IFRJ. A metodologia utilizada na análise dos dados coletados foi a análise de conteúdo de Laurence Bardin. A partir dos dados coletados infere-se que, em sua maioria, as pessoas bibliotecárias da Instituição embora se sintam capazes de identificar uma desinformação, ainda possuem falhas no processo, o que evidencia a necessidade de uma atualização e capacitação por parte das mesmas. Constatou-se que mesmo que alguns profissionais tenham feito ações destinadas à educar o usuário quanto à desinformação, não há uma continuidade das mesmas. Foi feito um mapeamento das ações utilizadas pelas pessoas bibliotecárias que relataram ter atuado no tema e coletadas sugestões do que poderia passar a ser feito por aqueles que não tiveram nenhum tipo de atuação. Buscou-se que os entrevistados trouxessem exemplos de ações ou iniciativas de combate à desinformação que tenham visto e tenham achado interessante. A partir do mapeamento das ações citadas, sugeridas e exemplificadas elaborou-se como produto deste estudo o “Caderno de atividades para promoção de competências infocomunicacionais e combate à desinformação”. Busca-se com o produto que as pessoas bibliotecárias do IFRJ tenham um leque de ações que possam ser aplicadas em seus espaços para que passe a existir na Instituição uma atuação eficaz de enfrentamento à desinformação.

Palavras-chave: desinformação; competências infocomunicacionais; pessoa bibliotecária; forma de atuação; combate à desinformação; Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This current study aims to investigate if the Librarians from Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro (IFRJ) take action on confronting misinformation and which strategies they apply. The Thoretical framework discusses the misinformation phenomena, addresses infocommunication competences and deals with the role of the librarian on the information literacy through the promotion of such skills. This research is of an applied nature in na exploratory and descriptive level with a qualitative approach. A semi-structured interview was applied to the whole of the research composed of the IFRJ's librarians. Laurance Bardin's content analysis was the chosen methodology applied to the collected data. Based on this collected data, it can be inferred that, in it's majority, the librarians of the institute, although feeling capable of identifying a case of misinformation, still hold flaws in the process, which highlights their need of personal updating and training. It was found that even when some of the professionals have acted in order to educate users on misinformation, there was no follow-through on those acts. A mapping was made of the measures taken by the librarians who reported having acted on the matter and we also collected suggestions on what could be done onward for those who didn't act at all. It was asked of the interviewed for them to bring examples of initiatives of measures on fighting misinformation they found compelling. From the mapping of this brought material, it was assembled, as a product of this study, an "Activity booklet for infocommunication competences promotion and fighting misinformation". It's hoped that, with this product, the librarians from IFRJ have an array of measures and forms of action to be applied to their environments in order of ensuring the existence of an effective performance when tackling misinformation.

Keywords: disinformation; infocommunication competences; librarian; forms of action; desinformation tackling; Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
1.1 Objetivo geral	12
1.2 Objetivos específicos	12
1.3 Justificativa	12
2 Procedimentos metodológicos	15
2.1 Característica da Pesquisa	15
2.2 Protocolo da Pesquisa	17
2.3 Universo da Pesquisa	17
2.4 Instrumento de coleta de dados	19
2.5 Método de Análise de dados	21
3 O fenômeno da desinformação: raízes, desdobramentos e impactos na sociedade contemporânea	26
5 A pessoa bibliotecária e seu papel para o enfrentamento à desinformação	43
5.1 Missão e ética do bibliotecário no combate à desinformação	43
5.2 Práticas de educação em informação para o enfrentamento à desinformação	50
6 O Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e o Sistema de Bibliotecas: histórico e apontamentos	57
6.1 O IFRJ: do histórico no ensino industrial à missão e valores atuais	57
6.2 As Bibliotecas do IFRJ e o Fórum de Bibliotecários	62
7 Análise e discussão dos resultados da pesquisa	65
7.1 O processo de categorização	65
7.2 A análise de conteúdo	67
7.2.1 Compreensão sobre desinformação	67
7.2.2 Atuação contra a desinformação	77
7.2.3 Sugestões e exemplos para o combate à desinformação	83
8 Sobre o produto da pesquisa	94
9 Considerações finais	96
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	105
APÊNDICE B – CATEGORIAS DE ANÁLISE/ENTREVISTADO	109
APÊNDICE C – CATEGORIA DE ANÁLISE/UNIDADE DE REGISTRO	138
APÊNDICE D – PRODUTO: CADERNO PARA PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS E COMBATE A DESINFORMAÇÃO	160
ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	183
ANEXO B - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO	187

ANEXO C - CATEGORIAS E INDICADORES DAS COMPETÊNCIAS	
INFOCOMUNICACIONAIS.....	194

1 Introdução

O século XXI se caracteriza pelo desenvolvimento tecnológico e popularização da internet. Uma das principais consequências desse cenário é o aumento exponencial da geração e disseminação de informação sem a barreira de espaço e tempo, facilitada pelo uso crescente das mídias sociais. Isto significa que atualmente é possível que praticamente qualquer pessoa que possua acesso à internet e conhecimento básico das tecnologias de informação e comunicação se torne não apenas consumidor de informações, mas também disseminador e produtor. Esse recente universo social trouxe à tona a dificuldade em analisar as informações quanto a sua relevância e veracidade.

Como bem colocado por Heller (2021), todo indivíduo que possua acesso à Internet – seja por computador ou até mesmo pelos celulares -- têm a possibilidade de difundir informações para outras pessoas que também a utilizam e com isso forma-se uma extensa rede de compartilhamento. Mesmo que cada indivíduo carregue a responsabilidade por esse ato de compartilhamento, nem sempre existe uma atenção adequada à avaliação dessas informações, que frequentemente resulta na disseminação de conteúdo sem a verificação de sua confiabilidade.

Diante disso, fica evidente a vulnerabilidade do cenário atual em que “os sujeitos deparam-se com um fenômeno que está se proliferando: a desinformação” (Heller, 2021, p. 13). A disseminação de desinformação prejudica a habilidade de pensamento crítico e a capacidade de avaliação pelas pessoas, fatores que costumam direcionar suas decisões. Do mesmo modo, as dificuldades na construção do pensamento crítico, favorecem o espalhamento da desinformação. Considerando o atual cenário de compartilhamento cada vez mais crescente de informações manipuladas e/ou falsas, ficam eminentes diversos riscos para vários setores da sociedade como saúde pública, incentivo à violência, preconceito e intolerância, assim como, ataques aos sistemas democráticos. Entende-se então que esse ecossistema informacional permeado de notícias duvidosas também traz à tona questões como a ética na produção e disseminação de informações, o uso responsável da informação, questões relacionadas à direitos autorais, entre outros aspectos.

O cenário atual ampliou as conexões, favorecendo um aumento na interatividade através do maior envolvimento nas plataformas de mídias sociais. À vista dessa tendência de crescente disseminação de informações inverídicas, não basta que o sujeito informacional saiba analisar, avaliar, interpretar e sintetizar a informação, pois ele também é um agente que interage,

participa das mídias sociais ativamente e também é produtor de informação. A partir disso, com o intuito de atender às novas demandas de informação da contemporaneidade, busca-se uma abordagem que contemple de maneira equânime os aspectos informacionais e comunicacionais: a competência infocomunicacional.

Conforme Borges (2018), conclui-se que é essencial promover as competências infocomunicacionais de forma que os cidadãos se tornem capacitados para decidir qual informação necessitam, serem atuantes ao escolherem as fontes e mídias que utilizam e promotores das intervenções que pretendem.

Nesse contexto, têm-se como aliadas as bibliotecas. Elas são espaços que buscam democratizar a informação e serem um canal de interação e de indicação de fontes confiáveis. A pessoa bibliotecária, enquanto profissional da informação atuante nesses espaços, pode ser considerada mediadora desse processo e ter um papel atuante no enfrentamento da desinformação. Esse profissional, passa a ter a necessidade de voltar o seu olhar para o desenvolvimento das competências infocomunicacionais dos seus usuários para que estes tenham cada vez mais autonomia para serem críticos frente à gama de informações disponíveis.

Considerando a atuação da pesquisadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), uma instituição federal de ensino que oferece educação profissional e tecnológica em todos os níveis no Estado do Rio de Janeiro, surge como problema de pesquisa o interesse em investigar o papel das pessoas bibliotecárias do IFRJ no combate à desinformação e de que maneiras eles estão agindo nesse sentido. Diante das informações apresentadas, os questionamentos propostos para esta pesquisa são: As pessoas bibliotecárias do IFRJ estão atuando no enfrentamento à desinformação perante a sua comunidade? Caso haja enfrentamento, de que forma é feita essa atuação? Como as pessoas bibliotecárias do IFRJ podem contribuir no combate à desinformação??

Após análise da questão foi desenvolvido um caderno com sugestões de iniciativas para possam auxiliar as pessoas bibliotecárias do IFRJ no desenvolvimento de ações que possam educar seus usuários a lidarem com o cenário de desinformação que se torna cada vez mais frequente no meio informacional. Ao promover essas ações espera-se que os usuários possam desenvolver suas próprias competências infocomunicacionais e a partir disso além de saber identificar uma desinformação e não replicá-las, também tenham habilidades para saber a forma de interagir com quem esteja disseminando esse tipo de informação, de modo a também fazê-las refletir sobre o conteúdo que estão transmitindo.

1.1 Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é investigar quais as estratégias de enfrentamento à desinformação desenvolvidas no âmbito da atuação das pessoas bibliotecárias do IFRJ, com vistas à elaboração de um caderno para promoção de competências infocomunicacionais.

1.2 Objetivos específicos

Em relação aos objetivos específicos, temos:

- Apresentar as definições que compõem as noções de desinformação e de competências infocomunicacionais, e relacionar a pessoa bibliotecária como promotora das mesmas;
- Identificar como as pessoas bibliotecárias do IFRJ compreendem a desinformação e se sentem-se aptas a identificá-la;
- Mapear estratégias na literatura e, também, a partir de eventuais respostas das pessoas bibliotecárias, de ações para atuação de combate às desinformações, bem como formas de interação responsáveis a fim de evitar a disseminação das mesmas.

1.3 Justificativa

O interesse pelo tema desse projeto se iniciou através dos questionamentos pessoais da pesquisadora que se viu tendo que auxiliar familiares e amigos na identificação da veracidade das informações que estavam repassando, pois em conversas pessoais eram inúmeras as vezes que essas pessoas abordavam assuntos que não condiziam com a verdade. A partir de então, passou a pensar que a pessoa bibliotecária - como atua com a informação e tem acesso a pessoas de vários tipos de camadas sociais - poderia ser de grande valia para educar seus usuários e assim termos cada vez mais pessoas atentas e com olhar mais crítico ao que compartilham e replicam no seu dia a dia. Soma-se a esse interesse a leitura da dissertação de Heller (2021) em que abriu as perspectivas da pesquisadora a respeito de uma pesquisa envolvendo essa questão.

Considerando o campo empírico da pesquisa, a investigação parte do pressuposto de que as atividades desenvolvidas pelas pessoas bibliotecárias do IFRJ podem ainda estar muito enraizadas no conservadorismo de sua missão basilar, mantendo-se apenas as suas funções de empréstimo, devolução, catalogação e etc., não evoluindo e alcançando a necessidade informacional contemporânea.

O estudo se justifica pela atualidade do tema. O combate à desinformação é uma preocupação global, pois causa inúmeras consequências sociais. Aqui no Brasil nota-se que há

um movimento para combater essas notícias falsas e/ou manipuladas no que se refere ao setor do jornalismo/comunicação. Embora existam algumas iniciativas envolvendo a área de Biblioteconomia e Ciência da Informação como, por exemplo, o acordo de cooperação entre o Supremo Tribunal Federal com a CAPES e a Biblioteca Nacional feito em dezembro de 2023 em que os dois órgãos se tornam parceiros no Programa de Combate à Desinformação da Corte do STF, ainda é muito tímida publicamente as participações de pessoas bibliotecárias e/ou bibliotecas nesse cenário aqui no País. Para ilustrar essa fala, nos dias 2 e 3 de abril de 2024 a pesquisadora assistiu a “Conferência Livre: Ciência no Combate à Desinformação”, promovida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e transmitida pelo canal da CAPES no Youtube. Em todas as mesas da conferência, entre os profissionais envolvidos tinham pessoas das áreas de comunicação, ciências sociais, ciência política, sociologia, direito e ciência da informação, o que mais uma vez chamou atenção da pesquisadora por não ter nenhuma pessoa bibliotecária de formação fazendo parte de nenhuma das mesas da conferência. Portanto, tem-se a necessidade de que a pessoa bibliotecária como profissional da informação, também assuma o protagonismo nesse processo e entenda que faz parte das suas habilidades identificar a veracidade das notícias, transmitir esse conhecimento aos seus usuários e passar a ser um agente transformador também nesse cenário de enfrentamento à desinformação.

Pretende-se por meio dessa pesquisa incentivar as pessoas bibliotecárias a assumir suas funções no enfrentamento à desinformação e a atuar de forma ativa na comunidade que estão inseridas ajudando a mitigar os problemas causados pelo compartilhamento de notícias inverídicas. Então, como consequência dessa atuação, passar a ser reconhecido na sociedade como um profissional que trabalha para além da organização e disponibilização de acervos.

1.4 Estrutura do trabalho

A presente dissertação foi organizada em 9 seções que buscam contextualizar e analisar o assunto tratado de acordo com os objetivos propostos, conduzindo o leitor ao entendimento acerca do produto final da pesquisa.

A primeira seção foi destinada à introdução que é composta pela contextualização inicial do tema, o problema da pesquisa, os objetivos gerais e específicos, a justificativa e a apresentação da estrutura do trabalho.

A segunda seção apresenta os procedimentos metodológicos em que descreve as etapas seguidas para o alcance dos objetivos como a característica da pesquisa, o protocolo de

pesquisa, o universo da pesquisa, o instrumento de coleta de dados e o método de análise de dos dados.

Na terceira seção inicia-se o referencial teórico fazendo um histórico sobre o fenômeno da desinformação e abordando seus conceitos.

Na quarta seção será apresentada uma discussão sobre o que são as competências infocomunicacionais e a inserção delas nesse contexto de crescente desinformação.

A quinta seção foi destinada à argumentação sobre o papel da pessoa bibliotecária para a educação em informação objetivando promover as competências infocomunicacionais.

A sexta seção apresenta o campo empírico da pesquisa: o IFRJ, sua rede de Bibliotecas e o fórum de bibliotecários.

A sétima seção traz a análise e discussão dos resultados da coleta de dados feita através de entrevistas com as pessoas bibliotecárias do IFRJ.

Na oitava seção expõe-se a elaboração e as características o produto elaborado como resultado da presente pesquisa.

A nona seção é dedicada às considerações finais.

Nos apêndices foram inseridos os seguintes documentos: Apêndice A traz o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido enviado a cada entrevistado; Apêndice B apresenta as tabelas que foram elaboradas para separar as respostas dos entrevistados dentro das categorias de análise; Apêndice C estão as tabelas que organizaram as respostas dos entrevistados por unidade de registro dentro das categorias e o apêndice D é dedicado ao produto da dissertação denominado “Caderno de atividades para promoção de competências infocomunicacionais e combate à desinformação”.

Como anexos temos: No Anexo A está o parecer do Comitê de Ética da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; No Anexo B o parecer do Comitê de Ética do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro; por fim no anexo C, consta as Categorias e Indicadores das Competências Infocomunicacionais.

2 Procedimentos metodológicos

Pode-se entender metodologia como um caminho que se traça para se atingir um objetivo qualquer. É, portanto, a forma, o modo para resolver problemas e buscar respostas para as necessidades e dúvidas. A metodologia científica é um caminho que procura a verdade num processo de pesquisa, ou aquisição de conhecimento; um caminho que utiliza procedimentos científicos, critérios normalizados e aceitos pela ciência. (Michel, 2009, p. 35)

Nesta seção serão apresentadas as características da pesquisa, as etapas do percurso metodológico adotado, o instrumento de coleta de dados e o método de análise de dados escolhido.

2.1 Característica da Pesquisa

Uma pesquisa científica é, conforme Michel (2009), fundamentalmente, um processo intelectual e racional que decorre da curiosidade e do questionamento. Envolve a busca por respostas, pela descoberta de novas verdades e o fornecimento de soluções inovadoras para eventos, objetos e a realidade em geral. Conforme a autora, a motivação para empreender essa jornada de investigação surge de questões não resolvidas, de desafios que nos instigam a procurar soluções, e da curiosidade de compreender profundamente algo que nos cativa ou nos inspira.

E para que essas respostas sejam válidas, o pesquisador deve utilizar-se de métodos e técnicas adequados à questão e procurar aprofundar seus conhecimentos para saber manipular esses métodos e técnicas e interpretar os resultados encontrados. (Michel, 2009, p. 36)

Essa abordagem é semelhante à de Gil (2011) que considera que a pesquisa pode ser conceituada como o procedimento metodológico formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Seu propósito primordial consiste em desvendar soluções para questões por meio da aplicação de processos científicos. Gil (2011, p. 8) completa apontando que método científico é um “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento.”

Para que a pesquisa científica possua credibilidade, “o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.” (Goldenberg, 2004, p. 17)

Após esse contexto introdutório, a presente pesquisa se caracteriza por ser de natureza aplicada pois “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos.” (Gil, 2011, p. 27)

Quanto ao nível, trata-se de uma pesquisa exploratória quanto aos seus meios e descritiva quanto aos fins. Uma pesquisa é exploratória por considerar que “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (Gil, 2011, p. 27). O estudo exploratório é colocado por Michel (2009) como aquele que tem por objetivo o levantamento de informações sobre o tema que é o objeto de estudo, explicando um problema tomando por base referências teóricas.

Portanto, para alcançar os objetivos propostos, a presente pesquisa é exploratória pois de acordo com a abordagem de Michel (2009, p. 40):

(...) seu intuito não é resolver o problema em si, mas levantar informações que ajudem a entendê-lo melhor, é recolher informações e conhecimentos prévios sobre o problema, para o qual se procura resposta ou acerca da hipótese que se quer experimentar. É o meio de formação teórica, embasamento, criação de conhecimento necessário e básico para a realização de estudos monográficos.

A pesquisa também pode ser considerada descritiva pois, em conformidade com Gil (2011, p. 28), “têm por objetivo levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população”. Ainda de acordo com o autor, as pesquisas descritivas, assim como as exploratórias, são frequentemente realizadas por pesquisadores sociais que têm como principal preocupação a aplicação prática. Visão que vai de encontro ao que coloca Michel (2009) quando diz que a pesquisa descritiva é adequada para o campo das ciências humanas e sociais pois tem como objetivo analisar fatos ou fenômenos com a máxima precisão, buscando observar, registrar e compreender suas naturezas e características, assim como suas inter-relações, conexões e influências. Conforme a autora, “Trata-se, em geral, de levantamentos das características de uma população, um fenômeno, um fato, ou o estabelecimento de relações entre variáveis controladas.” (Michel, 2009, p. 44)

Considerando a abordagem, esta se trata de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois de acordo com pontuação de Minayo (2012, p. 21)

(...) ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Michel (2009) coloca que, na pesquisa qualitativa, a fonte direta de obtenção dos dados é o ambiente da vida real, com isso é necessário que o pesquisador saiba atribuir significado às respostas, interpretando essa realidade de forma imparcial e lógica, apoiando-se em teorias já estabelecidas.

2.2 Protocolo da Pesquisa

Para a construção do arcabouço teórico visando o alcance dos objetivos da pesquisa foi feito um levantamento da produção bibliográfica utilizando-se as bases: Base de Dados em Ciência e Informação (BRAPCI); Scientific Eletronic Library Online (SCIELO); Google acadêmico; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Os termos usados para mapeamento nas bases foram: “Competência infocomunicacional”; “Competências infocomunicacionais”; “desinformação” AND “bibliotecários”, e o critério temporal estabelecido foi 2011-2024.

O arcabouço teórico foi desenvolvido a partir de artigos publicados em periódicos científicos e em anais de eventos, teses, dissertações e ainda livros publicados acerca do objeto de estudo. Acredita-se, com isso, ser suficiente para analisar e abrir a discussão sobre as diferentes e novas abordagens do tema dentro da área.

2.3 Universo da Pesquisa

O universo da pesquisa é composto pelas pessoas bibliotecárias do IFRJ. Busca-se investigar se elas atuam na garantia de condições estruturais para que os usuários das bibliotecas do IFRJ tenham a possibilidade de identificar e agir contra a desinformação e de que forma é essa atuação.

O critério de seleção estipulado para fazer parte da pesquisa se trata de todas as pessoas concursadas na Instituição com o cargo de Bibliotecário, porém em alguns campi existem pessoas com o cargo de Auxiliar de Biblioteca, que são bibliotecários de formação, e estão atuando como coordenadores da biblioteca (através de Função Gratificada), dessa forma, essas pessoas também foram selecionadas para fazer parte da pesquisa, portanto os sujeitos a serem estudados totalizam 25 pessoas distribuídas da seguinte forma:

Quadro 1 - Quantidade de pessoas bibliotecárias do IFRJ por Campi

Arraial do Cabo	2
Belford Roxo	1
Duque de Caxias	2 (sendo 1 auxiliar em cargo de coordenação)
Engenheiro Paulo de Frontin	1
Mesquita	1
Nilópolis	3
Niterói	1
Paracambi	2
Pinheiral	1
Realengo	2 ¹
Reitoria	1
Resende	1
Rio de Janeiro	3 (sendo 1 auxiliar em cargo de coordenação)
São Gonçalo	2
São João de Meriti	1
Volta Redonda	1

Fonte: Quantitativo total informado pelas pessoas bibliotecárias da Instituição.

Ao definir-se que os sujeitos de pesquisa se tratam de seres humanos, tornou-se necessário submeter a presente pesquisa à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNIRIO. A submissão de projetos ao Comitê de Ética é feita através da Plataforma Brasil². Salienta-se que esse processo não é um processo simples e a pesquisadora ao se deparar com muitas dúvidas recorreu à ex-orientandas indicadas pelo orientador, as quais também submeteram suas pesquisas na Plataforma, para conseguir dar andamento nessa fase da pesquisa. Após o envio do cumprimento de algumas pendências exigidas pelo CEP-UNIRIO, após a aprovação pelo mesmo a pesquisa foi enviada para análise do CEP-IFRJ que é instituição co-participante da pesquisa. Este também fez exigências de pendências a cumprir, e durante o prazo para

¹ A biblioteca em questão possui três bibliotecários, sendo a terceira a pesquisadora em questão. Portanto 2 pessoas serão entrevistadas nesta Biblioteca.

² <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>

cumprimento iniciou-se a greve na Instituição, que afetou os prazos do CEP e atrasou um pouco mais o andamento da pesquisa. Após a aprovação do CEP-IFRJ deu-se início à coleta de dados.

2.4 Instrumento de coleta de dados

Como instrumento de coleta de dados, optou-se pela entrevista dado que Gil (2011) considera esta uma técnica altamente abrangente para adquirir informações sobre o conhecimento, opiniões, expectativas, sentimentos, desejos, interesse, ações passadas e presentes das pessoas, bem como para explorar suas explicações e motivos em relação aos eventos anteriores.

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (Gil, 2011, p. 109)

Gil (2011) afirma que outra técnica muito utilizada é o questionário, porém comparando-se os dois, a entrevista possui como vantagens não ser necessário que o entrevistado saiba ler e escrever, uma maior obtenção de respostas visto que deixar de responder um questionário é mais comum do que se negar a responder uma entrevista e uma maior flexibilidade considerando que o entrevistador pode fazer maiores esclarecimentos sobre as perguntas e se adaptar com mais facilidade às pessoas e às circunstâncias que virem a surgir com o decorrer da entrevista.

Em relação à entrevista, Bardin (2011) coloca que esta deve referir-se ao tema, ter sido adquirida através de técnicas idênticas e ser realizada por pessoas semelhantes. É uma regra utilizada “quando se deseja obter resultados globais ou comparar entre si os resultados individuais” (Bardin, 2011, p. 128).

Na presente pesquisa, a entrevista obedeceu ao perfil semiestruturada em que “o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; permite explorar mais amplamente uma questão.” (Michel, 2009, p. 68). As perguntas seguiram um roteiro fixo e idêntico para todos os profissionais. A preferência era que fossem feitas in loco com cada pessoa bibliotecária de cada unidade do IFRJ, porém em vista do deslocamento que alguns campus exigem, nesses seria usada a modalidade online. Porém antes do início da coleta de dados os funcionários da instituição entraram em greve, então a

alternativa encontrada devido à dificuldade em encontrar os entrevistados in loco, foi realizar todas as entrevistas na modalidade online.

Os participantes foram convidados através de email no qual se apresentou do que se trata a pesquisa e convidando-os a marcar uma data para a realização da entrevista, caso aceitassem participar. No e-mail cada um recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³ que consta no Apêndice A e no qual está descrito que:

- o participante não será identificado;
- ele autoriza a gravação da entrevista;
- não é obrigatória a participação além de poder retirar sua autorização a qualquer momento;
- não responder perguntas que considerarem constrangedoras.

No termo, a pesquisadora também assumiu o compromisso de transcrever as gravações e apresentar as mesmas aos participantes para validar as informações e confirmar a participação e autorização de divulgação dos resultados.

O e-mail foi enviado aos 25 sujeitos da pesquisa, porém 1 das pessoas apesar das tentativas de marcar a entrevista teve uma série de imprevistos e outras 2 pessoas não responderam aos contatos feitos, ficando o total de respondentes em 23 sujeitos. Após o e-mail e demais esclarecimentos, os participantes que aceitaram fazer parte da pesquisa enviaram o TCLE assinado digitalmente e deram a sugestão de data que estivessem disponíveis para a entrevista. O horário da entrevista foi marcado, em sua maioria, pelo Whatsapp em que a entrevistadora encaixava os horários disponíveis, visto que em um mesmo dia ocorreu de ter mais de uma entrevista agendada.

Foram feitos dois testes antes do início da coleta de dados com colegas da turma do Programa de Pós Graduação de Biblioteconomia, em foi possível reparar a necessidade de ajuste em duas perguntas e nos testes foram usadas as plataformas Google Meet e Zoom. A partir dessa experiência optou-se por utilizar na coleta de dados, o Zoom, pois permitiu a opção de gravar as reuniões.

O roteiro de perguntas da entrevista e os objetivos que se pretendem alcançar com cada uma está exposto abaixo:

³ O TCLE foi enviado para os entrevistados conforme aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa antes da banca de qualificação, porém por sugestão da banca e mudança do produto da pesquisa o título da pesquisa foi alterado, portanto o TCLE que consta no apêndice possui título diferente do título final do trabalho.

Pergunta da entrevista	Alcance do objetivo
1. Qual a sua compreensão sobre o que é desinformação?	Identificar como as pessoas bibliotecárias do IFRJ compreendem a desinformação e se sentem-se aptas a identificá-la.
2. Você como profissional da informação se sente apto a identificar uma desinformação?	Identificar como as pessoas bibliotecárias do IFRJ compreendem a desinformação e se sentem-se aptas a identificá-la.
2.1. (Se sim) Como você reconhece que determinada informação é uma desinformação?	Identificar como as pessoas bibliotecárias do IFRJ compreendem a desinformação e se sentem-se aptas a identificá-la.
2.2. (Se não) Quais as suas dificuldades para identificá-las?	Identificar como as pessoas bibliotecárias do IFRJ compreendem a desinformação e se sentem-se aptas a identificá-la.
3. Já se deparou com desinformação circulando entre as pessoas do seu campus? (se sim) Você teve alguma atitude a respeito? Qual?	Investigar quais as estratégias de enfrentamento à desinformação desenvolvidas no âmbito da atuação das pessoas bibliotecárias do IFRJ.
4. Você atua ou atuou na sua Biblioteca e/ou no seu campus de alguma forma com questões/projetos relacionados ao combate à desinformação?	Investigar quais as estratégias de enfrentamento à desinformação desenvolvidas no âmbito da atuação das pessoas bibliotecárias do IFRJ.
4.1. (Se atua) De que forma é a sua atuação/participação? Que tipo de ações/atividades você utiliza?	Investigar quais as estratégias de enfrentamento à desinformação desenvolvidas no âmbito da atuação das pessoas bibliotecárias do IFRJ.
4.2. (Se não atua) Quais ações podem ser adotadas em seu local de atuação de forma a educar seu público quanto à desinformação e sua disseminação?	Mapear estratégias na literatura e também a partir de eventuais respostas das pessoas bibliotecárias, de ações de combate às desinformações, bem como formas de interação responsáveis na Internet a fim de evitar a disseminação das mesmas.
5. Você conhece ações/iniciativas de combate a desinformação de alguma outra instituição? Como são essas ações/iniciativas? Sabe se é feita por uma biblioteca/bibliotecário? Se não for, é feita por que tipo de profissional?	Mapear estratégias na literatura e também a partir de eventuais respostas das pessoas bibliotecárias, de ações de combate às desinformações, bem como formas de interação responsáveis na Internet a fim de evitar a disseminação das mesmas.

Durante a aplicação das entrevistas alguns entrevistados tiveram dificuldade em lidar com a plataforma Zoom, como o Google Meet não oferece a alternativa de gravação, nesses casos, a pesquisadora abriu um link do Google Meet e usou o gravador do próprio celular para conseguir registrar o áudio da entrevista.

2.5 Método de Análise de dados

Como método de análise de dados optou-se por utilizar a análise de conteúdo. De acordo com Bardin (2011, p. 48) este método se refere a:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Para Gil (2011), a análise de conteúdo é um dos principais recursos para examinar as comunicações de massa, pois conforme as informações adquiridas são comparadas com os dados anteriormente disponíveis, é possível chegar a conclusões amplas. Bardin aborda que existem técnicas de análise de conteúdo distintas, dentre elas a análise temática que é a mais apropriada para a presente pesquisa pois

Fazer uma análise temática consiste em descobrir os "núcleos de sentido" que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido (Bardin, 2011, p. 135)

Conforme Bardin (2011), este método organiza-se em torno de três fases:

1) Pré-análise- é a fase da organização, nessa fase os procedimentos devem ser precisos e bem definidos, ainda que flexíveis. Ela “tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise”. (Bardin, 2011, p. 124). Nesta fase encontra-se incluída a construção de um corpus que, Segundo Bardin (2011, p. 126) “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos.” O corpus da presente pesquisa trata-se das entrevistas feitas com as pessoas bibliotecárias do IFRJ. Dentro dessa fase de pré-análise foram feitas as transcrições das entrevistas utilizando o auxílio do site Riverside⁴, que é um site que utiliza Inteligência artificial para fazer transcrição de áudios e vídeos. O site tem opções pagas e gratuitas e a opção gratuita foi de grande utilidade para otimizar o processo de transcrição da entrevista, em que após a transcrição feita pelo site, a pesquisadora precisou somente fazer a conferência, ouvindo e ajustando detalhes como identificar quais eram as falas do entrevistado e da pesquisadora e algumas palavras que estavam em desacordo com o áudio, porém no geral a transcrição gerada é muito satisfatória e com poucos ajustes a serem feitos. Após esse momento, deu-se a leitura flutuante de cada entrevista em preparação para a próxima etapa do processo.

2) Exploração do material – Nada mais é do que a aplicação sistemática das decisões tomadas, como explicitado por Bardin (2011, p.131) que aponta que é uma fase “longa e fastidiosa, consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Neste estágio, o foco está na

⁴ <https://riverside.fm/transcription#>.

estruturação e ordenação do material para fins de análise. Esse processo denomina-se codificação e:

[...] corresponde a uma transformação - efetuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo ou da sua expressão; suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto[...] (Bardin, 2011, p. 133)

De acordo com orientação de Bardin (2011), a codificação do corpus envolve alguns procedimentos específicos como: a segmentação do texto para definir as unidades de registro e unidades de contexto; a classificação e agregação que consiste em categorizar os dados para agrupamento; e a enumeração para garantir organização e consistência no material.

A respeito do processo de categorização

[...] é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão das características comuns destes elementos. (Bardin, 2011, p. 147)

Esse procedimento pode utilizar dois processos opostos:

- O sistema de categorias é fornecido antecipadamente e os elementos são distribuídos da melhor forma possível à medida que são identificados.
- O sistema de categorias não é pré-estabelecido; ele é desenvolvido a partir da classificação analógica e progressiva dos elementos. O título conceitual de cada categoria é definido apenas ao final do processo.

As categorias da presente pesquisa foram definidas previamente de acordo com os objetivos propostos a serem atingidos pelas perguntas formuladas. As categorias selecionadas bem como as justificativas para a escolha das mesmas serão abordadas na seção 7.

Ainda sobre o processo de categorização, a indicação de Bardin (2011) é que ao estabelecer categorias, se considere certos critérios para garantir sua qualidade. Esses critérios são *exclusão mútua*, *homogeneidade*, *pertinência*, *objetividade* e *fidelidade e produtividade*. Portanto, Sá (2013) resume a categorização como um processo que visa sintetizar as informações presentes nos discursos, permitindo que o resumo da mensagem seja visualizado e, em seguida, analisado com mais clareza e objetividade.

A organização das informações dentro de cada categoria é fundamentada em unidades de registro e de contexto. A definição dessas unidades deve ser relevante, levando em consideração as características do material e os objetivos da análise. Na perspectiva de Bardin

(2001, p. 134) unidade de registro “é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade de base”

Conforme a autora,

[...] reina certa ambiguidade no que diz respeito aos critérios de distinção das unidades de registro. Efetivamente, executam-se certos recortes a nível semântico, por exemplo, o "tema", enquanto que outros são feitos a um nível aparentemente linguístico, como a "palavra" ou a "frase". (Bardin, 2011, p. 134)

Considerando-se o exposto, a unidade de registro da presente pesquisa é o tema, em consonância com Bardin (2011) que coloca que o tema é comumente adotado como unidade de registro para investigar motivações de opiniões, atitudes, valores, crenças, tendências, entre outros. A autora esclarece que as respostas a perguntas abertas, entrevistas, tanto individuais quanto em grupo, questionários, sessões de psicoterapia, registros de testes, reuniões grupais, psicodramas, comunicações de massa, entre outros, podem e frequentemente são examinados tendo o tema como ponto central.

Em relação à unidade de contexto, Bardin (2011) explica que ela atua como uma unidade de compreensão essencial para codificar a unidade de registro. Ela corresponde ao segmento da mensagem cujas dimensões, maiores que as da unidade de registro, são ideais para compreender a significação exata da unidade de registro. Por exemplo, uma frase pode servir como unidade de contexto para uma palavra, e um parágrafo pode desempenhar esse papel para um tema.

Em simultâneo a esse processo, de modo a organizar, individualizar os entrevistados e garantir o anonimato, definiu-se o uso de um código alfanumérico composto pelas letras PB de Pessoa Bibliotecária, seguidas pelos números cardinais em ordem crescente como método de identificação que designe cada participante da pesquisa.

A pesquisadora adquiriu o software MAXQDA⁵, porém por ser um software de difícil manuseio e o pouco tempo disponível para a pesquisa não tornando possível um estudo maior sobre suas funcionalidades, ele foi usado somente para facilitar a observação e seleção dos dados em uma mesma tela. Então mesmo após isso, a pesquisadora elaborou tabelas que ficaram de melhor visualização para as categorias e unidades de registro que estão disponíveis nos apêndices B e C. Após a prévia exploração dos dados e sua consequente codificação, deu-se início à última fase do processo:

⁵ MAXQDA é um software para análise de dados. Oferece uma ampla gama de ferramentas para métodos de análise como Teoria Fundamentada nos Dados, análise qualitativa de conteúdo, análise de discurso, métodos mistos e muito mais. Disponível em: <https://www.maxqda.com/>

3) Tratamento dos resultados- a inferência e a interpretação – conforme Bardin (2011) nessa fase, a partir dos dados não processados, o pesquisador se esforçará para conferir significado e validade a eles. Ao ter resultados significativos e confiáveis em mãos, o pesquisador poderá formular inferências e oferecer interpretações em relação aos objetivos planejados ou até mesmo em relação a descobertas inesperadas.

Essa fase será melhor apresentada e descrita na seção 7 Análise e discussão dos resultados da pesquisa. Os dados obtidos serão comparados com o referencial teórico nesta mesma seção.

3 O fenômeno da desinformação: raízes, desdobramentos e impactos na sociedade contemporânea

De acordo com Schneider (2022) o debate em torno da origem da desinformação nada mais é que uma discussão entre verdade *versus* mentira. Desta forma, pode-se considerar que a desinformação é tão antiga quanto a própria humanidade. Darnton (2017) exemplifica esse fato apontando que no século VI, Procópio (um historiador bizantino que escrevia a história do império de Justiniano) escreveu um texto secreto chamado “Anekdotia”, onde espalhou mentiras e arruinou a reputação do imperador Justiniano. De acordo com Martins e Almeida Junior (2021), na Europa do século XV as inverdades eram disseminadas em forma de boatos/fofocas. Como o meio de comunicação mais rápido da época eram as cartas - porém elas demoravam de seis a nove meses para chegar ao destinatário, e a maioria das pessoas eram analfabetas- a comunicação oral passou a ser fundamental para compra, venda e troca de mercadorias em um cenário em que o comércio vinha se desenvolvendo de maneira exponencial. A partir disso desenvolveu-se o hábito de utilizar de boatos para modificar os preços de alguma mercadoria de forma estratégica. Ainda sobre os boatos da época:

Os boatos foram descritos como "um serviço postal oral", funcionando com velocidade admirável. As mensagens transmitidas nem sempre eram espontâneas: algumas vezes se disseminavam por motivos políticos e, em tempos de conflito, um lado regularmente acusava o outro de espalhar boatos (Briggs; Burke, 2006, p. 37).

Porém, podemos considerar que foi a partir do advento da prensa tipográfica (imprensa) no ocidente por Gutemberg que começou a se desenhar um contexto de “explosão da informação” que, aliado às muitas transformações sociotécnicas que aconteceram nos séculos posteriores, vão paulatinamente oferecendo as condições estruturais para que as práticas de desinformação fossem ganhando novas proporções. Esta afirmação se confirma após a leitura de Burke (2002), em que é exposto que o surgimento da imprensa no Século XV foi visto como o marco de uma nova Era, pois imprimir e copiar livros passou a não ser mais práticas exclusivamente manuais e tornou-se uma produção mecanizada. No final da Idade média, o conhecimento era algo restrito aos Reis e ao alto clero da Igreja Católica, os livros já existiam, mas por serem escritos à mão eram caros e raros. Portanto, a partir de seu advento, a imprensa contribuiu para a popularização dos textos e do conhecimento em uma sociedade que estava sob as influências das ideias do Renascimento e em processo de aumento do número de pessoas alfabetizadas.

Em paralelo a essa realidade da resolução do problema da escassez de livros, Burke (2002, p. 175) aponta que com o surgimento da imprensa “no século XVI, o problema era o da superfluidade”. Ou seja, a produção de livros tomou proporções exponenciais que passou a alarmar alguns estudiosos. Alguns desses estudiosos chegaram a afirmar que estava se formando uma desordem de livros que precisava ser controlada (Burke, 2002; 2003). Diante dessa situação, estudiosos e pessoas que estavam em busca de conhecimento passaram a enfrentar problemas em ter que lidar com essa explosão da informação. Por assim dizer, a nova invenção acarretou em uma necessidade de existirem novos métodos de gerenciamento da informação, pois a existência cada vez maior de livros impressos trouxe facilidade para a tarefa de encontrar informações desde que fosse possível encontrar o livro certo. Dessa forma, conforme pontua Burke (2002), a explosão de informações que foi causada pela imprensa acarretou numa sequência: para cada problema que surgia como efeito dessa nova realidade, era criada uma solução que por si só virava um problema que também precisava de solução e assim foram se estabelecendo novos métodos de trabalho. Com isso, pode-se notar que os bibliotecários se tornaram ainda mais indispensáveis como por exemplo para a compilação de catálogos e sua organização.

Também se ocasionaram mudanças na maneira de escrever, uma das mais importantes e que vale a pena destacar o contexto para o seu aparecimento, é o das “notas de rodapé”. De acordo com Burke (2003), entre os séculos XVI e XVII começou a ser difundido um movimento entre alguns filósofos e estudiosos que expandia o ceticismo sobre aquilo que se conhecia. Esse movimento das doutrinas céticas na Europa pode ser considerado uma reação ao que ficou conhecido como “crise intelectual da Reforma” (Burke, 2023, p. 154). Esse movimento teria surgido através das questões religiosas que permeavam as controvérsias entre católicos e protestantes, apesar disso o movimento se estendeu para além do cunho religioso. Os principais problemas discutidos na época estavam em torno das questões referentes à parcialidade, interesse ou viés sobre as escritas a respeito da história no século XVII, também havia grande discussão acerca da distinção entre o que era genuíno ou forjado nos textos do passado. Entende-se que a explosão informacional, consequência da prensa tipográfica, colocou as informações divergentes num círculo mais amplo e acessível, portanto, o ceticismo “foi incentivado não só pelos debates filosóficos, mas também pela difusão de material impresso” (Burke, 2003, p. 155).

Diante do exposto, as notas de rodapé surgiram como uma solução para essa problemática, pois conforme pontua Burke (2003, p. 161):

O importante era a difusão da prática de dar algum tipo de orientação ao leitor de um texto particular sobre aonde ir para encontrar a evidência ou informações adicionais, fosse essa informação dada no próprio texto, à sua margem (“nota lateral”), ao pé (“nota de pé de página” ou “de rodapé”), ao final ou em apêndices especiais de documentos.

Fazendo um adendo nesse contexto histórico, é possível notar que há uma relação entre o que causou o ceticismo dessa época com as dúvidas em relação às informações de qualidade vivenciada nos dias atuais, quanto mais for possível ter as fontes como prova do que é publicado, mais verídica e confiável se torna essa publicação.

Ortega y Gasset (2006, p. 25) pontua que a partir do século XIX, diversos acontecimentos sociais tornaram o livro apoio de todo aparato social, pois “o livro torna-se socialmente imprescindível”. Porém, o autor aponta que com essa explosão bibliográfica, o homem não estava conseguindo dar conta da demanda de ler tudo que precisaria e com isso passa-se a fazer leituras às pressas que não proporcionam capacidade de assimilação do texto. A informação gerada passou então a se tornar um perigo para o homem. De acordo com Corrêa e Custódio (2018) em meados do século XX, o desenvolvimento científico e tecnológico proporcionou a existência de novos formatos de geração e disseminação da informação. O surgimento da Internet marca a passagem do formato impresso para o digital. Os textos eletrônicos começaram mais estáticos e ao longo do início do século XXI foram se tornando mais interativos, e proporcionado pelo aparecimento também das mídias sociais, traz à tona novamente o fenômeno da explosão informacional.

A partir de então, os meios de informação e comunicação digitais passaram a fazer parte da vida em sociedade e a exercer grande influência na comunicação e troca de informações entre as pessoas e o mundo de maneira geral. Nesse contexto, Froehlich (2017, sem paginação) considera que o avanço desses meios não apenas impulsionou o acesso à informação e ao conhecimento, mas também alimentou a disseminação da ignorância em suas diversas manifestações. O autor utiliza a expressão “ignorância em si” para nomear a “falta de conhecimento ou consciência, estar desinformado sobre um assunto ou fato específico (...)” (Froehlich, 2017, sem paginação, tradução nossa)⁶. Para ele, consequentemente, ao lado do direito à informação e comunicação, criou-se efetivamente um direito à ignorância pois o acesso à Internet atualmente, significa em muitos casos, acesso a recursos que reforçam preconceitos, ignorância, preconceitos e estupidez.

⁶ No original: “lacking knowledge or awareness, being uninformed about a specific subject or fact (...)”

Conforme pontua Agosto (2018, p.11, tradução nossa)⁷

Embora no mundo da informação, principalmente baseada em papel das décadas passadas, a maior parte da informação amplamente disponível tenha sido examinada por editores profissionais ou outros especialistas, grande parte da informação disponível online hoje não o é.

O’Boyle (2022) argumenta que a Internet facilitou a emergência da mídia participativa, tornando não apenas a conexão e interação entre pessoas mais acessíveis, mas também a produção e circulação de conteúdo próprio, o que resulta numa indefinição entre as funções de produtores e usuários de mídia. O que também é abordado por Agosto (2018, p. 10, tradução nossa)⁸ ao dizer que “Grande parte da informação na Web hoje é produzida pelos usuários, em vez de ser escrita por escritores profissionais, pesquisadores, repórteres e acadêmicos”.

Esse cenário favorece o surgimento do conceito de “producers” proposto por Axel Bruns em 2007:

[Hoje em dia] a produção de ideias ocorre num ambiente colaborativo e participativo que rompe as fronteiras entre produtores e consumidores e, em vez disso, permite que todos os participantes sejam utilizadores e também produtores de informação e conhecimento – frequentemente num papel inerente e inextricavelmente híbrido onde o uso é necessariamente também produtivo: os participantes são produtores. (Bruns, 2007, p. 4 apud O’Boyle, 2022, p. 154, tradução nossa)⁹

Dentro desse contexto, Agosto (2018, p. 12, tradução nossa)¹⁰ pontua o que se torna eminente com o uso cada vez maior dos meios de informação e comunicação digitais, especialmente as mídias sociais: uma enxurrada de informações não verificadas e não verificáveis sendo disseminadas online, abrangendo não apenas notícias falsas deliberadamente criadas, mas também informações involuntariamente falsas ou enganosas.

Muitas pessoas estão se comunicando com mais pessoas com mais frequência do que nas décadas passadas, e grande parte dessa atividade ocorre nas redes sociais, onde

⁷ No original: “Although in the primarily paper-based information world of decades past, most widely available information was vetted by professional editors or other experts, much of the information available online today is not.”

⁸ No original: “Much of the information on the Web today is user-produced, as opposed to being written by professional writers, researchers, news reporters, and academics.”

⁹ No original: “[Nowadays] the production of ideas takes place in a collaborative, participatory environment which breaks down the boundaries between producers and consumers and instead enables all participants to be users as well as producers of information and knowledge—frequently in an inherently and inextricably hybrid role where usage is necessarily also productive: participants are producers.”

¹⁰ No original: “Many people are communicating with more people more frequently than they did in past decades, and much of this activity is taking place in social media, where real news headlines, fake news headlines, and a barrage of other information bombards them every day.”

manchetes de notícias reais, manchetes de notícias falsas e uma enxurrada de outras informações os bombardeiam todos os dias.

Com isso, a distinção entre o que é informação de qualidade ou não, se torna um desafio. Zattar (2017) discorre com preocupação acerca da qualidade da informação quando pontua que o acesso a qualquer tipo de informação não é suficiente, embora seja tarefa essencial na atualidade. Conforme a autora, “é necessário qualidade, relevância e veracidade nos mais diferentes contextos, de forma que sejam evitadas desinformações e notícias falsas nas bolhas informacionais em que somos inseridos.” (Zattar, 2017, p. 288).

Despontam, entre os estudos acerca do tema, diversas definições para desinformação que se referem à informações mentirosas e/ou enganosas, dentre elas temos:

Quadro 2 – Conceitos de desinformação

Conceito	Fonte
Desinformação envolve informação descontextualizada, fragmentada, manipulada, retirada de sua historicidade, tendenciosa, que apaga a realidade, distorce, subtrai, rotula ou confunde. A desinformação não é necessariamente falsa; muitas vezes, trata-se de distorções ou partes da verdade.	(Brisola; Bezerra, 2018, p. 3319)
Desinformação consiste fundamentalmente em informações falsas, distorcidas ou enganosas fornecidas a um determinado adversário com a pretensão de que este tome decisões lastreadas por uma leitura equivocada de realidade. Pode ser traduzida, portanto, como o uso de mentiras com o propósito de iludir ou falsear.	Conde e Alcará (2018, p. 1614)
Podemos compreender a desinformação como uma informação totalmente desconexa com a realidade, que possui aspectos de notícia verdadeira, mas que encerra como objetivo único a distorção de fatos verídicos. A desinformação é uma informação falsa, imprecisa, enganosa, que de maneira proposital é disseminada com o desígnio de produzir prejuízo a algo ou alguém.	Martins e Almeida Junior (2021, p. 9)
Quando se fala em desinformação é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou compreendido, não somente uma notícia falsa.	Heller (2021, p. 52)
A maior parte desse conteúdo nem é falsa; muitas vezes é genuíno, usado fora do contexto e armado por pessoas que sabem que falsidades baseadas em um núcleo de verdade têm mais probabilidade de serem acreditadas e compartilhadas. E a maior parte disso não pode ser descrita como “notícias”. São os bons rumores antiquados, são memes, são vídeos manipulados, “anúncios obscuros” hiper-direcionados e fotos antigas compartilhadas novamente como novas.	Wardle (2020, sem paginação, tradução nossa)

Fonte: A autora, 2024

Schneider (2022) aborda que a literatura em língua inglesa faz uso de dois termos para diferenciar a desinformação: *disinformation* e *misinformation*. *Disinformation* é usada para a desinformação com a intenção de enganar e Wardle (2020) complementa que esse tipo tem como motivação três fatores: obter lucro financeiro, exercer influência política (tanto nacional quanto estrangeira) ou causar problemas por esses motivos. A *misinformation* é a desinformação não intencional que conforme Wardle (2020) aponta, muitas vezes alguém acaba acreditando em uma desinformação e a compartilha em suas redes sociais, achando que está ajudando. Para a autora, na internet as pessoas expressam suas identidades e buscam conexão com sua "tribo", seja ela composta por membros do mesmo partido político, pais que não vacinam seus filhos, ativistas preocupados com a mudança climática ou aqueles que pertencem a uma determinada religião, raça ou grupo étnico. Portanto, segundo ela, o compartilhamento de desinformação é impulsionado por fatores sociopsicológicos. Apesar da *misinformation* ser atribuída a uma forma de desinformação sem intenção, Schneider (2022, p. 78) destaca que ela “fortalece a desinformação ao ampliar a escala da circulação e a intensidade persuasiva da informação oriunda de fontes desinformadoras (...).”

Wardle (2020) ainda considera um terceiro termo para diferenciar a desinformação que seria o *malinformation*. O termo se trata de informações genuínas que são distorcidas e reformuladas e que são compartilhadas com a intenção de causar danos. A autora aponta que isso passa a ocorrer em parte, como resposta ao fato de que os motores de busca e as empresas de redes sociais se tornaram muito mais rigorosos na tentativa de evitar a manipulação de seus públicos. À medida que fortaleceram sua capacidade de encerrar contas falsas e adotaram políticas mais agressivas contra conteúdos enganosos, os disseminadores de desinformação perceberam que o uso de conteúdo genuíno, reformulado de maneiras novas e enganosas, tem menor probabilidade de ser detectado pelos sistemas de Inteligência Artificial.

Sobre o termo bolhas informacionais mencionado acima por Zattar (2017), Araújo e Vogel (2021) apontam que a sociedade tende a se dividir em grupos que pensem da mesma maneira, evitando o pensamento oposto. Esses grupos podem ser considerados bolhas que acabam moldando seus pensamentos, e então, as repassam não por sua veracidade, mas porque reforçam aquilo que acreditam. Dentro desse cenário é que está inserida a noção de “pós-verdade”, um tipo de prática desinformacional.

“Pós-verdade” foi eleita em 2016 como a palavra do ano pelo dicionário britânico Oxford, conforme pontua Corrêa e Custódio (2018). As autoras abordam que o dicionário em

questão define a expressão como situações em que os apelos à emoção e às crenças das pessoas têm mais peso na formação da opinião pública do que os fatos objetivos.

A pós-verdade, portanto, não resulta de uma desvalorização da verdade, das evidências e argumentos racionais, como se costuma afirmar, mas da intensificação da crise de credibilidade das principais autoridades cognitivas modernas – a Imprensa dita séria, a Ciência e o Estado de Direito – para amplos setores da população. Essa crise deriva da percepção pública de que essas instituições se afastam do interesse público e se subordinam cada vez mais a interesses corporativos. (Schneider, 2022, p. 62)

De acordo com Silva (2018), a pós-verdade é, principalmente, um fenômeno cultural, pois distorce os elementos que moldam as relações humanas na era das mídias sociais, tais como crenças, ideologias, intenções, uniformidade e ética. Além disso, possui implicações políticas, já que desconecta a formulação de políticas públicas sociais das necessidades mais urgentes da sociedade. Como um fenômeno político e cultural, a pós-verdade prioriza a busca por interesses dominantes em detrimento da promoção da justiça social, reforçando a dominação dos primeiros sobre a segunda e limitando as oportunidades de coexistência na diversidade política e cultural.

Schneider (2022) diz que não se pode considerar a pós-verdade como uma questão de indivíduos isolados, ela é um problema coletivo, sociotécnico e cultural. Porém, de acordo com o autor, se desconectar das mídias sociais não é algo aceitável e nem desejável, então a pergunta que surge é: como lidar com uma cultura de conexão específica? Para Schneider (2022) o cerne do problema não reside na conexão em si, quando vista de maneira geral e abstrata. O verdadeiro desafio está na desconexão que paradoxalmente está conectada, ou na conexão que foi alienada e apropriada pela comunicação corporativa, pela ideologia neoliberal e pela vigilância, “cujo corolário são os frutos alucinados de sua disfuncionalidade estrutural conjunta que, por assim dizer, irriga as raízes da pós-verdade”. (Schneider, 2022, p. 63)

Conforme pontua Silva (2018), as chamadas Fake News são o principal produto informacional que deriva da pós-verdade, podem ser representadas de formas simples às mais complexas e espalham-se amplamente pela internet, especialmente nas mídias sociais, de forma generalizada. As fake News podem ser caracterizadas como “arte de manipular as multidões em virtude de sua linguagem fácil e destinada a um público que já tenha uma opinião desfavorável em relação aos personagens envolvidos na mentira criada”. (Santos, 2018 apud Silva, 2018, p. 348).

Schneider (2022, p. 77) complementa o exposto da seguinte forma:

Fake News são informações falsas, disfarçadas de notícias jornalísticas do tipo sensacionalista, produzidas e propagadas intencionalmente, sobretudo nas redes digitais, para favorecer grupos de interesse. Têm sido predominantemente empregadas pela chamada nova extrema direita, com efeitos muito graves. O termo também é usado por esses mesmos elementos para desqualificar qualquer notícia séria que contrarie suas posições, gerando mais confusão.

O termo Fake News ganhou maior popularidade a partir das eleições para escolha do presidente dos Estados Unidos em 2016, conforme pontua Reis (2017). Naquele ano a campanha de Donald Trump disseminou em grande escala conteúdos falsos voltados à desmoralização de sua adversária política, Hilary Clinton. Esses conteúdos quando disseminados nas mídias sociais ganharam maior visibilidade e dimensão, pois foram bem aceitos pelos seus eleitores que identificavam neste conteúdo uma forma de reafirmação das suas convicções sem que fosse preciso checar as informações. Esse cenário culminou na vitória de Donald Trump nas eleições. Schneider (2022) e Heller (2021), abordam a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018 como sendo fruto dessa realidade de criar Fake News para desmoralizar adversários. Sua equipe se aproveitou em atrair a atenção de eleitores conservadores a partir das suas crenças, em sua maioria, religiosas, nesse caso, e de eleitores decepcionados com o cenário que o Partido dos Trabalhadores (PT) estava no momento, em meio a inúmeras denúncias de corrupção, para conseguir ganhar as eleições. A pandemia da COVID-19 também é apontada por Schneider (2022) como mais um exemplo de situação que é vítima da proporção desse instrumento de desinformação que são as Fake News. Consoante com o exposto da realidade atual de compartilhamento indiscriminado de informações falsas e/ou distorcidas, Araújo e Vogel (2021, p. 4) mencionam que “este fenômeno está ligado a um contexto político, social e econômico, cujo objetivo é criar situações de dúvida”.

Araújo (2021, p. 4) também complementa dizendo que:

Literalmente, as fake news significam notícias falsas. O primeiro elemento de sua caracterização é sua falsidade: elas são produzidas com a intenção de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. O segundo elemento é que elas buscam ser apreendidas como notícias jornalísticas verdadeiras.

O autor afirma que fake news seriam mentiras disfarçadas de jornalismo, podendo ter como origem um site que aparenta e copia as características de um site de cunho jornalístico ou serem assinadas por pessoas que não são jornalistas, mas se apresentam como, dentre outras formas de apresentação que copiam a característica do jornalismo. Cabe ressaltar que Araújo (2021) faz um adendo em que aponta que não se pode insinuar que os meios de comunicação sempre transmitem a verdade. Ele indica que muitos anos de estudos científicos demonstram

que os veículos jornalísticos operam como empresas que atendem ou estão sujeitas a interesses específicos de grupos econômicos, políticos, militares, religiosos, entre outros.

Distorções de fatos, enquadramentos favoráveis a um grupo ou desfavoráveis a outro, silêncio sobre fatos desabonadores de seus financiadores, escutar apenas um lado da questão, mistura de opinião em conteúdo informativo são algumas das várias estratégias para moldar ou distorcer a realidade conforme determinados interesses. (Araújo, 2021, p. 4)

No entanto, conforme o autor, essas instituições no processo de construção de sua credibilidade, sempre tiveram sede, registro e funcionários contratados e para não serem responsabilizadas e desacreditadas, nunca puderam inventar fatos completamente falsos. O mesmo completa que a força das fake news está na incapacidade ou desinteresse das pessoas em atribuir o mesmo grau de confiabilidade a conteúdos distintos, apenas pela aparência da informação apresentada.

Pós-verdade e Fake News são considerados por Schneider (2022, p. 78) como alguns dos tipos de “práticas desinformacionais” pois são “as vedetes do conjunto maior de fenômenos de desinformação contemporâneos(...)” (Schneider, 2022, p. 77).

Portanto, após abordar os principais tipos de desdobramentos da desinformação na sociedade atual, essa dissertação vai trabalhar com a visão da desinformação que se aproxima mais do pensamento de Heller (2021) citado anteriormente em que ela coloca que se tratando de desinformação, é crucial considerar, todas as formas de manifestação que possam enganar, incluindo textos escritos, imagens, discursos mal comunicados ou compreendidos, e não apenas notícias falsas.

Diante de todo exposto até então, infere-se que esse fenômeno que se torna cada vez mais presente no século XXI deve ser estudado para além de fenômenos restritos à internet e às plataformas de mídias sociais, pois ele traz consequências para a vida em comunidade. Dentre elas, encontramos inúmeros efeitos negativos para vários setores da sociedade como saúde pública, incentivo à violência, preconceito e intolerância, assim como, ataques aos sistemas democráticos, como colocado por Schneider (2022, p. 78):

(...) ela contribui crescentemente para a entropia do ecossistema informacional dentro do qual vivemos e por meio do qual nos orientamos, o que afeta negativamente o conjunto de todos os outros ecossistemas interconectados: ambiental, moral, político, econômico, etc.

Neste cenário de desinformação e no contexto da atuação das pessoas bibliotecárias, é importante olhar para as possibilidades de enfrentamento à desinformação, diante disso advoga-se a urgência da adoção de reflexões teórico-práticas sobre uma educação em informação que

possibilite as condições estruturais para a construção de competências infocomunicacionais, como será abordado em seguida.

4 Competências infocomunicacionais: o que são e por que promovê-las

Corrêa e Custódio (2018) entendem ser urgente a necessidade do desenvolvimento de habilidades para acessar e usar a informação de forma a distinguir o que é verdadeiro ou falso, assim como criar consciência em relação à responsabilidade com aquilo que se replica. Pode-se acrescentar a isto, o pensamento de Borges e Oliveira (2011, p. 292) que atribui ao ato de desenvolver competências em ambientes digitais como sendo uma parte do processo social atual em que os sujeitos e as organizações são desafiados com “a necessidade de empregar um conjunto de habilidades e competências requeridas para usar diferentes tipos de informação, serviços e produtos, bem como interagir socialmente através dos meios electrónicos.”

Mas o que seriam competências? A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017, p. 8) define competências como uma:

(..) mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

No âmbito da informação voltada à Biblioteconomia, Heller (2021) coloca a educação de usuários como a pioneira na promoção de competências. A autora considera que os primeiros estudos norte-americanos a esse respeito, datam de 1950 e esse ponto de vista promovia uma perspectiva em que o usuário se tornaria autônomo para utilizar os recursos da biblioteca, sendo mais voltado à busca de itens do acervo.

Conforme aponta a literatura da área (Dudziak, 2017; Gasque, 2012; Zattar, 2017; dentre outros) em 1974 surge a expressão “*information literacy*” através do bibliotecário norte americano Paul Zurkowski. Neste momento passou a ser recomendada a aplicação dos recursos informacionais no âmbito profissional, para que se solucionasse situações difíceis através de habilidades e técnicas no uso das ferramentas de acesso à informação.

No Brasil, Zattar (2017) pontua que os bibliotecários que desenvolveram os estudos a respeito da educação de usuários são os pioneiros da *information literacy*. Ela pontua que a professora Sônia Elisa Caregnato teria sido a referência primária no País e quem teria traduzido o termo *information literacy* para “alfabetização informacional”. A partir de então, é possível apontar na literatura nacional diversas formas de nomear a *information literacy* em língua portuguesa.

No entanto, a expressão “competência em informação” vem se consolidando desde a edição da elaboração da “Declaração de Maceió sobre a competência em informação”

no I Seminário de Competência em Informação, no XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), na cidade de Maceió, em Alagoas, e desde a publicação do Overview of information literacy resources worldwide pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). (Zattar, 2017, p.287)

Considerando que o conceito de competência em informação está bem solidificado na área e não convém mais amplo debate, esse trabalho irá indicar a definição dada pelo *Information Literacy Group* em 2018 e colocada por Zattar, Calil Junior e Sá (2021, p. 168) da seguinte forma:

[...]competência em informação envolve habilidades relacionadas à informação, tais como: descobrir, acessar, interpretar, analisar, gerenciar, criar, comunicar, armazenar e compartilhar a informação numa tarefa, a partir de pensamentos críticos, julgamentos equilibrados e questões éticas e legais para o exercício da cidadania e do engajamento social, contribuindo para sociedades inclusivas, participativas e democráticas.

Jussara Borges, bibliotecária, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, em sua tese de doutorado em 2011 aborda a questão a partir de outra perspectiva. Ela considera que a realidade contemporânea do ambiente digital exige novas competências, pois “O uso do ciberespaço como meio de expressão individual e comunicação social requer competências que permitam a atuação efetiva e criativa de produtores, consumidores, falantes e ouvintes, no contexto social em que querem participar” (Borges, 2011, p. 18). A autora diz ainda que quem consegue usar e entender de forma confortável as facilidades do meio tecnológico se coloca em vantagem em variados aspectos da vida que exigem comunicação e informação, como educação e emprego, existindo também a perspectiva de emancipação, igualdade social e a formação do cidadão. Entendemos então que “a capacidade de lidar com informação e interagir com pessoas está na base de vários processos sociais”, como salienta Borges (2022, p. 39). Portanto, em vistas de atender às novas demandas de informação da contemporaneidade, a autora propõe o uso do termo competências infocomunicacionais, como sendo uma “convergência de conhecimentos (saber), habilidades (saber-fazer) e atitudes (saber-ser) que se deseja desenvolver frente à informação e à comunicação ao longo de um processo de alfabetização informacional” (Borges, 2018, p.125).

Considerando que foi abordado acima a “competência em informação”, torna-se necessário abordar brevemente um pouco do que se refere às competências em comunicação para contextualizar melhor o termo “infocomunicacional” proposto por Borges que engloba as noções dos dois conceitos.

Brandão (2022) coloca a competência em comunicação como uma integração de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que habilita uma pessoa a ouvir e entender pontos de vista diferentes dos seus, ao mesmo tempo em que a capacita a se expressar de maneira crítica e consciente, respaldada por argumentos racionais e fundamentados. Isso envolve a compreensão da troca de ideias como um processo benéfico e indispensável para a coexistência na sociedade. Essa perspectiva também é exposta por Borges e Brandão (2017) que pontuam que a competência comunicacional se refere à habilidade de se comunicar com outras pessoas ou grupos, compartilhar, analisar e expor informações e ideias de maneira a alcançar um público e estabelecer uma relação de troca mútua. Pode-se considerar que essa competência também colabora para a promoção da cidadania pois “a competência em comunicação pretende o alcance de uma cidadania capaz de comunicar-se e inter-relacionar-se na sociedade dialógica atual.” (Caldeiro-Pedreira; Aguaded-Gómez, 2015 apud Brandão, 2022, p. 29).

A comunicação envolve respeito ao próximo e reconhecimento das diferenças, o que Brandão (2022) chama de alteridade. Para ela, o cuidado e sensibilidade com o próximo são necessários para se viver em comunidade, portanto considera-se que a habilidade de colaborar e socializar é mais uma perspectiva relacionada à competência comunicacional.

Diante de todo exposto é possível concordar com Borges e Brandão (2017, p. 80), ao considerarem como fundamental na sociedade atual:

a competência para estabelecer e manter comunicação, a capacidade de disseminar conteúdos de acordo com as características de cada público, a capacidade de participar interativa e criticamente em contextos de discussão e colaboração e a capacidade de desenvolver relações sociais saudáveis em ambientes digitais.

Essa interconectividade das áreas fazendo emergir um novo conceito também é abordada por Brandão, Santos e Borges (2020, p. 675) quando ressaltam que “As competências infocomunicacionais podem ser caracterizadas como a convergência de conhecimentos, habilidades e atitudes que cada um põe em ação para localizar e usar a informação necessária e interagir com outras pessoas.” Reforçando essa ideia, Brandão (2022) diz que são competências que fazem uma combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes que uma pessoa adquire ao longo da vida a fim de se informar e se comunicar na sociedade. Dessa forma, ela entende que as competências infocomunicacionais não se limitam à mera solução de problemas, mas são entendidas como saberes e práticas sociocognitivas que promovem uma visão mais crítica, reflexiva e autônoma em relação à informação e ao processo de comunicação.

O desenvolvimento de competências infocomunicacionais não é visto como um fim em si mesmo, mas sim enquanto um processo que pode levar à emancipação do sujeito, a um maior empoderamento e liberdade para selecionar, avaliar, compartilhar, usar a informação para atingir objetivos individuais ou coletivos, para aprender sozinho ou com outros. (Brandão, 2022, p. 23)

Nesse sentido, Heller, Jacobi e Borges (2020) concordam com o exposto, pois para elas, as competências infocomunicacionais não se limitam apenas às competências tradicionais relacionadas à informação (como buscar, avaliar, compreender e utilizar a informação), pois abrangem também as habilidades comunicativas que envolvem aspectos relacionais: como distribuir mensagens através do compartilhamento, participar ativamente em discussões sobre determinados temas com outras pessoas, estabelecer parcerias de trabalho, entre outras.

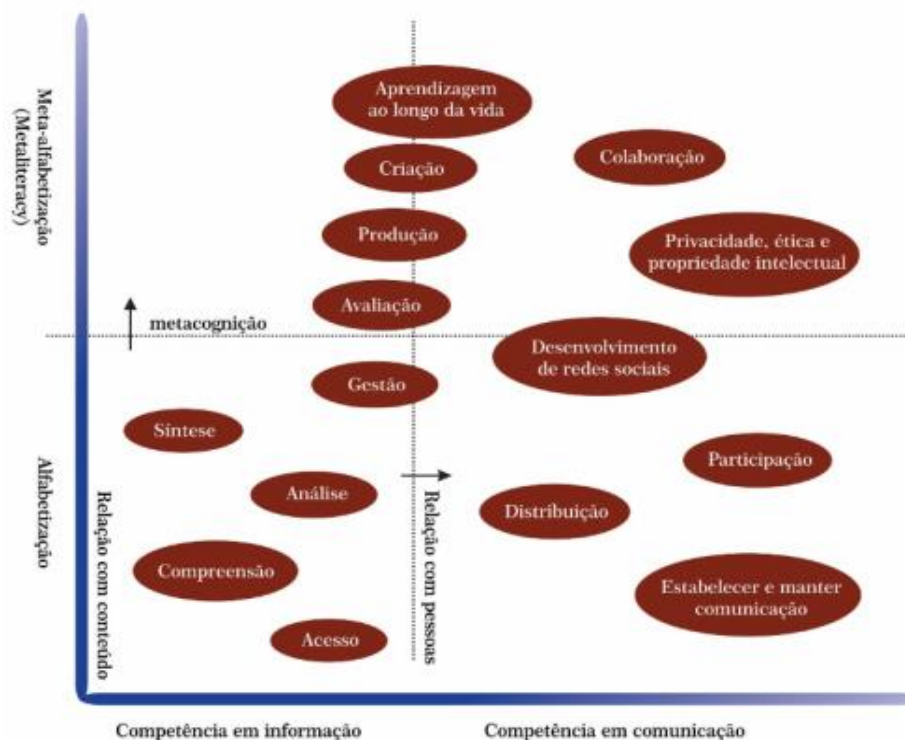
Dentro do conceito de Competências Infocomunicacionais considera-se também as competências operacionais que de acordo com Borges e Brandão (2017) levam em conta a utilização de dispositivos tecnológicos como fundamentais tanto para a competência em informação quanto para a competência em comunicação. Essas competências operacionais envolvem a capacidade de operar e compreender ferramentas tecnológicas adaptando-as conforme as necessidades individuais. O domínio e aprimoramento dessas competências facilitam a utilização das tecnologias de informação e comunicação. Brandão (2022, p. 32) compreende competências operacionais como “um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes para saber lidar criticamente com as tecnologias, considerando o seu impacto social, político e cultural. Esses saberes são, portanto, transversais e indispensáveis.” Faz-se aqui um adendo para a colocação de Brandão (2022) que aponta que esta percepção aborda o debate sobre a relação entre o acesso à informação, a educação informacional e as políticas de inclusão digital. Para ela, a ideia de inclusão transcende um conjunto de medidas, ações e políticas voltadas à disponibilização de acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), sendo necessário compreendê-la como uma ação social que abarca a capacitação do indivíduo para o manejo da informação em ambientes tecnológicos.

A metacognição é lembrada por Heller (2021) como um componente que Borges (2018) considera crucial para o desenvolvimento das competências infocomunicacionais, fundamentadas na *metaliteracy*. Como aponta Melo (2022, p. 198) a *metaliteracy* “vai além de saber fazer algo, ela envolve o aspecto metacognitivo de pensar sobre o que se faz.” De acordo com Borges (2018), a abordagem da *metaliteracy* entende que uma sociedade baseada na participação e na construção colaborativa do conhecimento exige indivíduos capazes de reavaliar suas habilidades e adaptá-las a cada contexto.

Isso tem uma aplicação objetiva no ensino de competências infocomunicacionais, por exemplo, por que uma coisa é mostrar fontes e ensinar estratégias de busca e seleção da informação; outra é promover a compreensão do que está implicado nesta ação em termos de conhecimentos, habilidades e atitudes: o que, como e porque se realiza determinada atividade. (Borges, 2018, p. 126)

Borges (2018) apresentou em seu artigo uma síntese da categorização das competências infocomunicacionais e seus indicadores. Essa síntese pode ser encontrada nesse trabalho no Anexo C. A figura 1 resume a estrutura conceitual que sustenta as categorias e indicadores presentes nesse Anexo.

Figura 1- Estrutura conceitual das competências infocomunicacionais



Fonte: Borges (2018, p. 127)

Heller (2021) explica a figura acima afirmando que ao examinar o quadrante da alfabetização, observa-se que as competências em informação estão relacionadas com o manejo do conteúdo da informação. A metacognição, entendida como a compreensão do processo de alfabetização, permite ao indivíduo avaliar, produzir, criar e aprender continuamente sobre os conteúdos. Nos quadrantes da competência em comunicação, a alfabetização e a meta-alfabetização mostram-se adequadas para desenvolver esta competência, que envolve a relação com as pessoas. Assim, é na interação humana que se possibilita a distribuição de informações,

manutenção da comunicação, participação, desenvolvimento de redes sociais, atenção à privacidade, ética e propriedade intelectual, além da colaboração. A aprendizagem ao longo da vida é um tópico que também é encontrado no quadrante da competência em comunicação.

Em conformidade com o exposto, Brandão (2022, p.34) afirma:

(...) entende-se que as competências infocomunicacionais contribuem para alargar a visão do sujeito em torno dos seus conhecimentos, habilidades e atitudes, despertando para a autorreflexão em torno do próprio aprendizado. Assim como estimulam um perfil mais ativo colaborativo, ao passo que melhoram sua capacidade para a busca, a avaliação e o uso da informação; enriquecem sua relação com o outro ao trabalhar aspectos do seu processo comunicacional, como aprender a dialogar, interagir e trabalhar colaborativamente.

Voltando-se então para a realidade de uma sociedade que está pautada na conexão crescente em tempo real, nota-se que as competências infocomunicacionais podem desempenhar um papel crucial, pois a todo momento nas mídias sociais há difusão de boatos, informações falsas, mas também informações importantes e relevantes. A educação em informação voltada à promoção de competências infocomunicacionais é importante para o bem estar social, pois dentro deste cenário em que as mídias sociais dominam a forma de acesso à informação e comunicação da sociedade, Borges (2022) exemplifica que fazer bullying nas redes pode ser tão prejudicial quanto não se manifestar diante de assuntos importantes. A autora afirma que não se trata apenas de avaliar a informação recebida, “trata-se também de avaliação da comunicação emitida e intercambiada e, portanto, da responsabilidade de cada um enquanto distribuidor, produtor e colaborador em rede” (Borges, 2022, p. 41).

Contudo, a promoção de competências infocomunicacionais tem potência para avançar para uma educação de caráter mais inclusivo e social, na qual as pessoas são estimuladas a compreender e refletir sobre o mundo infocomunicacional: por que este conteúdo chegou até mim? Quais os interesses envolvidos? Qual a minha responsabilidade ao disseminar informações? Nesse sentido, a promoção de competências alcança uma perspectiva emancipatória, atuando, talvez, na busca de equidade social e liberdade de pensamento. (Borges, 2022, p. 38).

Portanto, dentro de um contexto de déficit de uma cultura de educação em informação, Borges (2022) considera que os tipos mais comuns de desinformação, como as fake news, ganham espaço pois não há na sociedade o costume de checagem de veracidade e comparação de fontes ou então já não veem mais importância nisso. A autora entende que uma formação que incentive as competências infocomunicacionais é fundamental neste cenário porque ela não apenas estimula e torna habitual a busca ativa de informações, mas também fomenta a reflexão, a dúvida e o questionamento. A abordagem deve, portanto, centrar-se na capacitação de indivíduos que sejam “capazes de decidir de que informação necessitam, que sejam ativas na

escolha das fontes e mídias que consomem e protagonistas das intervenções que desejam” (Borges, 2022, p. 40). Nesse sentido, Dedavid, Martini e Borges (2023) afirmam que as competências infocomunicacionais podem proporcionar o desenvolvimento da autonomia, do senso crítico, do comportamento ético e cidadão. Porque os sujeitos passam a questionar, não só as informações, mas a sua relação com ela e com os outros.

De acordo com Borges (2022), ao saber usar as fontes de informação, o sujeito obtém habilidade para usar as ferramentas de checagem, e a partir do entendimento da importância disso, ele passa a lidar com a informação e com a troca de informação de forma costumeira e amistosa. Complementa-se essa abordagem com a colocação de Dedavid, Martini e Borges (2023, p. 6), que afirmam que “os sujeitos se tornam agentes em um processo de ensino-aprendizagem onde todos os envolvidos se relacionam de maneira proveitosa, trocando informações, conhecimentos e experiências cotidianas de seu envolvimento com a informação”. Porém essa ainda não é uma realidade vivida pelo brasileiro, diante disso, Borges (2022) acredita que os profissionais da informação, em especial, podem ser catalizadores dos processos de educação em informação dos leitores, de forma a promover as competências infocomunicacionais. Ela aponta que, se ao desenvolver essas competências, puder instigar a dúvida, e a partir dela, o questionamento, culminando em reflexão que resulte em ações conscientes, estará dando-se um passo crucial na formação de cidadãos que façam uso crítico e saudável da informação.

Dessa forma, na próxima seção abordaremos a contribuição da pessoa bibliotecária nesse contexto.

5 A pessoa bibliotecária e seu papel para o enfrentamento à desinformação

Sob a perspectiva da atuação profissional, a educação em informação oferece um amplo leque de possibilidades para a pessoa bibliotecária nos tempos atuais. Em primeiro lugar, isso ocorre porque pessoas de diferentes grupos etários e áreas de interesse requerem algum tipo ou nível de instrução em relação à informação. E também, a biblioteca tradicional enfrenta desafios em meio à diversidade e facilidade de acesso a outras fontes de informação. Esta aparente ameaça ao espaço de atuação profissional pode, na verdade, ser vista como uma oportunidade para compensar o perfil e o papel da pessoa bibliotecária. Se o foco real do trabalho é a informação em si, e não apenas os livros, e se essa informação transcende os limites da biblioteca, talvez seja a hora de mudar o foco da gestão da informação para a gestão da informação na intenção de educar para gerir a informação e sua comunicação em variados âmbitos (Borges, 2018).

5.1 Missão e ética do bibliotecário no combate à desinformação

Considerando o desenvolvimento tecnológico e a produção e disseminação informacional crescente, Silva e Tanus (2019) creem que, para os profissionais da informação, essa realidade trouxe mais responsabilidades em seu currículo ocasionando uma demanda maior de habilidades para o trato com a informação e com os procedimentos de mediação. O que se pode considerar que está em consonância com Ortega Y Gasset, que em 1935, fala - de acordo com a concepção da época - a respeito da missão da pessoa bibliotecária estar em constante mudança de paradigma:

Para determinar a missão do bibliotecário, é preciso partir não do homem que a exerce, de seus gostos, curiosidades ou conveniências, tampouco de um ideal abstrato que pretendesse definir de uma vez por todas o que é uma biblioteca, mas da necessidade social a que serve vossa profissão. E esta necessidade, como tudo que é propriamente humano, não consiste em uma magnitude fixa, mas é, essencialmente variável, migratória, evolutiva; em suma, histórica. (Ortega y Gasset, 2006, p. 16).

Ainda sob esse aspecto, é importante apontar que Ortega y Gasset (2006) em seu discurso fez uma reflexão que se comprova como bastante atual a respeito da atuação da pessoa bibliotecária do futuro que passaria a ter que se tornar uma espécie de médico higienista das leituras. Entende-se essa atuação como uma função de mediação que a pessoa bibliotecária deveria passar a fazer entre o livro e o leitor, ajudando o leitor a encontrar a informação que necessita e fazendo um filtro entre o que é confiável ou não. Diante dessa atuação, a pessoa

bibliotecária estaria cumprindo seu papel social de orientar o leitor para o uso crítico da informação.

Nesse mesmo sentido, Corrêa e Custódio (2018) dizem que a missão proposta por Ortega y Gasset pode revelar-se atual diante da realidade das últimas décadas que é marcada pela cultura digital, mostrando que a atuação da pessoa bibliotecária deve estar em constante desenvolvimento de forma a corresponder a necessidade de um papel social. Essa mudança de perfil de atuação da pessoa bibliotecária de acordo com as necessidades sociais é uma realidade que também é exposta por Silva e Tanus (2019, p. 67):

Enfatiza-se que a busca pela definição do perfil e atuação desses profissionais não se esgotam, pois é um processo de construção dinâmico e que envolve as mudanças informacionais e tecnológicas, que por sua vez estão imbricadas com os contextos político, econômico, social e cultural.

Entendendo que nem todas as pessoas possuem habilidades para se encontrarem em meio a tantas informações, ou distinguirem o que é real do que é falso, Corrêa e Custódio (2018) apontam que a missão da pessoa bibliotecária se torna ainda mais relevante em termos sociais. Seus conhecimentos profissionais permitem que se navegue pela Internet e pelas redes de forma mais orientada e podem assim oferecer serviços de informação personalizados e também auxiliar as pessoas a identificar fontes seguras de informação.

Heller (2022) considera que em virtude da sobrecarga informacional e do crescimento da desinformação, não é possível contar com profissionais como jornalistas que façam a checagem da informação a todo momento, pois a cada instante aparece uma gama de novos conteúdos na rede e com isso não se consegue mais, enquanto profissionais, acabar com o problema já que não é possível acompanhar a velocidade com que a informação se propaga. Diante disso, a autora aponta que a pessoa bibliotecária, como profissional da informação, deve encarar o problema como seu pois,

[...]o caminho para que a informação seja avaliada criticamente e cada vez menos tenhamos disseminação de desinformações é promover as competências em nossos ambientes de informação, para que cada sujeito tenha autonomia para avaliar a informação. (Heller, 2022, p. 95).

Dentro desse contexto Furtado e Dias (2023) ponderam que devido às proporções que o fenômeno da desinformação tomou, não se pode afirmar haver uma solução para um problema global de tamanha magnitude, porém os autores também consideram que as funções exercidas pela pessoa bibliotecária incentivem a familiaridade dos leitores com a informação. Os autores entendem que é possível colocar a pessoa bibliotecária como um agente significativo para combater a desinformação pois a mesma emprega a mediação da informação e a educação dos

usuários como ferramentas para aprimorar o relacionamento das pessoas com a informação, promovendo um comportamento informacional mais atento e crítico, capacitando-as a lidar de maneira mais cuidadosa com a informação.

Em vista de atender as necessidades informacionais no contexto atual de disseminação crescente de desinformação, Silva e Tanus (2019) entendem que a pessoa bibliotecária é o agente principal, conforme sua formação, que dispõe de competências para mediar e ensinar usuários durante o processo de construção do conhecimento. Borges (2022) concorda, pois, mesmo havendo outros profissionais que também podem mediar a informação, a pessoa bibliotecária aparentemente é uma das mais próximas do sujeito, sabe das suas demandas e comportamentos podendo personalizar uma formação mais direcionada.

Portanto, infere-se que diante do cenário atual a pessoa bibliotecária precisa tomar para si a responsabilidade de garantir a educação dos leitores para o reconhecimento das informações quanto à sua relevância e veracidade. Porém um ponto importante a considerar a esse respeito e levantado por Corrêa e Custódio (2018) e Silva e Tanus (2019) é que somente um indivíduo habilitado em informação estará apto a instruir e orientar outros indivíduos durante o processo de assimilação e desenvolvimento do conhecimento. Desse modo, para que o enfoque social que a missão da pessoa bibliotecária possui seja alcançado, é necessário que o profissional procure estar sempre procurando capacitações para estar em constante construção de suas próprias habilidades em processos informacionais e tenha capacidade de mediar esse conhecimento de maneira contextualizada.

Dentro dessa perspectiva, Froehlich (2017, sem paginação, tradução nossa)¹¹ discorre que:

Os profissionais da informação não estão imunes às variáveis de desconhecimento ou informações erradas (...). Muitos especialistas da informação podem estar propensos à falta de informação ou à desinformação, devido à falta de conhecimento ou competência.

Ele considera que é importante que as pessoas bibliotecárias lidem com suas ignorâncias e preconceitos e procurando atualizar-se.

Temos muitos novos desafios nas profissões de biblioteca e informação à medida que nos tornamos cada vez mais conectados e digitalizados. Mas para evitar ocasiões de violação da ética da informação ou de prática da ética da ignorância, devemos permanecer atuais, competentes e conhecedores (incluindo saber quando o nosso conjunto de competências foi excedido) e devemos procurar programas que

¹¹ No original: “Information professionals are not immune to some of the varieties of ignorance or misinformation (...). Many information specialists may be prone to missing information or misinformation, due to a lack of knowledge or competence.”

promovam a literacia informacional individual e coletiva. (Froehlich, 2017, sem paginação, tradução nossa)¹².

Para exemplificar o exposto, o autor indaga se é aceitável ou se a pessoa bibliotecária estaria se comportando de forma antiética ao afirmar que o Google é uma fonte confiável de informação e recomendar os usuários a usar uma fonte de informação em que algoritmo frequentemente produz resultados aceitáveis, mas pode não garantir os melhores resultados (ou mesmo melhorá-los). O texto de Froehlich (2017, sem paginação) sugere que a ética é questionável quando tanto os usuários quanto as pessoas bibliotecárias ignoram que os algoritmos do Google favorecem resultados populares, perpetuando um ciclo em que as páginas mais populares ficam cada vez mais visíveis sendo que estas nem sempre são de cunho verídico. O autor aborda que embora os motores de busca como o Google e o Bing sejam úteis para resultados gerais, sua eficácia pode ser limitada quando se busca alta precisão ou abrangência em trabalhos intelectuais dentro de um mesmo tema. Ele também traz à reflexão que profissionais da informação enfrentam desafios ao selecionar e recomendar bases de dados devido à falta de controle de autoridade pelas variadas bases de dados, que pode resultar em muitas variantes de nomes de autores e periódicos, comprometendo a precisão das buscas.

Froehlich (2017, sem paginação) discorre que apesar das boas intenções das pessoas bibliotecárias em auxiliar os usuários na pesquisa, é crucial que elas compreendam as limitações dos sistemas de busca e as variações nas práticas de indexação entre diferentes bases de dados. Isso revela um obstáculo significativo na busca por precisão e abrangência, evidenciando a necessidade de maior conscientização sobre essas questões. E ainda no que diz respeito às citações, a internet oferece às pessoas bibliotecárias e buscadores de informação diversas ferramentas semelhantes às bibliotecas tradicionais. Contudo, é fundamental que as pessoas bibliotecárias sejam criteriosas ao recomendar essas ferramentas específicas. Por exemplo, altas contagens de citações nem sempre indicam um uso genuíno do trabalho referenciado e podem ser influenciadas pelo "efeito halo", usado para aumentar o prestígio. É essencial que os profissionais da informação conheçam os pontos fortes e fracos dessas ferramentas e os comuniquem aos usuários finais para evitar equívocos ou que ele fique involuntariamente com informações faltantes ou desinformação. Portanto, concordando com o que colocaram Corrêa e Custódio (2018) e Silva e Tanus (2019) acima, diante dos exemplos citados por Froehlich

¹² No original: "We have many new challenges in the library and information professions as we become more and more wired and digitized. But to avoid occasions of violating information ethics or practicing the ethics of ignorance, we must remain current, competent, and knowledgeable (including knowing when our skill set has been exceeded) and we must seek programs that promote individual and collective information literacy."

(2017, sem paginação, tradução nossa)¹³ o mesmo considera que “É uma coisa nobre tornar-se um profissional da informação, mas as aptidões e competências de cada um devem ser sempre aperfeiçoadas, especialmente numa era de falta de informação, desinformação, auto-engano e afins”.

Voltando-se à preocupação com essa realidade de propagação de desinformação, a International Federation of Library Association and Institutions (IFLA) através da publicação “Alternative facts and fake news – verifiability in the information society”, indica a importância da verificação das informações e também expõe a relevância das bibliotecas - através da figura da pessoa bibliotecária (que é quem atua na linha de frente pensando nas necessidades do seu público) - de atuarem como educadoras no que ela denomina em sua publicação como “alfabetização midiática”. A instituição traz em sua publicação, um infográfico (que foi traduzido para mais de 30 idiomas) para que as bibliotecas e pessoas bibliotecárias tornem público oito passos que ajudam a identificar a veracidade de uma determinada notícia.

Figura 2 - Como identificar notícias falsas



Fonte: International Federation of Library Association and Institutions (2017)

¹³ No original: “It is a noble thing to become an information professional, but one's skills and competencies must be ever honed, especially in an age of missing information, misinformation, disinformation, self-deception and the like.”

Após o cenário de desinformações que circulou com a Pandemia da COVID-19 e causaram inúmeros danos no combate à doença, a IFLA sentiu necessidade de atualizar o Infográfico lançado em 2017 e lançou em 2020 o infográfico edição COVID-19.

Figura 3 - Como identificar notícias falsas – Edição Covid-19



Fonte: International Federation of Library Association and Institutions (2020)

Destaca-se a colocação de Heller (2022) de que os profissionais da informação - no caso aqui, as pessoas bibliotecárias - devem se preocupar com o uso correto das informações a fim de evitar a propagação de desinformação, como as Fake News e podem assim desempenhar um papel importante no combate ao uso inadequado dos conteúdos informacionais. De forma similar, Melo (2022) aponta que ao capacitar os indivíduos com o desenvolvimento de habilidades críticas e ferramentas para verificação das informações que recebem a todo momento em seus aparelhos eletrônicos, o trabalho da pessoa bibliotecária ganha uma relevância especial em tempos de disseminação de Fake News. Essa questão também foi levantada por Silva e Tanus (2019, p. 68):

Para além do acesso às informações e/ou avaliações das fontes, o bibliotecário precisa se ater às questões concernentes à apropriação da informação, discutir sobre a informação que é interpretada é também sua responsabilidade. E nessa era da pós-verdade, em que as opiniões assumem importância maior que os fatos, em que as

informações são manipuladas, construídas com vistas a uma desinformação, o papel do bibliotecário como um mediador/educador é de suma importância.

Melo (2022) aborda que a luta contra a disseminação de notícias falsas nas mídias sociais exemplifica uma nova responsabilidade que foi incorporada ao campo de atuação da pessoa bibliotecária nos tempos atuais. Isso evidencia que a profissão está constantemente se renovando, exigindo uma postura de aprendizado contínuo. Ao incluir essas novas demandas ao trabalho, reexaminam-se as competências essenciais da profissão e as adaptam ao cenário informacional atual.

Portanto, após tudo que foi explicitado até aqui, fica claro que assim como Corrêa e Custódio (2018) colocam, a pessoa bibliotecária tem a possibilidade de desempenhar um papel fundamental na educação de cidadãos autônomos, capacitando-os a buscar e acessar informações, enquanto promove a consciência crítica em relação à sua utilização, visando não apenas ao benefício individual, mas também ao bem-estar coletivo. Assim sendo, concordamos com Borges (2022) ao considerar que é muito importante a pessoa bibliotecária atuar na direção de garantir as condições estruturais para a promoção dos leitores, pois aqueles/as a quem é dada a oportunidade de passar por processos de educação em informação, possuem as condições para a construção de leituras críticas do mundo que os cerca e seus vínculos com o mesmo e tornam-se aptos a dialogar e interrogar suas verdades, possuem as condições de transformar a realidade, pois não a enxergam como algo estático ou dado, mas como resultados de processos sócio-históricos e passível de transformação.

Considerando que a comunicação é o que norteia o meio digital, um único sujeito competente pode gerar um efeito coletivo, pois essa pessoa pode também passar a transmitir seus conhecimentos ao seu grupo, como é possível inferir na colocação de Borges (2022, p. 48):

Da mesma forma, um único sujeito pode ser agente de mudança em seu grupo. Assim, a relevância de que a promoção de competências infocomunicacionais atinja também o aspecto atitudinal – além de conhecimentos e habilidades – na formação de um sujeito também fomentador da educação para a informação em sua comunidade.

Colocação essa é também abordada por Oltmann (2018, p.88, tradução nossa)¹⁴:

Por sua vez, os indivíduos com literacia informacional muitas vezes ajudam outros a obter acesso à informação, criando um potencial efeito cascata de literacia

¹⁴ No original: “In turn, information-literate individuals often help others with gaining access to information, creating a potential ripple effect of information literacy and overall reducing the effects of fake news. This is one of the most important reasons to teach information literacy to one’s patrons.”

informativa e, em geral, reduzindo os efeitos das notícias falsas. Esta é uma das razões mais importantes para ensinar alfabetização informativa aos seus clientes.

Após abordar o papel da pessoa bibliotecária nesse contexto de desinformação atual, na subseção a seguir pretende-se apresentar iniciativas encontradas na literatura e na internet, que tenham por intenção promover educação para o enfrentamento à desinformação.

5.2 Práticas de educação em informação para o enfrentamento à desinformação

Algumas das iniciativas aqui descritas não contaram com a participação de pessoas bibliotecárias; no entanto, avalia-se que são propostas facilmente aplicáveis se adaptadas e integradas às atividades desempenhadas por esses profissionais. São iniciativas que tanto podem ser reproduzidas como podem servir de suporte para a produção de atividades.

Brandão, Lima e Galiza (2019) discorrem sobre o curso "Promoção de competências infocomunicacionais entre estudantes do ensino médio" que foi elaborado e aplicado pelas mesmas. O curso teve como objetivo promover competências infocomunicacionais entre estudantes de ensino médio de Salvador, e foi elaborado em formato semi-presencial. As aulas online foram conduzidas via Moodle e os encontros presenciais ocorreram em quatro sessões no colégio. O conteúdo foi dividido em dois módulos: o primeiro focado em competências em informação e o segundo em competências em comunicação. No Módulo 1, os estudantes aprenderam a identificar necessidades de informação, selecionar fontes adequadas, e evitar plágio. No Módulo 2, o foco foi em competências comunicativas, abordando a efetividade da comunicação, responsabilidade ao compartilhar informações, privacidade, ética, propriedade intelectual, e engajamento em redes sociais e mídias colaborativas para incentivar o trabalho em equipe e o aprendizado contínuo.

Em resumo, cada módulo do curso incluiu imagens sobre os assuntos, videoaulas, atividades, exercícios, materiais complementares e uma avaliação final. O layout do ambiente virtual de aprendizagem no Moodle foi montado com recursos visuais e design, priorizando atividades interativas baseadas na solução de problemas para uma avaliação gradativa e direcionada à realidade do estudante. Foram utilizados recursos audiovisuais, como videoaulas e imagens, para dinamizar a aprendizagem, atrair a atenção dos jovens e incentivar sua participação, fatores essenciais para a aceitação do curso. As atividades práticas foram desenvolvidas para exercitar as competências dos estudantes, confrontando-os com situações reais do cotidiano que demandam a aplicação dessas competências. No módulo de competências em informação, as atividades focaram em encontrar, avaliar e utilizar

informações pertinentes e confiáveis. No módulo de competências em comunicação, as atividades incentivaram a seleção de meios de comunicação adequados, o diálogo, a interação e o compartilhamento responsável de conteúdos.

Abaixo apresenta-se a estruturação dos módulos do curso.

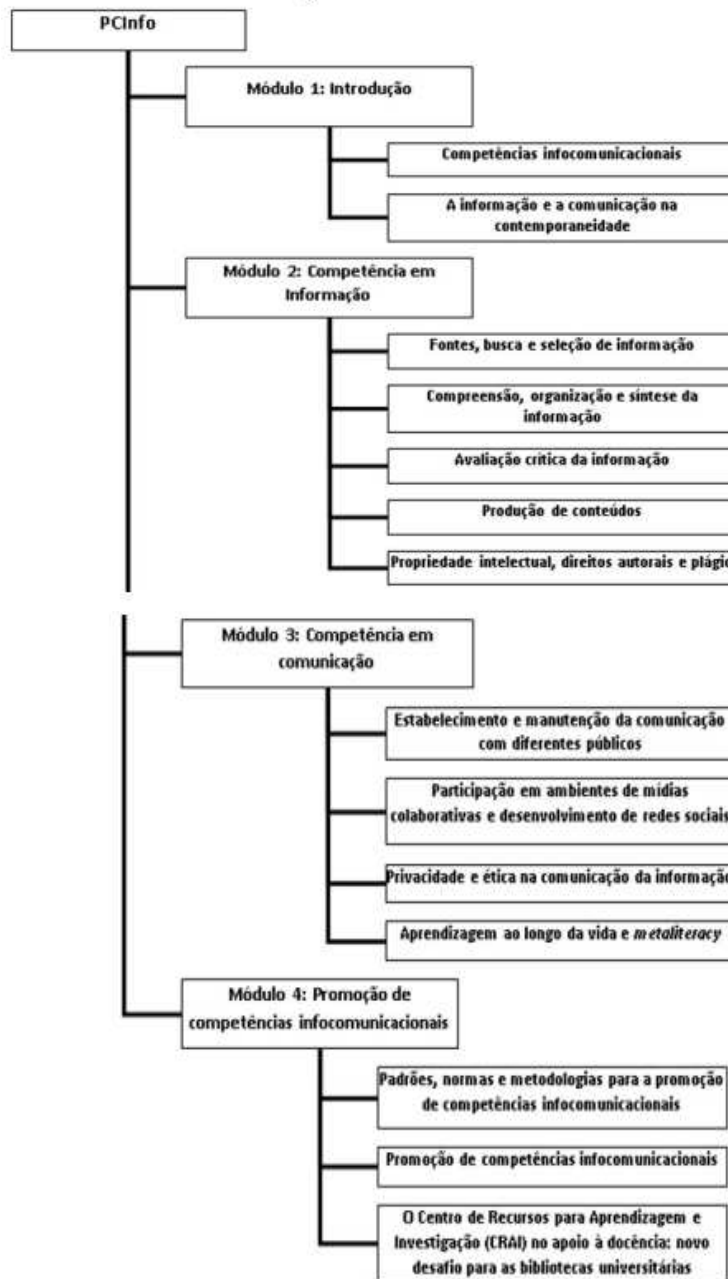
Figura 4 - Módulos do curso "Promoção de competências infocomunicacionais entre estudantes do ensino médio"

Módulo 1: Competências em informação	Módulo 2: Competências em comunicação
1. Necessidade e acesso à informação 2. Fontes de informação 3. Compreensão, análise e síntese da informação 4. Avaliação crítica da informação 5. Organização e uso da informação 6. Produção e criação de conteúdos	1. Estabelecimento e manutenção da comunicação com diferentes públicos 2. Distribuição e disseminação de conteúdos 3. Participação em ambientes de mídias colaborativas 4. Desenvolvimento de redes sociais 5. Privacidade, ética e propriedade intelectual 6. Colaboração e aprendizagem ao longo da vida

Fonte: Brandão; Lima e Galiza (2019, p. 6)

O curso “Promoção de competências infocomunicacionais no Ensino Superior (PCInfo)” é apresentado por Brandão (2022). Este curso de extensão voltado à estudantes de Biblioteconomia e pessoas bibliotecárias teve como objetivo promover competências infocomunicacionais entre estudantes e profissionais da informação, visando desenvolver uma compreensão crítica e reflexiva sobre a informação e a comunicação. O curso buscou capacitar os participantes a utilizar ambientes digitais para aprender, participar, colaborar e produzir conteúdos de maneira eficaz. A equipe foi composta por pessoas ligadas ao curso mencionado acima e outras mais, e entre eles haviam pedagogos, profissionais da área da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Embora seja um curso mais voltado às pessoas da área da informação, nota-se na figura 5 que o curso tem uma estrutura bem parecida com a do curso voltado à estudantes do Ensino Médio. Brandão (2022) aponta que ao incentivar a ação e a reflexão no processo de ensino e aprendizagem, foi notável a conexão que os estudantes do PCInfo fizeram entre as competências infocomunicacionais e sua prática profissional. Essa conexão evidenciou as contribuições dessas competências para o trabalho do bibliotecário, especialmente no que diz respeito à mediação da informação.

Figura 5 - Estrutura do curso de extensão PCInfo.



Fonte: Brandão (2022, p. 229)

No site da Rede Nacional de Combate à Desinformação (RNDC)¹⁵ há uma lista extensa de instituições, coletivos, campanhas, projetos, projetos de pesquisa, programas de pós-graduação, agências, entre outros, que se juntaram à Rede por possuírem algum trabalho ou contribuição que pretenda atuar no enfrentamento à desinformação no Brasil. Dentre todas, destacamos algumas para ilustrar atividades que podem ser feitas por pessoas bibliotecárias.

¹⁵ <https://rncd.org/>

- Vaza Falsiane¹⁶

Trata-se de um curso online inteiramente gratuito, concebido por três amigos que são jornalistas e professores universitários. O curso possui uma página nas mídias sociais, onde periodicamente são publicados “memes” e tirinhas relacionados às situações decorrentes da desinformação, bem como postagens informativas sobre o tema. Sobre o curso em si, embora possua alguns temas que são mais dominados por jornalistas, ele possui em seus módulos e submódulos abordagens que podem ser adaptadas e oferecidas como oficinas por pessoas bibliotecárias para o público das bibliotecas. O curso é composto por quatro módulos, dispostos da seguinte forma:

Módulo 1: Informação e desinformação: principais conceitos

- Teste seus conhecimentos sobre fake news
- Como saber se é verdade o que ouvi dizer?
- E essa história de que a mídia manipula?
- O mundo que existe entre a verdade e a mentira.
- O mercado lucrativo das notícias falsas

Módulo 2: Identificar e combater fake news

- Como identificar quem erra sempre – e de propósito
- Como se aprofundar na descoberta de fake news
- Compartilhando notícias like a boss
- Como usar o diálogo para combater as notícias falsas

Módulo 3: Fake News e política

- Discurso do ódio: onde vive? do que se alimenta? como se reproduz?
- Eleições e desinformação: um voto de (des)confiança.
- Além (e aquém) do fake

Módulo 4:

- Fake science: sabotagem no combate à pandemia
- Manipulação emocional: ódio e medo a serviço da mentira
- Leis e projetos contra fake news
- A caixa preta do whatsapp
- As plataformas se mexem
- A sociedade se mexe

¹⁶ Site: <https://vazafalsiane.com/> Rede social: <https://www.instagram.com/cursovazafalsiane/>

- O estado se mexe?

- Projeto Infocast¹⁷

É um podcast ligado ao Projeto de Extensão "Infocast: Educação Midiática e Combate à Desinformação" do IF Sudeste MG - Campus Muriaé. O projeto que está parado desde dez/2023 busca divulgar conteúdos em formato de áudio, com o objetivo de esclarecer ou até mesmo desmentir informações que foram alvo de notícias falsas. Como consta na página do IF Sudeste MG¹⁸, a dinâmica dos trabalhos dava-se com a pesquisa de notícias falsas que circulam na internet, especialmente nas mídias sociais. Estas notícias passam por verificação por meio de sites de notícias, jornais, revistas científicas e plataformas especializadas em fact-checking. Essas pesquisas passavam a fazer parte de um banco de dados que continham tanto notícias baseadas em fundamentos científicos quanto material relacionado às fake news, como capturas de tela de mensagens do WhatsApp, publicações do Facebook ou sites de desinformação. Com esse material em mãos, procede-se à seleção das notícias falsas a serem analisadas, à elaboração do roteiro e, finalmente, à gravação. O infocast foi produzido com formato de divulgação de episódios curtos quinzenalmente, e mensalmente era posto ao ar episódios mais longos que contavam com a participação de especialistas numa espécie de bate papo sobre assuntos envolvidos em desinformação.

- Educamídia¹⁹

É um programa do Instituto Palavra Aberta com o apoio do Google.org. O programa foi criado com o objetivo de capacitar professores e organizações de ensino no processo de educação midiática dos jovens. O site do programa traz planos de aula que se tratam de roteiros minuciosos para introduzir a educação midiática nas escolas, contendo um guia com passo a passo para as aulas, todos os materiais necessários para sua execução e recomendações de recursos complementares. Os materiais presentes no site podem ser facilmente usados por pessoas bibliotecárias para elaboração de atividades a serem feitas com seus usuários.

¹⁷ <https://open.spotify.com/show/0Pq4RoCqCwQLBtPUJjKFKa?si=a294a287d60f4b9a>

¹⁸ <https://www.ifsudestemg.edu.br/noticias/muriae/infocast-projeto-do-campus-muriae-combate-fake-news-com-checagem-de-informacao>

¹⁹ <https://educamidia.org.br/>

Como exemplo, trazemos abaixo o roteiro para aula sobre “O Universo da Informação” retirado do site do programa. Para o plano de aula abaixo ainda consta ao final da página materiais para uso nas aulas como slides, pdfs e ideias para explorar mais o tema.

Quadro 3- Roteiro de aula do curso “O universo da Informação”

Objetivos	Desenvolver atitude reflexiva e ativa diante da informação, de modo a diferenciar os tipos de conteúdo a que estamos expostos. Identificar notícia, sátira, opinião, publicidade (ou conteúdo patrocinado), propaganda e outros; e compreender a “intenção” de cada formato com o público.
AULA 1 – Interrogando a informação	
Ativação	10 min Promova um debate para entender como seus alunos se mantêm informados. Eles buscam ativamente algum tipo de conteúdo online e offline? Quais tipos? Por meio de quais canais acompanham o que acontece de relevante no mundo? Que elementos procuram na informação para saber sua natureza (se é notícia, publicidade, humor etc.)?
Desenvolvimento	15 min A partir das respostas da ativação, introduza a ideia de que precisamos ter uma atitude reflexiva diante das informações. Ao invés de simplesmente consumi-la, é preciso interrogá-la (consultar a ficha do Project Look Sharp) (disponível link no site).
Fechamento	15 min Apresente aos alunos um conteúdo impresso ou em vídeo ligado a algum tema de interesse da turma (que você deve selecionar antes da aula). Juntos, analisem as informações a partir das perguntas propostas na ficha do Project Look Sharp.
AULA 2 – Identificando as mensagens	
Ativação	10 min Retome o conteúdo apresentado na aula anterior, lendo com os alunos as perguntas propostas na ficha do Project Look Sharp. 25 min Apresente aos alunos uma seleção de informações sobre determinado tema (na área de recursos, abaixo, você encontra sugestões com o tema “Usain Bolt e Atletismo”). Peça que eles identifiquem a principal intenção de cada recurso. Perguntas que podem ajudar a identificar o propósito dos conteúdos apresentados: que tipo de sentimento essa informação desperta em você? O que o autor deste conteúdo pretende comunicar? Educador(a): Você pode criar sua própria coleção de informações, organizando em um documento exemplos de notícia, publicidade, sátira, propaganda, informação bruta etc. sobre um mesmo tema. Uma sugestão é aproveitar algum assunto de sua disciplina para criar esse material.
Fechamento	5 min Peça que os alunos, individualmente ou em grupos, destaquem o que aprenderam de mais relevante com este plano de aula. A reflexão pode ser feita oralmente, se houver tempo para que todos falem, ou por escrito. Educador(a): Dependendo do tempo, você pode acrescentar atividades a este plano de aula, conforme sugestão apresentada na área “Para explorar mais”.

Fonte: Adaptação feita pela autora do site: <https://educamidia.org.br/plano-de-aula/o-universo-da-informacao>

- Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD)

Conforme discriminado no site da Comissão trata-se de um projeto que surgiu em 2018 inicialmente como uma comissão de trabalho da Biblioteca Universitária da Universidade

Federal de Santa Catarina (UFSC). Hoje trata-se de um programa de extensão do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Santa Catarina e da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e que também inclui membros da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e da Universidade Estadual Paulista (Unesp). A equipe é composta por pessoas bibliotecárias, professores universitários e profissionais da área de jornalismo que atuam nas áreas de Ciência da Informação, Filosofia, Comunicação e Educação.

Os objetivos da CIDAD concentram-se em oferecer serviços relacionados à confiabilidade informacional e ao combate à desinformação, da seguinte forma:

Realização de cursos, oficinas e capacitações; Produção de tutoriais e materiais didáticos; Publicação de pesquisas e produções intelectuais; Organização de exposições, *lives* e eventos; Desenvolvimento de projetos e ações de extensão; Ampliação das atuações das bibliotecas e universidades no combate à desinformação. (Universidade Federal de Santa Catarina)

O site da Comissão traz informações sobre os cursos e minicursos que oferecem, bem como disponibiliza links das publicações e trabalhos produzidos pelo programa e/ou por seus membros. Também dispõe de informações sobre os Seminários produzidos e os links de *lives* que contaram com participações dos membros do grupo. Nas mídias sociais a CIDAD possui uma página no Instagram que é usada para divulgar as atividades e serviços da Comissão.

Entre as inúmeras atividades realizadas pela CIDAD, eles apresentam em seu site o seguinte resumo:

- Edições do “Critical Reading Workshop”;
- Treinamentos “Critérios de confiabilidade informacional: como identificar desinformação” e “Identificação de mentiras na Internet”;
- E-book “Leitura Crítica na Contemporaneidade”;
- Evento anual online do CIDAD “Seminário de Confiabilidade Informacional”;
- Aulas de “Filosofia da Informação”;
- Adaptação do marcador de página do infográfico da IFLA “Como identificar notícias falsas”;
- “Confiabilidade da informação: critérios para identificar desinformação no ambiente digital” e outros artigos científicos e acadêmicos;
- Discussões transmitidas ao vivo sobre tópicos específicos no canal da Biblioteca no YouTube. (Universidade Federal de Santa Catarina)

Essas são somente algumas iniciativas selecionadas que ilustram as formas possíveis de atuação da pessoa bibliotecária voltada à educação para informação de seus usuários de forma a ajudar a mitigar os efeitos que a desinformação tem trazido à sociedade.

6 O Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) e o Sistema de Bibliotecas: histórico e apontamentos

As informações expostas nessa seção foram obtidas a partir da leitura dos Portais: da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPECT), do Ministério da Educação (MEC), do Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif) e IFRJ.

O IFRJ faz parte da RFEPECT. A partir da leitura do histórico da educação profissional e tecnológica no Brasil se pode fazer um pequeno resumo da criação da Rede e dos Institutos Federais.

6.1 O IFRJ: do histórico no ensino industrial à missão e valores atuais

Entende-se como ponto de partida para a criação da Rede, o ano de 1909 a partir da criação das primeiras Escolas de Aprendizes Artífices. Foram criadas 19 dessas escolas²⁰. Em 1937 houve uma reestruturação do governo no Ministério da Educação e Saúde em que foram criados a Divisão do Ensino Industrial e o Departamento Nacional de Educação, com isso o governo transformou algumas instituições em Liceus Profissionais²¹.

Em 1942 todas as instituições se tornaram componentes do Ministério da Educação e Saúde e a partir da criação de leis orgânicas como o Decreto-Lei nº 4.127/42, estabeleceu-se a organização da rede federal de instituições de ensino industrial e era constituída por escolas técnicas, industriais, artesanais e de aprendizagem. Nesse momento extinguíram-se os Liceus transformando-os em escolas industriais e técnicas. A partir dessas reformas no sistema educacional, o ensino profissional e técnico foi equiparado ao nível médio²².

No ano de 1959, as escolas industriais e técnicas passaram a ser Escolas Técnicas Federais e as mesmas se tornaram autarquias, conquistando algumas autonomias. As mesmas tiveram autorização para criação de cursos técnicos e também se deu a autorização para iniciar a formação técnica de nível superior²³. Em 1978 com a promulgação da Lei 6.545, houve a transformação das Escolas Técnicas Federais do Paraná, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais

²⁰ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/historico>. Acesso em: 21 set. 2023.

²¹ Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#historico>. Acesso em: 21 set. 2023.

²² Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil>. Acesso em: 21 set. 2023.

²³ Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#historico>. Acesso em: 21 set. 2023.

em Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets)²⁴. Os Cefets se tornaram aptos a realizar pesquisas na área técnica industrial, oferecer cursos industriais, de graduação e de pós graduação, cursos de formação de professores e de profissionais de engenharia industrial e tecnólogos²⁵. Com a criação do Sistema Nacional de Educação Tecnológica em 1994 começou uma transformação gradual de algumas escolas técnicas federais e agrícolas federais em Cefets²⁶.

No ano de 2008 foi sancionada a Lei 11892 que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Na época, 31 Centros Federais de Educação Tecnológica, 75 Unidades Descentralizadas de Ensino, 39 Escolas Agrotécnicas, 7 Escolas Técnicas Federais, 8 Escolas vinculadas à Universidades Federais se tornaram Instituto Federal. Essa mesma Lei instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica²⁷. Além dos Institutos Federais, fazem parte da Rede, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, os Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG, as Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e o Colégio Pedro II. No ano de 2023 a Rede Federal possui 680 unidades vinculadas a 38 Institutos Federais, 02 Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefet), a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), a 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais e ao Colégio Pedro II²⁸.

Conforme a Lei 11.892 de 2008:

Art. 2º Os Institutos Federais são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, nos termos desta Lei.

§ 1º Para efeito da incidência das disposições que regem a regulação, avaliação e supervisão das instituições e dos cursos de educação superior, os Institutos Federais são equiparados às universidades federais.

§ 2º No âmbito de sua atuação, os Institutos Federais exercerão o papel de instituições acreditadoras e certificadoras de competências profissionais. (Brasil, 2008)

²⁴ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil>. Acesso em: 21 set. 2023.

²⁵ Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#historico>. Acesso em: 21 set. 2023.

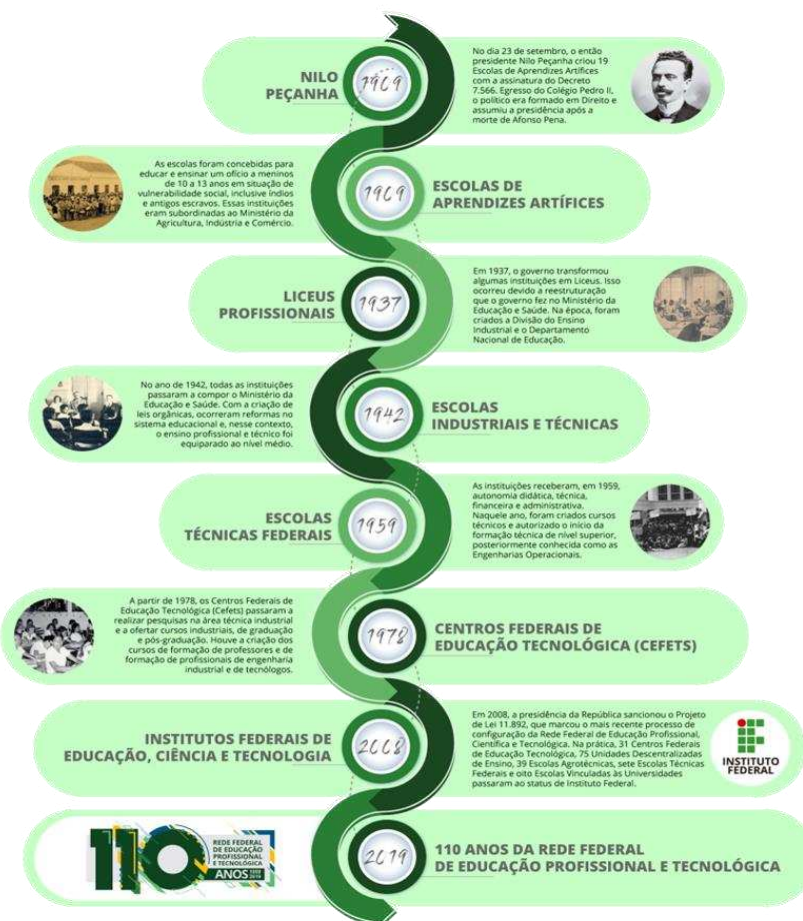
²⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil>. Acesso em: 21 set. 2023.

²⁷ Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#historico>. Acesso em: 21 set. de 2023.

²⁸ Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura_organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-profissional/rede-federal/instituicoes-da-rede-federal. Acesso em: 21 set. 2023.

A figura abaixo ilustra o resumo do histórico que foi relatado acima:

Figura 6 - Linha do Tempo Comemorativa dos 100 anos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica



Fonte: Brasil (2019)²⁹

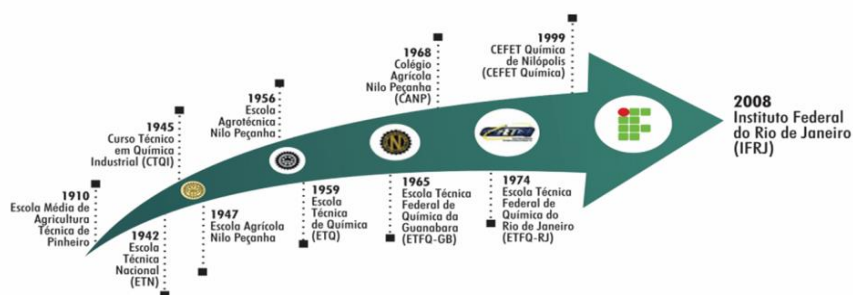
Considerando todo o percurso relatado, o IFRJ teve sua origem no Curso Técnico de Química Industrial (CTQI), que foi implementado na década de 1940, em um período em que a área de química industrial era de grande importância estratégica para o país. Em 1959, o CTQI foi reconfigurado como Escola Técnica de Química (ETQ) e adquiriu status de autarquia educacional.

No período entre 1965 e 2008, a instituição passou por diversas mudanças de nome e status institucional, entre elas tem-se: Escola Técnica Federal de Química da Guanabara (ETFQ-GB), Escola Técnica Federal de Química do Rio de Janeiro (ETFQ-RJ), Unidade de

²⁹ Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#historico>. Acesso em: 21 set. 2023.

Ensino Descentralizada de Nilópolis (UnED) e Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica de Química de Nilópolis (CEFETQ). Em 29 de dezembro de 2008, por meio da Lei nº 11.892, o então CEFET Química de Nilópolis foi reestruturado e transformado no IFRJ. Nesse mesmo ato, o Colégio Agrícola Nilo Peçanha, fundado em 1910 e anteriormente vinculado à Universidade Federal Fluminense, foi incorporado à instituição³⁰.

Figura 7 - Histórico do Instituto Federal do Rio de Janeiro



Fonte: Brasil (2023)¹²

O IFRJ passou por várias fases de implantação de seus campus, atualmente a instituição é composta pela Reitoria e mais 15 campus, sendo eles³¹:

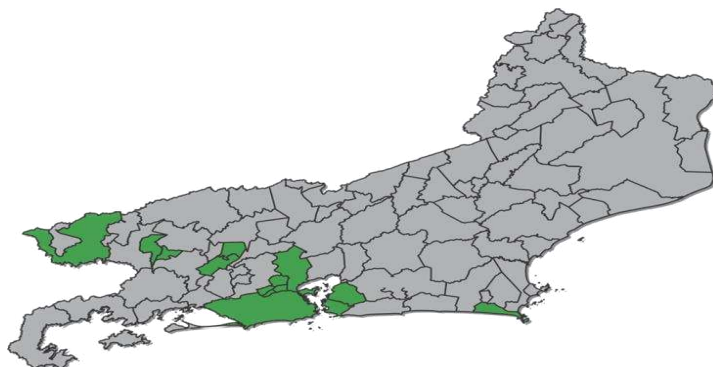
- Arraial do Cabo
- Belford Roxo
- Duque de Caxias
- Engenheiro Paulo de Frontin
- Mesquita
- Nilópolis
- Niterói
- Paracambi
- Pinheiral
- Realengo
- Resende
- Rio de Janeiro
- São Gonçalo

³⁰ Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/institucional/historia-ifrj>. Acesso em: 21 set. 2023.

³¹ Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/institucional/sobre-instituto-federal-rio-janeiro-ifrj>. Acesso em: 21 set. 2023.

- São João de Meriti
- Volta Redonda

Figura 8 - Mapa de disposição de municípios com Campus do IFRJ



Fonte: Brasil (2023)³²

A instituição tem sua atuação voltada aos diferentes níveis e modalidades do ensino, sendo a Formação Inicial e Continuada, o ensino Técnico de Nível Médio, Graduação e Pós-Graduação (*lato e stricto sensu*) cumprindo o objetivo da verticalização do ensino que é uma das propostas dos Institutos Federais. Os cursos do IFRJ são oferecidos de forma presencial e a distância.

O IFRJ está envolvido na realização de pesquisas em diversas áreas do conhecimento, com o objetivo de promover avanços tecnológicos e divulgar e tornar a Ciência mais acessível. Além disso, ele também se dedica à extensão, implementando ações sérias para incluir jovens e adultos, pessoas em situação de vulnerabilidade social e indivíduos com deficiência na sociedade³³.

A oferta dos cursos de cada campus do IFRJ é definida com base em estudos da necessidade econômica regional do entorno, de modo que assim atue em atender as demandas profissionalizantes da população local. Por isso, cada Campus tem foco em áreas do conhecimento distintas uns dos outros.

A razão de ser dos Institutos Federais, como instituições voltadas para educação profissional e tecnológica, comprometidas com o desenvolvimento local e regional, está associada à conduta articulada ao contexto em que está instalada; ao relacionamento do trabalho desenvolvido; à vocação produtiva de seu lócus; à busca de maior inserção da mão de obra qualificada neste mesmo espaço; à elevação do padrão do fazer de matriz local com o incremento de novos saberes, aspectos que deverão estar consubstanciados no monitoramento permanente do perfil

³² Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/index.php>. Acesso em: 21 set. 2023.

³³ Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/institucional/historia-ifrj>. Acesso em: 21 set. 2023.

socioeconômico-político-cultural de sua região de abrangência. (Ministério da Educação, 2010, p. 22)

A missão do IFRJ é "Promover educação profissional, científica e tecnológica contribuindo para a formação de cidadãos críticos que possam atuar como agentes de transformação e inclusão social". Os valores institucionais são regidos por "Ética, Inclusão, Comprometimento, Transparência, Integração" e sua visão consiste em "Ser uma Instituição reconhecida pela sociedade como referência em educação profissional, científica e tecnológica nos diferentes níveis e modalidades de ensino"³⁴.

De acordo com informação do site Institucional atualizada em 13/01/2023, o IFRJ conta com aproximadamente 1.112 professores e 990 técnicos-administrativos e possui 16.422 estudantes distribuídos nas 151 opções de cursos oferecidos³⁵.

6.2 As Bibliotecas do IFRJ e o Fórum de Bibliotecários

As Bibliotecas da Instituição fazem parte do Sistema Integrado de Bibliotecas do IFRJ (SIBi) - instituído em 2014 - que é composto pelas 15 bibliotecas do Instituto e pela Coordenação Geral de Bibliotecas (CGBiblio).

Conforme colocado no art. 2º da Lei no 11.982, de 29 de dezembro de 2008 (BRASIL, 2008) e já pontuado anteriormente, os IF's atendem a educação básica, profissional e superior, nas diferentes modalidades de ensino. Consequentemente, por atenderem um público diversificado, as bibliotecas dessas instituições não se encaixam nas tipologias "padrão" de bibliotecas. Entretanto, Moutinho (2014) propôs a adoção da terminologia "biblioteca multinível" por considerar que esta atenderia às necessidades de um público com diversos níveis de formação (profissionalizante, ensino médio, técnico, ensino superior e pós-graduação), e, por conseguinte, diferentes demandas e competências informacionais. A partir de então, este termo tem sido mais amplamente usado para caracterizar as bibliotecas dos Institutos Federais.

As bibliotecas do IFRJ têm suas demandas voltadas a atender os cursos do Campus em que está inserida. A tabela abaixo discrimina a área de atuação de cada campus, o que expõe também o campo de trabalho das referidas bibliotecas.

³⁴ Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/institucional/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 21 set. 2023.

³⁵ Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/institucional/sobre-instituto-federal-rio-janeiro-ifrj>. Acesso em: 21 set. 2023.

Quadro 4 - Área de atuação dos cursos do IFRJ por Campus

Campus	Área de atuação
Arraial do Cabo	Áreas de meio ambiente e de Tecnologia da Informação e Comunicação
Belford Roxo	Áreas relacionadas aos setores criativos com foco em artesanato, moda, design, vestuário, calçado, acessórios e urbanismo, assim como a gestão dos negócios e empreendimentos associados a estas áreas. Também atua na formação de professores/as, potencialmente para a área de artes.
Duque de Caxias	Área de Química, Petróleo e Gás e Plásticos, Segurança do trabalho e também atua na Pós graduação em Educação física Escolar.
Engenheiro Paulo de Frontin	Jogos digitais, Tecnologia da Informação e docência para Educação profissional e tecnológica
Mesquita	Educação
Nilópolis	Área de química, física, matemática, ...
Niterói	Área de Administração, Informática e Tecnologias, Educação e Novas Tecnologias, Ensino de Línguas, Gestão de projetos ambientais e Gestão em serviços.
Paracambi	Mecânica, Eletrotécnica, Engenharia Mecânica, Matemática, Especialização em Educação e Diversidade
Pinheiral	Agronomia, Tecnologia da Informação, Meio ambiente, Administração, Ciências Biológicas, Paisagismo, Direitos Humanos e Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade
Realengo	Área da saúde
Resende	Áreas de Segurança do Trabalho, Turismo e QSMS (Qualidade, Saúde, Meio Ambiente e Segurança do Trabalho), além de cursos de idiomas para diversos públicos
Rio de Janeiro	Área de química, Biotecnologia, Alimentos, Bioquímica e Biologia molecular, Meio ambiente, Informática
São Gonçalo	Química, Administração, Segurança do trabalho, Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileira
São João de Meriti	Eixos Tecnológicos de Gestão e Negócios e de Informação e Comunicação
Volta Redonda	Áreas de Automação Industrial; Eletrotécnica e Metrologia; Matemática e Física.

Fonte: elaborado pela autora, com consulta ao site do IFRJ.

Cada biblioteca do IFRJ possui em sua equipe números variados de profissionais, porém todas elas contam com pelo menos 1 pessoa bibliotecária, no entanto nem todas as bibliotecas possuem pessoa bibliotecária que contenha cargo de coordenação local. Porém em algumas delas mesmo que haja pessoa bibliotecária concursada lotada na biblioteca, auxiliares de biblioteca que são bibliotecários por formação estão como coordenadores através de nomeação por Função Gratificada.

Em 03 de março de 2015, através da Portaria 48/2015, foi instituído o Fórum de Bibliotecários da Instituição composto por todas as pessoas bibliotecárias do IFRJ e tem como atribuição assessorar a CGBiblio nas ações, revisões de documentos e tomadas de decisões. A CGBiblio convoca reuniões do grupo sempre que tem demandas que precisam ser definidas em conjunto. Embora o Fórum exista para assessorar a CGBiblio, as decisões finais são levadas à aprovação do Conselho Superior da Instituição.

Após a leitura do documento “Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia: um novo modelo em educação profissional e tecnológica- concepção e diretrizes” do Ministério da Educação (2010), entende-se o papel signficante da pessoa bibliotecária do IFRJ para a formação de profissionais capacitados pois o documento pontua que os profissionais dos IF’s têm a oportunidade de criar laços em diversos níveis e tipos de educação dentro da mesma instituição, abrangendo várias etapas da formação profissional. O texto acrescenta que lidar com o conhecimento de maneira integrada e abrangente requer uma postura que transcenda o modelo tradicional dominante, o que implica pensar um profissional da educação capaz de conduzir um trabalho reflexivo e inovador que promova a autonomia dos alunos, que vai de encontro ao que propõe essa pesquisa.

7 Análise e discussão dos resultados da pesquisa

Conforme mencionado na metodologia, as categorias foram definidas preliminarmente de acordo com os objetivos a serem atingidos por cada bloco de perguntas. Nesta seção ficará melhor esclarecido o processo de definição das categorias, a consequente categorização do corpus e será feita a discussão dos resultados. Cabe destacar que os trabalhos de Silva (2017) e Sá (2013) contribuíram como exemplos para estruturação dessa seção e na construção da organização e apresentação dos dados.

7.1 O processo de categorização

Considerando os objetivos propostos pela pesquisa foram estabelecidas 3 categorias para análise dos dados sendo elas: **Compreensão sobre desinformação, Atuação contra a desinformação, Sugestões e exemplos para o combate a desinformação.**

Nesse contexto, a categoria **Compreensão sobre desinformação** pretende analisar a compreensão dos entrevistados sobre a desinformação, de que forma fazem a identificação de uma desinformação e quando encontram dificuldades, quais são elas. Para isso chegou-se às seguintes unidades de registro: **Conceituação, Métodos de identificação/reconhecimento, Dificuldades de identificação/reconhecimento.**

Na categoria **Atuação contra a desinformação** busca-se entender a atuação dos entrevistados em relação ao combate à desinformação, tanto em atitudes pessoais no convívio diário com os colegas e/ou alunos tanto com ações voltadas à educação do público quanto à questão. Dessa maneira as unidades de registro dessa categoria são: **Atitudes pessoais e atitudes profissionais.**

Já a categoria **Sugestões e exemplos para o combate à desinformação** tem a intenção de compilar e analisar quais as estratégias que os entrevistados que não atuam no combate à desinformação pensam que pode ser viável de ser feito em seus locais de trabalho e reunir exemplos de combate à desinformação que alguns dos entrevistados pontuam como iniciativas interessantes. Nesse sentido as unidades de registro dessa categoria são: **Sugestões e Exemplos externos.**

Após essas definições seguiu-se para a fase de exploração do material, em que primeiramente organizou-se um quadro por entrevistado separado por categorias com o intuito de destacar os trechos retirados da entrevista que correspondesse a cada unidade de registro (Apêndice B). Como exemplo de como esse quadro foi organizado, tem-se um recorte abaixo:

Quadro 5 – Recorte das respostas por categorias**Categoria de análise: Compreensão sobre desinformação****PB1**

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>É você não ter a capacidade de você falar sobre algum tema, sabe? Então é você não ter a capacidade de você entender, de você saber sobre um assunto. É o seu conhecimento a respeito de um assunto.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Quando é sobre algum tópico em que eu tenha conhecimento, às vezes até numa conversa verbalmente a gente consegue mostrar aquilo. Quando não, a gente tem que buscar a informação. Então através da internet, artigo. Ou alguém que realmente já tenha validado aquilo de uma forma que você consiga entender que a informação ela é verdadeira, ela não é fake, ela não é de outra fonte, nem que é alguém disse o que alguém disse, você tem que ir na fonte para poder falar que você está sendo informada, não desinformada.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>[...]a dificuldade é: encontrar uma fonte confiável. Principalmente se você não tem um site confiável na internet, não tem um buscador confiável, porque te induz a pensar aquilo ali que eles colocam aquilo ali, a leitura da sua bolha que acaba dando aquilo que você quer e não aquilo que é verdadeiro. Então a gente tem essa questão de desinformação, ela é difícil de identificar.</i>

Fonte: A autora, 2024.

Após a elaboração da etapa acima exemplificada, criou-se uma nova relação agora organizada por categoria, na qual os trechos das respostas dos entrevistados que foram selecionados nas tabelas do Apêndice anterior foram transferidos para suas respectivas unidades de registro seguidos do código alfanumérico que foi definido para identificar cada entrevistado e como já exposto na metodologia é composto das letras PB (Pessoa Biblioteca) acompanhado dos números cardinais em ordem crescente (Apêndice C), de forma a organizar os dados para a fase de análise e inferências, como o exemplo resumido abaixo:

Quadro 6 - Recorte das respostas por unidade de registro**Categoria de análise: Compreensão sobre desinformação/ Unidade de registro: Conceito**

É você não ter a capacidade de você falar sobre algum tema, sabe? Então é você não ter a capacidade de você entender, de você saber sobre um assunto. É o seu conhecimento a respeito de um assunto. (PB1)

.....

Projetada para ser falsa. Ela é montada e às vezes pode ter algum fundo de verdade dela para parecer uma coisa verdadeira, mas no fundo ela quer confundir, ela vem pra confundir as pessoas. (PB2)

Fonte: A autora, 2024.

7.2 A análise de conteúdo

Os dados resultantes serão confrontados com os autores utilizados nas seções 3, 4 e 5 do referencial teórico nas subseções abaixo onde será feita a análise das categorias considerando as devidas unidades de registro (que estarão mencionadas em negrito) e os trechos selecionados das respostas se apresentarão dentro de um quadro e em fonte distinta da usada no texto. Os momentos mais significativos de cada fala estarão sublinhados de forma a destacar o período da mensagem que se apresentou como o mais relevante para a investigação. De forma a suprimir alguma informação que não seja relevante ou que fosse identificar o entrevistado utilizou-se os colchetes com reticências, dessa forma: [...]. De forma a melhor organizar a análise dos dados, algumas falas dos entrevistados foram particionadas pois em alguns casos o entrevistado abordou mais de uma situação para a mesma unidade de registro. Então optou-se por dividir a fala dele dentro da análise da unidade de registro em questão, para melhor organizar o raciocínio seguido. Ressalta-se que, em razão de uma grande demanda de respostas, selecionou-se algumas para exemplificar as pontuações a serem feitas, porém nos Apêndices B e C constam os quadros com todas as respostas destacadas referente a cada categoria e sua unidade de registro acompanhadas das devidas unidades de contexto.

7.2.1 Compreensão sobre desinformação

Considerando a **conceituação** da desinformação na visão dos entrevistados, 31,81% considera uma informação manipulada para prejudicar, o que define uma desinformação.

“A desinformação são... As pessoas pegam fatos isolados né, verídicos, e deformam dentro de um viés, de uma lógica ideológica, né, pra poder tirar proveito de alguma coisa.” PB4

“É a informação manipulada de forma intencional para mascarar, para denegrir algo.” PB7

“Desinformação é você manipular informações com intenção de ludibriar, com intenção de prejudicar as pessoas. Acho que está mais nisso, você informar de forma a prejudicar.” PB8

“Para mim desinformação é uma informação que ela pode querer manipular o pensamento de outra pessoa, uma informação errada, uma informação equivocada, uma informação que pode trazer algum tipo de prejuízo.” PB17

Dentro dessa abordagem, a visão das pessoas bibliotecárias do IFRJ está pautada na definição dada por Martins e Almeida Junior (2021, p. 9) na qual desinformação “é uma informação falsa, imprecisa, enganosa, que de maneira proposital é disseminada com o desígnio de produzir prejuízo a algo ou alguém.”

Porém esta definição e essas falas se aproximam do pensamento de uma outra parte de entrevistados que considerou desinformação simplesmente como informações ou notícias falsas.

“Desinformação, no meu entendimento, são notícias falsas, né? E são propagação de notícias falsas por qualquer instrumento, seja mídia, rede social, é assim o meu entendimento.” PB6

“Desinformação para mim é uma informação falsa, é uma informação que não tem confiabilidade, que é falsa.” PBII

“[...]entendo desinformação como toda informação que é falsa. Uma informação falsa é uma desinformação. É isso”. PBIG

Essas considerações demonstram que esses entrevistados compreendem a desinformação como se fosse mais voltada ao que seria a definição do termo fake news. Araújo (2021, p. 4) considera que as fake news:

significam notícias falsas. O primeiro elemento de sua caracterização é sua falsidade: elas são produzidas com a intenção de mentir, de enganar, de distorcer ou esconder a verdade. O segundo elemento é que elas buscam ser apreendidas como notícias jornalísticas verdadeiras.

Nota-se que o primeiro grupo de respostas é uma espécie de ampliação do que as pessoas do primeiro grupo quiseram dizer. Somando-se todos os respondentes que consideraram essas perspectivas, forma-se maioria entre as pessoas bibliotecárias do IFRJ o pensamento de que desinformação trata-se de informações falsas e/ou manipuladas e que também possuem a intenção de prejudicar. Tal posição também se enquadra na definição dada por Martins e Almeida Junior (2021, p. 9) na qual “A desinformação é uma informação falsa, imprecisa, enganosa, que de maneira proposital é disseminada com o desígnio de produzir prejuízo a algo ou alguém”.

Desinformação foi considerada como falta de conhecimento por 3 entrevistados. Para essas pessoas, desinformação tem relação com o fato de alguém não entender de determinado assunto, ou a pessoa pode até ter pesquisado, mas por possuir pouca escolaridade acredita que aquilo que ela conseguiu encontrar é uma informação. Compreende-se, portanto, que essas

peessoas consideraram a ausência de informação como uma forma de desinformação, que resulta em indivíduos desinformados.

“É você não ter a capacidade de você falar sobre algum tema, sabe? Então é você não ter a capacidade de você entender, de você saber sobre um assunto. É o seu conhecimento a respeito de um assunto.” PB1

“Bom, eu entendo que a desinformação é justamente quando você não tem, não tem é.. base com relação a determinados assuntos e você vai falando sem ter conteúdo daquilo que você fala. Pra mim isso é uma desinformação, porque você está passando conteúdos à frente para outras pessoas e sem base nenhuma naquilo que você está falando.” PB10

“De repente, pode ser uma... um fato que a pessoa não soube pesquisar. Até o nível de conhecimento dela, de escolaridade dela, para ela, aquilo que ela pesquisou é informação.” PB14

Essas pontuações coincidem com o que Froehlich (2017, sem paginação, tradução nossa) denomina como “Ignorância em si” que seria “falta de conhecimento ou consciência, estar desinformado sobre um assunto ou fato específico”. Entende-se que essas respostas não formam um conceito sobre desinformação, portanto considera-se que a ignorância estaria relacionada com uma ação que contribui para a *misinformation* que é uma desinformação não intencional, conforme pontuado por Schneider (2022). Embora esta seja enquadrada num tipo de desinformação propagada sem intenção, ela “fortalece a desinformação ao ampliar a escala da circulação e a intensidade persuasiva da informação oriunda de fontes desinformadoras(...)”. (Schneider, 2022, p. 78).

O entrevistado PB7 mostrou ter conhecimento de que a desinformação pode estar enquadrada em duas abordagens como foi pontuado por Schneider (2022) e Wardle (2020): a *disinformation* que é aquela criada com a intenção de enganar e a *misinformation* que seria uma desinformação não intencional.

“[...] E temos dois tipos de desinformação, pelo que eu entendo alguma coisa. Uma desinformação inocente, ingênua, de repasse. [...].E tem a informação, eu passar uma informação pra você de maldade, que eu já sei que não é aquela, entendeu?” (PB7)

Apenas uma das pessoas deu como resposta algo que se aproxima à definição que foi

pontuada no referencial teórico como a que nortearia essa pesquisa que é a definição dada por Heller (2021, p. 52):

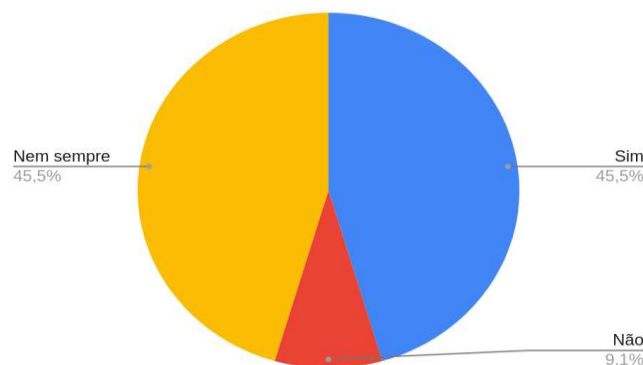
Quando se fala em desinformação é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou compreendido, não somente uma notícia falsa.

A pesquisadora considera essa definição como mais completa para nortear a presente pesquisa pois mostra que a desinformação é mais abrangente do que vinculá-la somente a notícias falsas pois até mesmo um discurso mal comunicado ou mal compreendido é uma desinformação. O participante PB13 foi o único que mencionou que seria algo que não englobaria só o universo de notícias falsas.

“Acho que vai muito além da falta de informação. A falta de informação, a informação errada, a informação truncada. Eu acho que não só falta de informação, né? Uma informação errada, como as fake news, uma informação... um erro na comunicação, né? Um entendimento errado da informação.” PB13

Para os **Métodos de identificação/reconhecimento**, como forma de averiguar se as pessoas bibliotecárias do IFRJ possuem conhecimento dos meios para identificação da desinformação e se sabem fazer uso dos mesmos, iniciou-se com a seguinte pergunta: *Você como profissional da informação se sente apto a identificar uma desinformação?* Somente 45,5% dos entrevistados se consideraram aptos a identificar uma desinformação, outros 45,5% disseram que nem sempre se sentem aptos e 9,1% não se sentem aptos a fazer a identificação de uma desinformação, como demonstrado no gráfico a seguir:

Gráfico 1- Pergunta: Você como profissional da informação se sente apto a identificar uma desinformação?



Fonte: Dados da pesquisa.

Trabalharemos neste momento com as respostas daqueles que se consideram aptos e dos que consideram que algumas vezes sabem fazer esse reconhecimento, a fim de analisar quais estratégias as pessoas bibliotecárias do IFRJ utilizam no dia a dia frente à dúvida sobre a veracidade de algum tipo de informação.

Observou-se que uma parcela significativa dos entrevistados mencionou a busca pela fonte da informação como o único método de investigação que utilizam. Contudo, tais pessoas não detalharam o local onde conduzem essa busca pela fonte original da informação, também não especificaram os critérios adotados para determinar que encontraram a fonte correta da informação.

“É, eu, tudo que eu procuro assim, eu vejo mais de uma fonte. Eu gosto de ver em mais de uma fonte, sabe? Eu procuro assim, ver o que tem em comum. Que aí eu fico mais perto acho que, do que... é por que as vezes fica algo meio distorcido. Então eu prefiro, assim, procurar pelo menos umas três fontes.” (PB11)

“Acho que, a princípio, procurar ver a fonte daquela informação, é.. pesquisar em outros meios, em outras fontes também.” (PB13)

“Buscando em fontes de informações mais seguras.” (PB16)

Algumas pessoas consideram a fonte, porém se aprofundam um pouco mais em algumas questões como verificar a autoria e/ou atualidade da informação, o que traz um critério maior de confiabilidade para os resultados das análises desses entrevistados.

“Olha, assim, os conhecimentos básicos de fontes de informação que a gente tem lá da graduação, a gente vai olhar quem publicou, não só quem como autor, mas qual instituição, vai ver a data, se tem relação quando é um fato, se a data da publicação está de acordo com a data do fato que está ocorrendo. [...] eu sempre tento dar uma pesquisada também em outras fontes para ver se aquilo tem eco, se não é só aquele meio.” (PB3)

“Eu teria que ir em alguma fonte de informação confiável para poder verificar se realmente aquela informação é concreta né? Se ela foi verificada cientificamente ou se ela não é uma informação científica, mas ela vem de uma autoridade reconhecida ou tem referências de autoridades na área.” (PB5)

“[...]pesquisar, o contexto, vou procurar saber no contexto histórico da onde saiu, procurar a fonte primeiro é quem é o autor daquela informação, qual a instituição ou procurar a fonte

daquela informação para saber se ela é verdadeira. Pode ser a pessoa, pode ser um instituto de pesquisa ou pode ser nada, né?” (PB19)

Sites de checagem também foram mencionados como ferramenta para confirmação da veracidade de uma informação. Esse procedimento é válido e considerado um bom caminho já que esses sites são citados no Infográfico da IFLA sobre como reconhecer notícias falsas, geralmente contam com o trabalho de jornalistas e são instrumentos considerados confiáveis por fazerem um trabalho já respeitado no assunto.

“Aí eu uso algumas ferramentas da internet, que é fake ou verdade.....de..... algumas coisas que a internet oferece. Alguns sites confiáveis. Tem um até que eu gosto muito, que é o fato ou mentira, acho que é mais ou menos assim, que eu me utilizo muito dele. [...]fato ou fake. É o que eu tenho mais usado.” (PB22)

Chama a atenção algumas pessoas bibliotecárias que consideram como suas fontes principais os sites jornalísticos, pois conforme Araújo (2021) pontuou, ainda que os meios de comunicação não possam fabricar informações inteiramente falsas a fim de alcançarem credibilidade e não serem desacreditados ou responsabilizados, não se pode dar a entender que eles sempre noticiam a verdade, pois muitas vezes os veículos jornalísticos funcionam como empresas que servem ou estão sujeitas aos interesses particulares de grupos econômicos, políticos, militares, religiosos, entre outros.

“Então, às vezes, essas informações, às vezes a escrita é errada. Entendeu? São coisas maquiadas, né? São coisas assim que eu posso dizer dentro da internet? São... Ai, meu Deus, como... São fotos meio embaçadas, digitação errada, escrita errada, de acordo com... Não tem concordância, não tem coerência. Aí sai a primeira, assim, ato de análise. Aí depois eu vou ... Depois que eu vejo aquela notícia, eu vou nas fontes e aí eu detecto que realmente é fake news e pesquisa nas fontes confiáveis, né? Que eu posso confiar são os jornais assim, né? Do cotidiano e traz a verdade.” (PB6)

“Então quando você começa a acompanhar geralmente as notícias no seu dia a dia, você tem um parâmetro, eu percebo que eu tenho um parâmetro para analisar. E quando eu vejo que é uma coisa assim muito incrédula, eu falei assim, não é possível, que aconteceu isso, já aconteceu isso? Aí eu começo a investigar. [...] Eu geralmente faço em base, é como eu te falei né, no site de notícia, vou no UOL Notícia, vou no Globo Online, vou na, ai esqueci o nome daquela que é ... que tem... vou na Globonews também, sabe? E vou procurando.” (PB10)

Foram feitas pontuações de pessoas que fazem a busca somente pelo Google.

“Eu vou fazer uma, vou jogar no Google aqui, vou colocar uma, entre aspas, aqui, vou fechar a informação, vou fazer uma busca truncada e tal, quer ver, rapidinho eu vou pegar isso aqui. Algumas eu acho. Vejo que não é tão difícil. Outras você vai, vai precisar de uma... De um aparato maior, se é assim, se eu estou correto nisso.” (PB7)

“Eu geralmente olho no Google, pergunto pros amigos, embora amigos não sejam uma fonte tão...é... Certa, né? Mas geralmente é no Google mesmo.” (PB12)

Embora as pessoas que deram essas respostas tenham se considerado aptas ou parcialmente aptas para o reconhecimento de uma desinformação, esse tipo de conduta demonstra um certo desconhecimento desses entrevistados no que se refere a análise da veracidade de uma informação. Froehlich (2017, sem paginação) descreve que ainda que se reconheça a utilidade dos motores de busca como o Google, o qual frequentemente fornece resultados satisfatórios, é importante notar que, quando se busca alta precisão ou uma ampla recuperação de trabalhos intelectuais relacionados no mesmo domínio temático, esses motores podem não ser as fontes mais indicadas. Conforme o autor, deve-se considerar que o Google recebe uma alta influência dos algoritmos de classificação que colocam no topo das pesquisas as fontes mais populares que nem sempre serão fontes de cunho verídico.

Portanto, considerar exclusivamente os resultados do Google como o único meio de acessar as fontes originais da informação pode induzir esses entrevistados a erros. Essa apreensão em relação aos resultados apresentados pelo Google foi mencionada por um dos entrevistados.

“Então a gente pode buscar informações, seja num banco de dados e ferramentas que a gente... nós somos capacitados para isso, para buscar e averiguar se aquela informação que nos foi dada ela realmente é verídica ou pode ser uma desinformação, uma fake news ou algo do tipo. [...] Recorrer ao Google, mas a gente também tem que ter cuidado que, como as informações no Google é... qualquer um pode colocar essas informações, você também tem que ter cuidado com qual fonte você está recebendo aquela informação. E a partir daí também você ter esse feeling de saber, pô essa fonte aqui será que é confiável, não é confiável?” (PB15)

Ao analisar as orientações do infográfico da IFLA (2017) sobre como identificar notícias falsas, temos poucos entrevistados que se aproximam mais do que o documento considera como ideal para a análise das notícias. O infográfico indica que para uma

identificação completa deve-se além de considerar a fonte, verificar o autor - se existe e quem é, prestar atenção em títulos que chamem muito a atenção, verificar a data - se são antigas podem não ser relevantes atualmente, pesquisar sobre o site e o autor caso algo seja muito estranho pois pode se tratar de uma sátira/piada, avaliar se seus próprios valores e crenças não estão interferindo no seu julgamento e recorrer a especialistas como uma pessoa bibliotecária e/ou site de verificação gratuito.

“Eu começo a analisar o texto de uma forma mais crítica e mais profunda. [...] Então eu tento analisar criticamente o que está por trás daquilo ali, se a intenção é informar de fato, né? E vou aplicando técnicas né.. ah quem que escreveu isso? Quando que isso foi publicado? Esse fato que está trazendo, ele tem coerência com o que está sendo colocado pela matéria, artigo, notícias, o que for? Então, eu vou tirando elementos para poder fazer essa análise. E, por último, quando às vezes é muito difícil de identificar, eu vou para sites de checagem de notícia para ver se aquilo de fato é verdade ou não.” (PB4)

“Não sei se eu vou me expressar corretamente, pela barbaridade da informação, porque normalmente já é uma coisa assim muito descabida, já começa assim, né, uma coisa descabida. [...] Aí existem uns sites agora que você consegue... Eu não me lembro... A Globo costuma sempre falar é... que você entra nele, digita o que você quer saber e ele mesmo já diz se aquilo ali é mentira ou é falso, entendeu? E é assim, é um site fidedigno. [...] Mas, mas a gente vai em outras coisas também, né? A gente vai direto na internet, dar uma olhadinha, ver se algum especialista que a gente conhece, né?” (PB20)

Para analisar as **Dificuldades de identificação/reconhecimento**, volta-se à pergunta: *“Você como profissional da informação se sente apto a identificar uma desinformação?”*. Entre os 9,1% dos entrevistados que não se sentem aptos a fazer uma identificação de uma desinformação e entre os 45,5 % que disseram que nem sempre conseguem fazer esse reconhecimento, foram pontuadas algumas considerações sobre as dificuldades desse processo.

A maioria identificou a falta de confiança na imprensa como um obstáculo para estabelecer a veracidade das informações. Enquanto na unidade de registro anterior algumas pessoas bibliotecárias consideraram a possibilidade de utilizar tais fontes em suas pesquisas, para a unidade em questão outros entrevistados demonstraram preocupação relativa à observação anteriormente levantada por Araújo (2021) que destaca que os veículos de imprensa eventualmente podem recorrer a estratégias que visam promover interesses próprios dentro de suas publicações.

“Alguma página morta, um link inspirado [...]mas não é só fonte, Alane. O que eu estou te falando nessa passagem é o jornalista, é o criador do blog ali, não é sua fonte. [...] ele vai botar a visão dele.” (PB7)

“Os meios que a desinformação circula nos levam a crer que é uma informação real. Às vezes, fontes de informação até seguras, até assim, jornais de grande circulação, publicam desinformação. Então assim, complica porque o meio como eles estão utilizando, como estão utilizando a desinformação, está cada dia mais aprimorado, né?” (PB16)

“[...]eu acho que principalmente aquela que é circulada de forma proposital, acho que essa é a mais difícil de ser identificada algumas vezes, porque às vezes ela sai até no jornal né, às vezes ela sai até no jornal e aí você o jornal tem né certa credibilidade, então às vezes você.... mas assim acho que para nós profissionais da informação não é para parar no jornal, né? Você vai no jornal e você procura qual foi a fonte do Jornal. Então.... mas eu acho que essas informações com objetivo comercial e tipo essas talvez as mais difíceis assim.” (PB19)

Alguns entrevistados mencionaram a falta de prática e/ou treinamento como um agravante para lidarem com a desinformação. Certamente é uma colocação significativa, considerando a responsabilidade dos profissionais da informação em manter-se constantemente atualizados, especialmente num contexto dinâmico como o presente, onde novas exigências informacionais surgem a todo momento. Ou ainda como apontado por Froehlich (2017, sem paginação), é possível também considerar que os profissionais da informação não são isentos das diversas formas de ignorância ou desinformação. Para o autor, muitos desses profissionais podem estar sujeitos à falta de informação ou à desinformação, ocasionada pela falta de competência ou conhecimento. Ele considera a importância de as pessoas bibliotecárias confrontarem suas próprias ignorâncias e preconceitos, e buscarem se aprimorar por meio da atualização contínua.

Contudo, os princípios fundamentais de pesquisa e análise de informações adquiridos durante a graduação deveriam ser considerados como elementos importantes para se ter condições de fazer uma avaliação preliminar. Entretanto, a falta de uma qualificação adicional pode ser equiparada a uma lacuna no processo de atualização e, conforme destacado por PB13, resultar na limitação do conhecimento e eventual dificuldade na execução das tarefas por parte do profissional.

“[...]falta de treinamento e também acho que falta dessa vivência de experiência mesmo, né?

De prática, do fazer isso, né?” (PB2)

“Acho que às vezes a falta de conhecimento, a falta de... Talvez até de saber, mesmo a gente sendo profissional da informação, de saber pesquisar, de saber procurar fontes realmente mais seguras. A gente tem noções, tem, talvez mais do que o público leigo, mas a gente também muitas vezes tem essa dificuldade. Uma dificuldade é até de achar que sabe e acabar se atrapalhando.” (PB13)

Para uma parte dos entrevistados, a dificuldade reside na falta de interesse em verificar a autenticidade de uma determinada informação. Levando em consideração as respostas dos entrevistados PB4 e PB8 tal desinteresse pode derivar tanto da percepção de um esforço adicional na busca, especialmente quando o tópico em questão não se alinha aos interesses ou experiências pessoais do indivíduo, quanto da desconfiança em relação à pertinência do assunto em discussão. Este fenômeno revela que até mesmo as pessoas bibliotecárias, que teoricamente possuem artifícios que as capacitam contra a desinformação, estão suscetíveis a serem influenciadas por suas próprias convicções ou preconceitos, podendo assim optar por aceitar uma narrativa sem investigar devidamente sua veracidade.

“Então, assim, quando o assunto é um pouco mais distante daquilo que eu tenho interesse, ou que eu acompanho, normalmente dá um pouquinho mais de trabalho, né? É, basicamente isso. Questão de interesse.” (PB4)

“A dificuldade é também de estar ali com a ferramenta disponível no celular. Às vezes você não está com conexão na internet, então você não vai olhar. Às vezes é uma informação que, ai gente sério que eles estão falando sobre isso? [...] Porque aquilo para você, não, não, não está dentro do que você acredita, ou seja, ah eu vou nem olhar. Mas você poderia olhar para ajudar outras pessoas na verdade. Mas eu acho que está mais nisso. É interesse né?” (PB8)

Surgiu entre os entrevistados, a dificuldade encontrada na identificação das manipulações geradas pela Inteligência Artificial. De fato, observa-se um aprimoramento crescente na qualidade de imagens manipuladas e montagens, o que se configura como motivo de legítima apreensão acerca de suas implicações na sociedade. Esta ferramenta nova gera manipulações que tornam a análise da veracidade mais trabalhosa devido à detalhes imagéticos específicos que são utilizados e são mais ligados à área tecnológica. Contudo, entende-se que tal questão demanda a implementação de programas de capacitação, visando dotar os

profissionais da habilidade necessária para discernir as armadilhas criadas pela Inteligência Artificial.

“Então eu acho que a desinformação de imagem com o uso de inteligência artificial está muito difícil de a gente reconhecer, por mais que a gente o tempo todo esteja se questionando se aquilo é verídico ou não.” (PB3)

“É porque tem desinformação, que ela já vem muito bem elaborada. [...] Então, as montagens que eles fazem né, tem umas que são muito bem feitas.” (PB20)

7.2.2 Atuação contra a desinformação

Em relação às **atitudes pessoais** das pessoas bibliotecárias do IFRJ frente à desinformação circulando no dia a dia do campus considerando as suas conversas com alunos e/ou servidores de onde atuam, nem todas as pessoas lembraram de terem se visto diante de situações assim, portanto não há resposta de todos os entrevistados.

Alguns entrevistados relataram terem entrado em contato com pessoas que compartilharam desinformações relacionadas às questões cotidianas do campus. Nestes casos, os entrevistados se esforçaram para fornecer orientações corretas às pessoas que estavam diante de uma desinformação circulando. Destaca-se o entrevistado PB3 que mostra ter também uma atuação social, sendo sensível à coisas que estejam acontecendo externas ao campus e presta auxílio na busca de informações verdadeiras para ajudar quem está com dificuldade.

“Olha, tem gente que já chega até a mim para perguntar assim, olha, eu ouvi tal coisinha. É exatamente isso? Ai, normalmente, eu sento com a pessoa, se é uma notícia ou do campus, que é já do meu conhecimento, eu já começo a organizar o pensamento com a pessoa ou se é uma notícia externa, que eu tenho conhecimento também. Agora, quando é essa parte de auxílio estudantil, essas coisas que a gente como bibliotecária não tem, tão na veia assim, eu sento com eles, tento abrir o edital, fazer esse trabalho assim, da gente identificar a informação. Às vezes, quando é uma coisa muito externa, eu não consigo, por exemplo, [...] a gente teve esse problema com o pessoal que sofreu enchentes no início do ano, que eles estão com dificuldade de conseguir o auxílio e a prefeitura não disponibiliza muitas informações. Então a gente tem dificuldade de acessar a informação fidedigna, mas assim, a gente tenta. Se a gente consegue dar um retorno, nem sempre é possível.” PB3

“[...] E converso muito com os alunos. Vai existir greve mesmo? É verdade essa informação? Um exemplo como aconteceu esses dias, sim, está acontecendo isso, isso, a informação é essa, é essa,

é essa.” PB7

“Muitas das vezes eu já falei assim, gente, vocês estão falando, vocês estão com informações erradas com relação ao determinado professor, as coisas não são bem assim, é, vocês têm que saber o que vocês estão falando, vocês não podem ir falando de coisas que vocês não sabem. Aí eu direciono eles. [...] Mas também tem outro tipo de informação, que é um pouco mais leve, falta de interesse, aí passa uma desinformação. E eu falo assim para eles, gente ao invés de vocês ficarem propagando que não vai ter aula, propagando. Por que vocês não se informam com relação à Cotur? Vai perguntar se o professor veio mesmo? Vai perguntar se tem aula? Vocês já estão fazendo motim para vocês irem embora sem saber se vai ter substituição ou não de professor de aula. Vão ver, vão afim, vão ver o que está acontecendo.” PB10

“[...]eu fiz o confronto né entre o que era uma suposta verdade e a mentira, através de... apresentando situações que realmente estavam acontecendo, e que as pessoas não poderiam fechar os olhos para aquilo que estava acontecendo, formando uma .. o que estava sendo muito comum.. fazer uma cortina de fumaça, para esconder as incompetências né do que estava acontecendo, que era falta de investimento, bolsas atrasadas, falta de investimento no campus, essa coisa toda assim. Então foi essa forma assim, sem tomar partido, que eu tentei informar [...]” PB22

Quando se trata de alguma conversa que esteja acontecendo a respeito de alguma notícia que seja uma desinformação, alguns entrevistados apontaram tentar provocar uma reflexão ou dar alguma breve orientação.

“Bem assim, eu sempre tento, de maneira amistosa né, tentar refletir com a pessoa. O que ela pensa daquela notícia, por que ela compartilhou né, se ela de fato acredita naquilo ou se está compartilhando só porque está compartilhando né para entrar na onda e tento levar uma reflexão para aquilo, mas de forma bem pontual.” PB4

“De mostrar né, gente, pesquisa aí que isso daí não está muito legal não. Mas também não é fácil você mostrar isso para a pessoa, mas a gente tenta de uma forma geral sempre indicar, verifica...” PB8

“Tentei passar uma informação mais correta e ajudar a pessoa a...a achar, né, encontrar a informação, não encontrar, mas mostrar que seria uma desinformação.” PB13

“Eu falo assim, gente, será que isso aí tem fundamento? Não era melhor pesquisar mais do que

ficar discutindo uma coisa que a gente nem tem certeza?” PB20

Essas situações relatadas acima demonstram que, mesmo em situações informais e fora do contexto profissional direto, as pessoas bibliotecárias demonstraram um compromisso com seu *ethos* profissional, buscando introduzir reflexões ou orientações mesmo durante conversas informais.

Foi relatado por uma parte dos entrevistados que em determinados momentos preferem não fazer nenhuma abordagem, seja por não se sentir à vontade, ou por acreditar que não tem abertura com a pessoa em questão. Nesses casos, evidencia-se que uma atuação com cunho mais profissional - através de ações direcionadas ao combate à desinformação - pode ajudar o profissional a atingir essas pessoas e colaborar para a educação para informação e promoção das competências infocomunicacionais desses usuários. Porém também demonstra uma necessidade desses profissionais em desenvolver uma habilidade de abordagem e comunicação respeitosa.

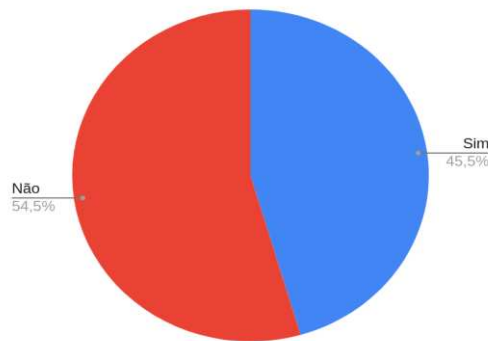
“Quando a gente está com alunos a gente tenta conversar, respeito, né? Falar que é importante buscar outra fonte de informação. Agora, quando são servidores, eu acho que não me sinto a vontade de falar, não.” PB9

“Então eu, pessoalmente, quando eu vejo esse tipo de coisa, eu vejo que eu tenho uma abertura, eu tento passar para a pessoa que...pra ela repensar aquilo, talvez não seja exatamente aquilo que ela está passando, aquela informação não seja realmente daquela forma. E quando é algo que de imediato eu não sei, mas como eu falei, eu sinto esse estranhamento, eu tento buscar para realmente averiguar se aquilo é uma informação ou como o feeling, vamos dizer assim de bibliotecários, de profissional da informação, me traz, pode ter uma desinformação ali, eu tento buscar para num momento seguinte, caso tenha essa abertura, estar conversando e quebrar esse ciclo que acaba se a gente não ter cuidado acaba virando um ciclo vicioso.” PB15

“Eu geralmente assim, eu procuro não entrar muito no assunto né...que olha só... Até que ponto né, para não virar uma discussão um pouco mais irracível, um pouco mais irada é melhor a gente terminar esse debate eu respeito a sua opinião. [...] Às vezes pode dar um conselho, pode dar uma ideia. Tem que saber se outro ser humano tem um campo de abertura. Se ele realmente está no processo de escuta. Por que se não tiver não adianta. E aí você tem que saber respeitar o outro.” PB21

No que se refere às **atitudes profissionais**, para adentrar essa questão, inicialmente foi feita a seguinte pergunta: *Você atua ou atuou na sua Biblioteca e/ou no seu campus de alguma forma com questões/projetos relacionados ao combate a desinformação?* O resultado estatístico dessa indagação está colocado no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Pergunta: Você atua ou atuou na sua biblioteca e/ou no seu campus de alguma forma com questões/projetos relacionados ao combate a desinformação?



Fonte: Dados da pesquisa

Como observado, a maioria das pessoas bibliotecárias da instituição nunca fizeram ou participaram de nenhuma atividade com objetivo à promoção à promoção do combate à desinformação. É relevante ressaltar que, após a análise das respostas das poucas pessoas que afirmaram terem feito, constatou-se que a maioria delas participou de ações esporádicas, não se engajando em iniciativas contínuas que pudessem ser reconhecidas como uma contribuição eficaz para o tema em questão.

Dentre as atividades relatadas predominou o uso das mídias sociais da biblioteca como forma de se comunicar com os usuários a respeito do tema.

“[...] a gente fez alguns posts através das redes sociais tentando pontuar algumas coisas, o que é fake News, o que não é.”PB2

“[...]mais uma vez trazendo o exemplo da pandemia que a gente via que circulava muitas desinformações a gente usava o canal das redes sociais da biblioteca como uma forma de levar uma informação correta né? E até mesmo de divulgar essa questão das pessoas terem consciência do que é essa fake news, essa desinformação, as pessoas terem cuidado de não acreditar em tudo que recebe nas redes né? Que eu acho que as redes sociais são um grande canal de desinformação. Então você tem que ter cuidado, saber filtrar as informações que você recebe pelas redes sociais.” PB15

“[...]sabe essas propagandinhas bem elaboradas? diga não a fake News! procure se informar! a gente procurava naquela época usar esses veículos de divulgação. [...]Pelo Facebook.” PB20

De fato, as mídias sociais são atualmente o meio mais frequente de acesso à comunicação e informação como abordado por Agosto (2018, p. 12, tradução nossa):

Muitas pessoas estão se comunicando com mais pessoas com mais frequência do que nas décadas passadas, e grande parte dessa atividade ocorre nas redes sociais, onde manchetes de notícias reais, manchetes de notícias falsas e uma enxurrada de outras informações os bombardeiam todos os dias.

Porém ao considerar a utilização somente desse mecanismo para abordar questões de combate à desinformação, acaba-se por excluir os usuários da biblioteca que eventualmente não sejam adeptos a acompanhar as mídias sociais da instituição, não possuam presença digital em mídias sociais, ou até mesmo não tenham os recursos necessários para acessá-las. É imprescindível adotar uma abordagem mais abrangente em relação ao público-alvo, a fim de garantir que todas as iniciativas alcancem e sejam acessíveis a todas as categorias de usuários atendidas, promovendo, assim, a inclusão e as ações de combate à desinformação tenham uma atuação mais completa.

Alguns entrevistados relataram que houve a promoção de evento em que contaram com o auxílio de profissionais da área que já atuam no tema. Vale salientar que enquanto PB1 diz que não houve procura em eventos desse tipo, PB19 pontuou que, em seu campus, esse tipo de atividade foi um sucesso. Essa diferença sugere a possibilidade de uma comunicação mais eficaz entre as pessoas bibliotecárias da instituição, visando à troca de estratégias bem-sucedidas com a devida consideração às adaptações necessárias para atender às particularidades do público de cada campus.

“Teve um evento que a gente trouxe uma pessoa para falar sobre esse assunto e poucas pessoas. No caso sobre fake né? fake news. E não teve tanta procura. Quando a gente coloca um treinamento para alguma base de dados, que também pode trazer uma base confiável, também não tem procura.” PB1

“[...]a gente a gente chamou a Mariana Zattar para fazer uma palestra lá. Foi bacana. Para nossa surpresa a sala encheu. [...] A gente fez a ponte com a Mariana, promovi os cartazes, fizemos a divulgação.” PB19

Um entrevistado atuou durante o período da pandemia utilizando o envio de emails para distribuir o que ele nomeou como “dicas da semana” em que algumas das vezes enviou

informações sobre fake news e divulgação de sites de checagem. Considerando que no período pandêmico não havia meios de promover atividades que fossem tanto virtuais como presenciais, essa estratégia do email foi válida, levando em consideração que atualmente o email é um meio de comunicação que abrange as pessoas que optam por não ter mídias sociais ou não acompanhar as mídias sociais da biblioteca. Porém recai na questão da exclusão aos usuários que não dispõem de meios para acessar a internet.

“Assim que a gente entrou na pandemia, comecei a criar o dicas da semana. Que ali eu repassava artigos, sites, treinamentos, capacitações e eu me lembro que em algumas dessas semanas, ou semana ou meses né, eu sempre colocava alguma coisa a respeito da fake news. Ou era um artigo, ou era um site como o boatos.org, fato ou fake, para a pessoa ter o acesso e confirmar se aquilo que estava sendo divulgado era uma informação verdadeira ou não. Então eu atuei mais no período da pandemia.[...] Eu mandava por e-mail, tinha os e-mails dos servidores, alguns alunos também, aí eu fazia esse encaminhamento.” PB18

Uma pessoa bibliotecária buscou integrar-se a um grupo institucional com o objetivo de abordar questões que culminaram na elaboração de documentos destinados a fornecer informações precisas à comunidade. Tal iniciativa ilustra a importância do profissional procurar participar ativamente de grupos de trabalho ou fóruns institucionais que resultem na criação de documentos ou iniciativas relevantes para a disseminação de informações confiáveis.

“Eu lembro que logo que saiu a lei de acesso à informação, eu procurei saber o que que era, qual o benefício dessa lei, o que que ela ia trazer, não só para nossa área de biblioteconomia, como para a área de documentação, arquivo. E aí acabou que eu representei o campus no GT que teve lá na reitoria com todos os membros do IFRJ. [...] Aí nós fizemos um documento também para divulgar. O que era uma informação secreta, o que era uma informação que a gente poderia estar passando para o aluno, por exemplo, sem problema nenhum. A importância de ter documentos também para a gente seguir o tempo de duração. Qual tipo de informação a gente poderia dar livremente, qual tipo de informação deveria passar pelas autoridades lá na reitoria.” PB17

Destaca-se um dos entrevistados, que não apenas colaborou com a organização de uma palestra ministrada pela professora Marianna Zattar da UFRJ, mas também desempenhou um trabalho significativo em sua pesquisa de doutorado. Nesta pesquisa, ele trabalhou com 16 alunos do campus, os quais foram engajados em uma atividade que envolvia a análise de informações provenientes de mídias sociais em comparação com a literatura acadêmica.

Embora tenha sido uma iniciativa importante, este trabalho foi realizado apenas como parte da pesquisa de doutorado, destacando a necessidade de estratégias que garantam a continuidade de iniciativas destinadas a promover as competências infocomunicacionais dos usuários. Isso ressalta a importância da criação de iniciativas que permitam dar prosseguimento a essas ações, aproveitando a experiência dos profissionais bibliotecários da instituição que já tenham abordado essa temática em suas pesquisas anteriores.

“[...] um pouco antes da pandemia, eu fiz uma palestra sobre competência em informação, sobre competência em informação, inclusive até a professora, não sei se você conhece da UFRJ Mariana Zattar. Ela que ministrou a palestra sobre competência e informação [...] quando eu estava fazendo doutorado, né? Eu fiz, na verdade, eu fiz um levantamento com esses alunos para eles checarem as informações de onde eles estavam retirando da internet. Né, do site, fazendo essa confrontação de dados de onde retiraram. Muitas vezes recebiam informações de redes sociais, do Instagram, do Facebook. E eu falei assim, vamos confrontar isso realmente com a literatura? E foi uma pesquisa que eu trabalhei com 16 alunos. [...]” PB21

7.2.3 Sugestões e exemplos para o combate à desinformação

Entre as pessoas que disseram não terem atuado com ações ou iniciativas de combate à desinformação em seus campus, pretendeu-se coletar **sugestões** e analisar as opiniões sobre o que esses entrevistados consideram que poderiam passar a fazer para atingir esse objetivo.

Entre as sugestões coletadas, observou-se que estas podem ser classificadas em dois grupos: ações presenciais e ações voltadas para o meio virtual. Dentre as ações presenciais, destacou-se a sugestão de promover oficinas, treinamentos e/ou palestras voltadas para a identificação de fontes ou outros métodos de reconhecimento de desinformação. Considera-se tais sugestões importantes, pois permitem um contato mais abrangente com as ferramentas necessárias para a identificação de fontes.

“Olha, eu acho que oficinas de identificação de fontes, como eu falei, como é que eu identifico o autor, você procurar comparar em outros meios de comunicação. [...] Então acho que em formato de oficinas pro público que eu tenho, funcionaria. Fossem presenciais, fossem virtuais.” PB3

“Eu acho que nós, enquanto profissionais da informação na biblioteca, nós poderíamos fazer ações educativas como oficinas [...]” PB4

“[...]Mas acho que seria melhor se tivesse uma ação pontual, um curso ou uma palestra ou um

banner fixo na biblioteca, porque a gente atende tanto aos alunos que interagem pela internet, quantos alunos que frequentam lá, que também às vezes a gente fica Instagram, Instagram, Instagram, esquece do pessoal que vai fisicamente, que às vezes não vai ter acesso àquela informação.” PB8

“[...] um treinamento aos usuários né, de periódicos, porque hoje em dia a você encontra muito né?[...] Mas da importância de verificar outras fontes, né? E é isso, acho que teria que ter esse treinamento. PB11

“ [...] eu acho que... capacitando mesmo, dando palestras, dando oficinas de como buscar fontes seguras, de como identificar uma notícia falsa ou uma desinformação, não necessariamente uma notícia falsa, mas uma notícia que leva a uma desinformação.” PB16

Ainda englobando o formato presencial, foi mencionada a sugestão de utilizar rodas de conversa sobre desinformação ou rodas de leitura a fim de esclarecer questões em destaque. O entrevistado PB9 considera usar deste mecanismo para desmistificar as informações circulantes sobre a greve que a instituição enfrentava no momento da coleta de dados, por exemplo.

“[...]Outra possibilidade seria fazer evento na biblioteca, né? Roda de conversa a respeito do tema, né?[...]” PB2

“[...]muitos alunos vem nos procurar falando a respeito do... informações, que às vezes sabem que não são confiáveis, falando que a gente ganha muito bem, e que a gente está fazendo uma greve só por benefícios financeiros e nós já estávamos até pensando em fazer uma roda de leitura, uma roda de leitura de estudos, a respeito de documentos da greve, e seria até uma das nossas atividades de greve do campus.[...] Seria feito junto com a COTP.” PB9

Essas atividades acima podem ser consideradas aproximadas a um debate que é a proposta dos entrevistados abaixo. A fala do entrevistado PB9 acima menciona uma atuação em conjunto com outro setor do campus, o que também é lembrado por PB14 abaixo, ao ressaltar que em determinados temas pode ser necessário a atuação de professores em uma atividade como um debate, por exemplo. Essas atividades são interessantes e podem contar com a colaboração de outros setores e/ou pessoas que também tenham influência sobre o tema tratado, o que pode trazer mais enriquecimento para a atividade.

“[...]encontros para debates[...]”PB4

“[...]E assim num nível mais.... maior, mais amplo, um debate, dependendo da proporção do assunto. [...] bibliotecário e professor, porque aí eu acho que dependendo do nível e do tema, a gente vai precisar de uma parceria.” PB14

Somente um entrevistado teve sua fala mais voltada à preocupação com a leitura e com o desenvolvimento do pensamento crítico dos usuários. Porém ele demonstra que o clube de leitura, atividade a qual ele sugere, já foi objeto de tentativa de atuação em seu campus que não teve apoio para acontecer. Isso demonstra a necessidade de maior empenho das equipes em envolverem outras camadas da instituição acerca da importância da atuação da pessoa bibliotecária para a contribuição no desenvolvimento intelectual da comunidade.

“[...] E a leitura nesse aspecto tem uma importância muito grande, para que eles formem aquele pensamento crítico, [...] um clube de leitura na escola [...] Eu tentei fazer com eles lá exatamente isso, um clube de leitura em que a gente teria dois dias, mais ou menos, na biblioteca, entre os professores, os professores indicando livros que a gente pudesse discutir dentro da biblioteca, só que é um projeto que não foi para frente [...]” PB22

Para finalizar as ações sugeridas que estão voltadas às atitudes no formato presencial, algumas pessoas pensaram na utilização dos murais da instituição para fixação de informativos sobre desinformação.

“[...] colocar também no mural da biblioteca, né? “Procure sempre se informar”, fazer umas chamadas e colocar um site para que eles fiquem atentos a isso. Eu acho que a gente pode fazer isso não só no mural, como também no próprio balcão de atendimento. [...] E a gente pode, eu acho que a gente até pode fazer mais. Porque lá no nosso campus, a gente tem vários quadros divididos por segmentos, tipo assim, da matemática, da biblioteca, do Neabi, NUGEDES, entendeu? Tem uns quadros de aviso. A gente pode colocar também nos outros, pede dá licença, o que vocês acham? E colocando.” PB10

“[...] Eu acho que também fazer sinalização no campus, onde tiver mural, para chegar nas pessoas.” PB11

Todas essas sugestões são consideradas importantes, pois possibilitam alcançar usuários sem acesso às mídias digitais ou ao ambiente virtual, podem ser aplicadas para todo tipo de usuário da instituição, desde alunos a servidores ou usuários externos, e trazem à pessoa

bibliotecária visibilidade e protagonismo na educação em informação visando a promoção de competências infocomunicacionais.

Como mencionado anteriormente, também foram feitas sugestões relacionadas ao contexto digital, sendo o uso das mídias sociais a mais citada. Esse mecanismo foi mencionado como possibilidade de ser usado como meio de comunicação para manter a comunidade informada antes mesmo que comece a circular desinformação sobre determinado tema, como posto por PB3, desmistificar desinformações que estejam circulando na comunidade, apresentando informações corretas, conforme sugerido por PB2, PB12 e PB14, além de abordar o assunto e promover agências de verificação, conforme mencionado por PB2, PB3 e PB8.

“Mas acredito assim, que uma sugestão minha seria justamente ter nas redes sociais de repente um post fixo semanal de repente, para poder trabalhar essa ideia com as pessoas né? O que é desinformação, de repente desmistificar coisas, responder alguma coisa. [...]” PB2

“[...]Outra coisa que se tivesse, eu acho que funcionaria, seja na rede social da Unidade ou se tivesse da biblioteca, alguns drops, algumas informações sobre desinformação, de modo geral, ou dando informações, por exemplo, no caso [...], que teve essa situação com as enchentes. Ah, a gente consegue a informação correta, passa, publica nos perfis das redes, que aí antes de chegar a desinformação a gente já tá fazendo uma proatividade, uma transparência ativa.” PB3

“Acho que promover divulgação dessas agências de verificação, de formas de pesquisar informação na internet. A gente trabalha com o Instagram, então divulgar pelo Instagram isso [...]” PB8

“Ah, pode então realizar ações na biblioteca, pelo menos uma vez, uma vez ao mês, com alguma notícia que está em destaque. E que de fato pareça ser ...que é desinformação, tá todo mundo comentando e chega e fala: Ah, a notícia de destaque é.....é falso ou verdadeiro? Aí pode falar, é verdadeiro, pois de acordo com o artigo científico, isso, tanranrantan..... Ou então a notícia é falsa, pois não há comprovação de sentido. Pode fazer alguma ação assim, normalmente.[...]nas Redes sociais, instagram.. com postagem.” PB12

“Bom, assim, acredito que através das redes sociais, a partir do momento que você identifica alguma coisa, algum fato que está sendo disseminado assim, como desinformação, eu acho que as redes sociais seriam o primeiro impacto, a primeira ação. [...]” PB14

O entrevistado PB2 sugere uma iniciativa que pode ser promissora, que envolve a criação de um serviço de referência virtual. Esse serviço permitiria que a comunidade contatasse as pessoas bibliotecárias para esclarecer dúvidas sobre informações ou notícias recebidas. Embora a proposta inicial seja de que as pessoas bibliotecárias respondam exclusivamente sobre a veracidade das informações através deste serviço, é possível utilizar essa proposta também para educar os usuários a realizar suas próprias análises. Além de fornecer informações precisas em resposta às dúvidas dos usuários, as pessoas bibliotecárias poderiam, por exemplo, explicar os métodos utilizados para chegar a essas informações.

“[...] É... outra possibilidade também, talvez, né, necessitar de um pouco mais de elaboração e de conversa com a equipe seria ter um canal de atendimento para tirar dúvidas, de repente.[...] um serviço de referência virtual para poder tirar dúvidas, quanto as questões de se a informação é verdadeira ou não.” PB2

Um entrevistado chama a atenção para a possibilidade de fazer parcerias com o setor de Comunicação (ASCOM) da Instituição. Ele sugere que seja criado um projeto em parceria com esse setor e esse projeto seja viabilizado através do site da Instituição. Essa sugestão traria um protagonismo para o IFRJ na atuação contra a desinformação, pois o site é a porta de entrada para qualquer pessoa (até quem não é estudante ou servidor) ou empresa ter acesso à informações sobre a instituição e seus projetos.

“É... criar uma espécie de um projeto de informação sobre desinformação. [...] E por que não no site da própria instituição? [...] E para mim ainda vale mais, porque é da reitoria, do IFRJ, vamos tratar de desinformação. E a biblioteca como parte...e o setor de comunicação dos campus também, que são as ASCOM e tal, e aí você trabalhar.” PB7

Como parte dos esforços para identificar estratégias de combate à desinformação implementadas em outros locais e que possam ser adaptadas para aplicação na instituição, buscou-se que os entrevistados mencionassem **exemplos** de iniciativas que tenham visto e que consideraram interessantes, independentemente de terem sido realizadas por profissionais da Biblioteconomia e Ciência da Informação ou por outros profissionais. Alguns entrevistados não conseguiram recordar, durante a entrevista, de qualquer iniciativa que os tenha chamado a atenção e que pudesse ser relatado, resultando assim na ausência de resposta por parte do universo da pesquisa.

Chama atenção as menções às palestras e atividades da professora Marianna Zattar da

UFRJ. A docente é reconhecida por seu engajamento significativo em eventos especializados da área, sobretudo no Rio de Janeiro, com foco na Competência em Informação e no combate à desinformação. A organização e/ou participação nesses eventos e o contato com profissionais bibliotecários que se dedicam a esses temas são essenciais não apenas para a troca de experiências, mas também para a contínua capacitação e atualização dos profissionais, preparando-os para enfrentar as novas demandas que despontam na sociedade. Conforme relatado, a professora também desenvolveu projetos direcionados a um público não especializado, como os alunos do Colégio Pedro II, o que é igualmente relevante para as pessoas bibliotecárias do IFRJ pois mostra a possibilidade da concepção de iniciativas que possam contar com a colaboração de profissionais da área que já atuem com projetos de combate à desinformação.

“Eu fui no evento no Pedro 2. Já tem tempo também. Já tem tempo também. E falando sobre isso, aí tinha fórum de competência e informação que eu já fui e aí fala muito sobre isso. [...] Foi um evento também ligado a isso. Foi um evento ligado a isso. E na época da faculdade, a minha professora Zatar, então eu já fui algumas palestras dela sobre fake news, né? Mas, já tem tempo também [...]” PB1

“Tem uns projetos que a Zattar, não sei se ainda tem, mas tinha com o CP2. [...]Ela fez uma atividade com as turmas do Pedro II e se eu não me engano era fundamental, não era nem ensino médio não que ela fazia.” PB3

“Eu não me recordo, só recordo de palestras mesmo da Marianna Zatar, que é uma pessoa que eu acompanho. A professora Marianna Zatar, que ela fala muito sobre né?” PB8

“É só com a Marianna mesmo, né? Que ela faz esse trabalho na UFRJ, com os alunos dela na disciplina de... Ah, esqueci da disciplina agora. Mas ela faz esse trabalho, ela dá uma palestra sobre isso, sempre acompanho. PB16

Da mesma forma que nas sugestões coletadas na unidade de registro anterior os entrevistados destacaram a viabilidade de oferecer cursos e/ou palestras, nos exemplos de atividades mencionadas para a unidade de registro analisada nesse momento, também foram lembradas iniciativas similares promovidas por outras instituições. Este cenário reitera a eficácia dessas ações como um recurso viável para educar os usuários para a informação e promover o desenvolvimento das competências infocomunicacionais.

“[...] Tem um curso de contra a desinformação. Eu acho que é INCD o nome, sigla da instituição. Gente, hoje a memória tá ruim. Mas eles têm um curso de entendendo as fake news, é o título do curso. [...]” PB₃

“[...] assim, chamadas pela internet, como o anúncio de instituição que ia fazer palestra, ou um Workshop, esse tipo de ação. Só não me lembro qual, acho que de universidade, eu já vi, não vou recordar agora de qual, pois já tem tempo também, mas principalmente assim né, nas Rede Sociais divulgando alguma ação que ia fazer.” PB₁₃

“[...] eu sei que a Fiocruz faz um trabalho bem legal sobre isso, faz cursos, palestras sobre essa questão de informação e desinformação. [...] vi pela... pela rede social do Instituto de Comunicação e Informação o ICICT Instituto de Comunicação e Informação Científica da Fiocruz que é um instituto que trabalha muito com essa questão de informação enfim. Então já vi algumas chamadas de cursos palestras sobre essa temática.” PB₁₅

A utilização das mídias sociais também foi lembrada como uma ação relevante, exemplificada especificamente pelo PB₃, que menciona os perfis das bibliotecas da UFF que divulgam informações precisas antes que a desinformação circule. O entrevistado também mencionou uma iniciativa interessante envolvendo perfis no Twitter que oferecem orientações sobre como identificar imagens falsificadas pela Inteligência Artificial. Considerando que uma boa parte da população está atualmente imersa no mundo digital, o uso das mídias sociais pelas bibliotecas representa um recurso significativo para enfatizar informações educativas sobre desinformação. Porém ressalta-se mais uma vez a necessidade de fazer com que as informações disponibilizadas em mídias sociais também alcancem àqueles usuários que não possuem esse acesso.

“[...] Tem algumas pesquisas na UF que falam sobre desinformação em bibliotecas também, que eu acho interessante, principalmente pelas redes sociais das bibliotecas, que eu acho legal assim. [...] Se eu não me engano, eu vi da de economia nesse perfil de passar as informações antes de virem a desinformação, né? Passar a informação de editais, passar a informação de notícias assim, a de economia. [...] às vezes no Twitter o pessoal faz fios que eles vão explicando é... ah fotos de artesanato, como identificar se é de Inteligência artificial. [...] Aí eles ensinam questão de tecido. O tecido tem que estar com relevo assim, relevo assado. Se tiver muito reto, tiver esse tipo de brilho, já é algo forjado por inteligência artificial.” PB₃

O entrevistado PB₅ também aborda o uso das mídias sociais e em sua fala também

ênfatiza o uso dos sites institucionais pela FIOCRUZ e pelo IBGE, opção que foi sugerida também pelo entrevistado PB7 na unidade de registro “sugestões”.

“Já vi vários posts muito bacanas ensinando a evitar esse tipo de informação, a procurar saber a origem da informação antes de repassar, para poder não estar perpetuando um ciclo de fake news. Eu já vi vários posts muito bacanas, inclusive a gente se inspirou em alguns deles, mas eu não vou saber precisar um post de tal lugar ou de tal lugar. Mas eu vejo que tem sido feito. [...] A Fiocruz foi muito quando começou a questão do Covid, que eles tinham umas cartilhas, a gente podia copiar os posts, podia salvar no computador para poder reutilizar, inclusive eu reutilizei. E era muito relacionada essa questão de fake news associada ao Covid, porque as pessoas acabavam se utilizando de fake news para justificar a ausência nos postos de saúde, não queria se vacinar e tudo mais. E no IBGE eu acho que eu vi alguma coisa sobre fake news também, mas eu acho que relacionado a outros aspectos mais sociais. Não era muito, não tinha nada a ver com saúde. [...] No site das próprias, no site da Fiocruz e no site do IBGE.” PB5

Uma outra possibilidade é o uso de vídeos para fazer um comparativo entre a desinformação que está circulando e a informação verdadeira, uma espécie de “fato ou fake” que foi lembrado por alguns entrevistados como um formato usado pelos veículos de imprensa ou mesmo pelos sites de checagem através de suas mídias sociais.

“[...] no Instagram tem um...uma empresa que faz essa publicidade muito interessante. Ela coloca a notícia errada, fake news e vai esclarecendo trazendo um vídeo informativo e colocando vários prints de várias notícias, notícias que são, como que eu posso dizer? Notícias que são fidedignas, para mostrar o contrário do que está falando da notícia falsa em si, entendeu? [...]essa empresa que investiga todas as notícias falsas, sabe? É muito interessante. [...] Agência Lupa.” PB6

“[...] a própria rede de Globo, eu vejo muito ela no combate. Aí já foge do campo acadêmico, estou te falando. É, porque eu acho que é até um gancho bom que eles pegam uma sessão nos jornais de manhã, é uma sessão de fake news, alguma coisa assim, combate a desinformação, aí tem uma menina lá de dentro que vem, ela não está sempre não, e ela vem explicar, é fato ou fake? [...]a menina fala, olha só, essa informação é falsa, aconteceu isso, isso, isso. Não, essa é verdadeira. [...] Eles dão uma pequena aula.” PB7

“Então, se a gente pegar esses canais de jornalismo, a gente pode falar do fato ou fake, a gente pode falar daquele outro que tem na UOL, que eu não me recordo o nome, mas também é muito parecido. Então são assim, esses canais que eu percebo que tenha muito.” PB9

“O que realmente me chamou a atenção foram esses sites, né? Por exemplo, Boatos.org, né? Não tem fins lucrativos. Então, foram essas pessoas que se reuniram, se organizaram para justamente tentar fazer esse combate à desinformação. [...] uma instituição formal, eu não vou me lembrar, só vou me lembrar dos sites mesmo, esses sites que se colocaram, se propuseram, a própria Globo em si, no Jornal da Manhã, se eu não me engano, acho que é o Bom Dia Rio, se eu não estou equivocada, ainda continua tendo essa questão, é fato ou fake? Então, assim, é uma instituição formal que ainda dá continuidade, acho que a Globo na parte da manhã.”
PB18

Ainda sobre ações dos veículos de imprensa foi mencionado alertas feitos pela rádio CBN para chamar atenção quanto ao repasse de informações sem ter certeza de sua veracidade.

“Eu sempre escuto, porque eu tenho escutado muita rádio né, ultimamente. Rádio, mesmo para saber a notícia, saber o que está acontecendo. [...] Então é.. sempre tem uma chamada, por exemplo, na CBN, para a gente tomar muito cuidado e procurar sempre combater a desinformação. Então eu vejo na rádio, eles estão muito preocupados com isso. [...] é mais um alerta mesmo, pra gente procurar quando tiver uma notícia, uma informação muito importante, pra gente procurar não passar, não repassar, não reencaminhar, não reenviar, antes de a gente ter certeza que aquilo ali realmente aconteceu, que é o verídico.” PB17

As publicações da IFLA sobre o assunto também foram lembradas por PB21. Destaca-se aqui o Infográfico da IFLA para identificação de notícias falsas que tem uma linguagem simples o que o torna de fácil entendimento e pode ser amplamente divulgado para toda comunidade.

“Olha, o que eu achei é da própria IFLA. Da própria IFLA em si. A própria IFLA em si foi um dos... Foi a instituição que realmente me deixou, a primeira parte, muito encantado pela divulgação, dessa questão de mapeamento mundial, de como é que é o processo da fake news.”
PB21

É necessário ressaltar a contribuição do entrevistado PB4 que relata as ações que existem em bibliotecas de Portugal as quais teve conhecimento ao fazer a coleta de dados de sua pesquisa. Ele pontua a existência de clubes de leitura onde os alunos leem um livro inteiro de sociologia e debatem, na intenção de desenvolver uma leitura crítica. Também são feitas sessões de formação para uso da informação voltadas a várias idades, incluindo o público idoso que é um grupo vulnerável no que diz respeito à desinformação, essas formações também são

voltadas para o uso de mídias sociais e das tecnologias. O entrevistado aponta que fazem muito uso de blogs com dicas e técnicas para o desenvolvimento da leitura crítica. Após dar uma breve explicação sobre como é a diferença entre o termo competência em informação usado no Brasil e literacia e suas vertentes usadas em Portugal, o entrevistado diz que também são feitas atividades para desenvolver o aprendizado na leitura de jornais e notícias jornalísticas com a intenção de identificar vieses e quando ele está a serviço de alguma coisa. Por fim, ele aponta que a cidade onde foi feita a pesquisa possui uma rede de bibliotecas e as ações educativas são coordenadas através de uma programação anual. Considerando que o IFRJ possui um Sistema de Bibliotecas a iniciativa de uma programação coordenada entre todas as bibliotecas pode ser viável de ser implementada na Instituição.

“[...] nas bibliotecas que eu coletei dados, eles tinham práticas muito interessantes. Tinha uma biblioteca que tinha tipo um clube de leitura para ler os clássicos da sociologia. [...] um dos entrevistados, ele falou de um projeto que ele fazia com os alunos que era um projeto da leitura dos clássicos da sociologia, mas que o aluno tinha que ler o livro inteiro e debatê-lo. E com uma leitura crítica, não uma leitura rasa superficial. Então, durante o ano todo, eles trabalhavam, os grupos trabalhavam os livros, faziam as sessões de debate e sempre voltados para a questão da cidadania. Eu enquanto cidadão, eu enquanto um indivíduo na sociedade, como que tem que ser a minha atitude? Esse foi um exemplo. Muitas sessões de formação para o uso da informação para várias idades, não só focando nos adolescentes e jovens adultos, bastante coisa também com os idosos, que são um grupo muito vulnerável para esse tipo de informação. Tinha o que mais?.... As sessões, muitos blogs que fazem, justamente com dicas e técnicas para desenvolver a leitura crítica, formações para o uso de mídias sociais, das tecnologias. Formação também, porque lá eles... Porque em Portugal eles dividem né, o que lá eles chamam de literacia, aqui a gente chama de competência. Eles dividem... Que a literacia em informação é uma coisa. A literacia em mídias que eles chamam é como se fosse a literacia, uma literacia jornalística, então é aprender a ler jornais, como ler jornal, revista, notícias, identificar os vieses, porque tudo tem um viés ne? [...] saber identificar isso, mas também saber identificar quando esse viés está a serviço de alguma coisa e a informação vem deformada, a fim de atingir o objetivo desse viés. [...] lá eles tem uma coisa interessante, que embora sejam bibliotecas, com tipologias diferentes e vinculadas a diferentes instituições, elas trabalhavam em rede. Existe uma rede das bibliotecas da cidade. E aí, as ações educativas das bibliotecas, elas são coordenadas. Então tem várias práticas, então eles fazem uma programação anual, com várias ações educativas, que aí eles trabalham três vertentes, que é a literacia leitora, a capacidade de leitura, essa das mídias que é a parte jornalística e a parte digital. E aí eles coordenam todas essas ações para formar as pessoas.” PB4

Diante da conclusão da análise e discussão dos resultados dos dados coletados juntamente com o levantamento bibliográfico feito nas seções anteriores, trataremos sobre o produto proveniente desta pesquisa e em seguida serão feitas as considerações finais do processo da presente pesquisa.

8 Sobre o produto da pesquisa

Como produto desta pesquisa elaborou-se um caderno destinado a auxiliar os bibliotecários do IFRJ em suas atividades de combate à desinformação junto a seus usuários, visando promover ações de educação em informação para o desenvolvimento de competências infocomunicacionais.

O caderno foi elaborado compilando algumas ações e práticas que as pessoas bibliotecárias do IFRJ informaram já ter promovido em seus campus e sugestões que fizeram nas respostas da entrevista bem como foram considerados exemplos de ações mencionadas pelos entrevistados. Na elaboração do caderno, também foram incorporadas algumas ações implementadas por outras instituições, exemplificadas na subseção 5.1.

O caderno foi intitulado “Caderno para promoção de competências infocomunicacionais e combate à desinformação.” No que se refere à produção do caderno utilizou-se o programa Photoshop e o mesmo está disposto da seguinte forma:

- Apresentação
- O cenário atual de propagação de desinformação
- Competências infocomunicacionais: o que são e por que promovê-las?
- Formas de atuação para educar em informação promovendo as competências infocomunicacionais.

O público alvo deste caderno são as pessoas bibliotecárias do IFRJ, porém pode atender pessoas bibliotecárias de outras instituições de ensino, pois as ações sugeridas no mesmo são facilmente aplicáveis pelos profissionais desse tipo de espaço. Pretende-se apresentar o caderno à Coordenação Geral de Bibliotecas e avaliar que ele se torne um documento oficial do Fórum de Bibliotecários regulamentado pelos órgãos superiores da Instituição. Desta forma pretende-se que o caderno seja um instrumento de trabalho das pessoas bibliotecárias permitindo-lhes planejar ações de educação em informação dos usuários em relação às fontes de informação, principalmente as disponíveis na internet que frequentemente recorrem a discursos apelativos e costumam distorcer informações e/ou enfraquecer a veracidade dos fatos.

Ao integrar as ações nele propostas às suas práticas profissionais frequentes, contribuirá para que as iniciativas de educação em informação, voltadas para a promoção de competências infocomunicacionais, sejam cada vez mais consolidadas na rotina da Instituição. Consequentemente, o objetivo de fazer com que a pessoa bibliotecária seja um ator importante

e reconhecido na atuação contra a desinformação será progressivamente alcançado no âmbito dos profissionais que atuam no IFRJ.

Utilizou-se como referência para elaboração deste produto o caderno “Biblioteca e Informação: ações a favor da democratização do acesso à informação por meio da biblioteca pública” produto da dissertação do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) de Jéssica Souza de Andrade e a “Cartilha de atividades de mediação explícita da informação no SIBI-UFPI” elaborada por Rafael Gomes de Souza como produto do seu Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

9 Considerações finais

A propagação de desinformação tem sido um cenário cada vez mais frequente na sociedade atual, facilitada principalmente pelo uso das mídias sociais em que cada pessoa pode se tornar produtor e disseminador de informação muitas vezes sem passar por um critério de confiabilidade prévio. Diante disso é necessário a construção de habilidades que vão além de saber encontrar, avaliar, interpretar a informação, pois cada indivíduo passa a ter responsabilidade sobre aquilo que produz e replica bem como as consequências provenientes deste ato.

Concluiu-se que as competências infocomunicacionais atendem essa perspectiva pois se tratam de habilidades que vão além do gerenciamento de informações e resolução de questões, sendo consideradas como uma construção de conhecimentos e práticas que incentivam um pensamento crítico e reflexivo sobre a informação e às responsabilidades provenientes do processo de comunicação especialmente no ambiente digital.

A realidade atual inseriu mais responsabilidades na atuação profissional da pessoa bibliotecária. O referencial teórico apontou que por ser um profissional ligado à informação e ter acesso à usuários de diversas camadas sociais, a pessoa bibliotecária possui uma importância relevante no combate à desinformação ao atuar com a educação em informação promovendo competências infocomunicacionais. Porém notou-se que embora o profissional seja capacitado para isso, é necessário manter-se atento para não ser influenciado por crenças próprias que o atrapalhem no que se refere à verificação da confiabilidade de uma informação ou mesmo repasse de informações motivado por questões pessoais. É importante também o profissional se manter atualizado e se capacitando continuamente para acompanhar o crescimento das responsabilidades profissionais que tendem a surgir conforme aumenta a demanda informacional da sociedade.

Buscando-se atingir os objetivos propostos, seguiu-se os caminhos apresentados nos procedimentos metodológicos até chegar ao momento da coleta de dados, de onde foram extraídos os aspectos mais importantes das falas de cada um dos entrevistados de forma a responder aos questionamentos que nortearam a pesquisa apresentados na introdução desse trabalho.

Notou-se que é necessário que as pessoas bibliotecárias do IFRJ se apropriem e estudem mais acerca do assunto, pois se destacou entre eles a consideração de que desinformação são fake news ou notícias falsas ou até mesmo falta de informação, porém o conceito que norteou

o presente trabalho aponta que desinformação é voltada para além de notícias falsas, podem ser um discurso mal compreendido ou comunicado ou uma imagem manipulada, por exemplo.

Evidencia-se que há a necessidade de capacitação desses profissionais pois mesmo entre aqueles que se sentem aptos a identificar uma desinformação existem muitos equívocos e falhas nos meios utilizados o que acaba por refletir em erros nas orientações que venham a passar aos usuários.

Entende-se também ser importante que as pessoas bibliotecárias da Instituição busquem melhorar suas formas de se comunicar para se sentirem seguros em fazer uma abordagem respeitosa quando deparados com desinformação circulando principalmente relacionadas a assuntos polêmicos, pois uma parte dos entrevistados relatou preferir não se manifestar a respeito afim de evitar desentendimentos, porém através de uma abordagem respeitosa é possível esclarecer questões equivocadas ou pelo menos deixar alguma reflexão. No entanto percebeu-se que, uma parte dos entrevistados ao notar a circulação de desinformações corriqueiras do dia a dia do campus ou do entorno da comunidade, tiveram a iniciativa de procurar orientar os envolvidos ou mesmo procurar fazê-los refletir demonstrando que essa parte dos entrevistados tem suas ações guiadas pelo *ethos* profissional ainda que não estejam em momentos de atuação direta profissional.

Em relação ao fazer profissional identificou-se que as pessoas bibliotecárias da instituição não são muito atuantes em ações ou iniciativas voltadas ao combate a desinformação. Aqueles que relataram ter realizado alguma atividade neste sentido mencionaram que foram ações pontuais, sem continuidade, ou, na maioria dos casos, apenas publicações breves com orientações nas mídias sociais da biblioteca. Ao buscar saber de que forma foi a atuação desses profissionais quando realizaram ações de combate à desinformação, foram relatados eventos com presença de palestrantes externos, envio de email com dicas de sites de checagem ou informações sobre fakenews e publicações em mídias sociais. Considera-se que somente essas, são ações muito rasas ou insuficientes para atingir o objetivo de educar em informação e combater a desinformação promovendo as competências infocomunicacionais da comunidade usuária do IFRJ, sejam alunos, servidores, terceirizados ou mesmo a comunidade do entorno que de certa forma possa ser envolvida em ações da instituição. Entende-se que a existência de um documento com sugestões de atividades possa ajudar esses profissionais a ter mais opções de atuação e manterem uma continuidade.

Na intenção de elaborar um documento que contenha sugestões de ações de atuação que promovam as competências infocomunicacionais e combatam a desinformação foram buscados

exemplos de atividades tanto na literatura quanto na internet. Adicionalmente, foram consideradas as ações, sugestões e exemplos mencionados pelos entrevistados pois eles podem ter feito menções baseadas em um conhecimento mais profundo das necessidades e dinâmicas da comunidade na qual estão inseridos.

O caderno elaborado como produto final dessa pesquisa atinge o objetivo geral desse trabalho, porém deve-se reforçar novamente a necessidade que as pessoas bibliotecárias do IFRJ busquem atualização e capacitação no tema para que seja possível implementar as ações propostas com mais segurança e se tornarem de fato profissionais que se apropriam de suas habilidades e se destacam no combate a desinformação. Diante disso cabe colocar que o IFRJ possui uma Pós-graduação em Práticas de Letramento no Campus São João de Meriti, portanto sugere-se analisar a possibilidade de procurar o corpo docente do presente curso na intenção de firmar parcerias para que eles possam desenvolver um curso pontual para as pessoas bibliotecárias da Instituição.

Por fim, considera-se importante pontuar que ao final da escrita dessa dissertação tomou-se conhecimento do artigo de Teixeira e Lubisco (2024) intitulado “Educação em informação: uma possibilidade de consolidação para as bibliotecas multiníveis”. O artigo em questão incorpora a pesquisa de doutorado em Ciência da Informação ainda em andamento “cujo objetivo geral é analisar como as bibliotecas dos Institutos Federais podem se consolidar como promotoras da educação em informação, por meio de competências infocomunicacionais” (Teixeira, Lubisco, 2024, p. 345). Diante da proximidade da pesquisa em andamento com a presente dissertação, propõe-se acompanhar a conclusão da mesma, pois ela pode contribuir para enriquecer ainda mais o caderno elaborado como produto dessa dissertação.

REFERÊNCIAS

AGOSTO, Denise E. An Introduction to Information Literacy and Libraries in the Age of Fake News. In: AGOSTO, Denise E. **Information literacy and libraries in the age of fake news**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, [2018]. Cap. 1, p. 9-20.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Infodemia, desinformação, pós-verdade: o desafio de conceituar os fenômenos envolvidos com os novos regimes de informação. **The International Review of Information Ethics**, Canadá, v. 30, n. 1, ago. 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/405>. Acesso em: 26 mai. 2024.

ARAÚJO, Livia de Oliveira Lima Cavalcanti de; VOGEL, Michely Jabala Mamede. Bibliotecários e Fake News: análise de publicações nacionais. **Conhecimento em ação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/197470>. Acesso em: 1 set. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BORGES, Jussara. Competências infocomunicacionais: estrutura conceitual e indicadores de avaliação. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 28, n. 1, p. 123-140, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/38289>. Acesso em: 16 out. 2022.

BORGES, Jussara. **Participação política, internet e competências infocomunicacionais: estudo com organizações da sociedade civil de Salvador**. 2011. 352 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5558>. Acesso em: 24 set. 2023.

BORGES, Jussara. Por que promover competências infocomunicacionais? In: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). **Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. cap. 2, p. 37-51.

BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise. Evolução contexto-conceitual das competências infocomunicacionais. **Logeion: filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 75-86, mar./ago. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/43051>. Acesso em: 24 set. 2023.

BORGES, Jussara; OLIVEIRA, Lídia. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. **Observatório Journal**, [s.l.], v. 5, n. 4. p. 291-325, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5483>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRANDÃO, Gleise. O que são competências infocomunicacionais? In: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). **Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Cap. 1, p. 20-36.

BRANDÃO, Gleise da Silva; GALIZA, Mirna Pereira; LIMA, Jussara Borges de. Promoção de competências infocomunicacionais: um relato de experiência com estudantes do ensino médio. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 01-15, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35281>. Acesso em: 17 mar. 2024.

BRANDÃO, Gleise da Silva; SANTOS, Jaires Oliveira; BORGES, Jussara. Comportamento infocomunicacional: um diagnóstico entre estudantes para a promoção de competências infocomunicacionais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 4, p. 670-696, out./dez. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/156413>. Acesso em: 16 ago. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica. **Há 113 anos formando profissionais qualificados e transformando vidas**. Brasília, CONIF, c2019. Disponível em: <https://113anos.redefederal.org.br/#inicio>. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica. **Portal CONIF**. Brasília, CONIF, 2023. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/>. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. **Bem-vindo ao portal do IFRJ**. Rio de Janeiro: IFRJ, [2023]. Disponível em: <https://portal.ifrj.edu.br/index.php>. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 10 out. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 23 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**. [Brasília]: Ministério da Educação, [202-?]. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/rede-federal-inicial/>. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica**: principais números. [Brasília]: Ministério da Educação, [2023]. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/estrutura_organizacional/orgaos-especificos-singulares/secretaria-de-educacao-profissional/rede-federal. Acesso em: 21 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica**: concepção e diretrizes. Brasília: MEC, 2010.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2006.

BRISOLA, Anna; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “fake news”: distinções, diagnóstico e reação. *In*: ENANCIB, XIX, 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 3316-3330. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124659>. Acesso em: 3 set. 2023.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. **Estudos avançados**, São Paulo, jan./abr. 2002, n. 44, v. 16, p.173-185. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ZNySQnGQtLrt9vgmxqYHsXD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2022.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CONDE, César Augusto Galvão Fernandes; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Desinformação: qualidade da informação compartilhada em mídias sociais. *In*: ENANCIB, XIX, 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 1610-1629. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124592>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega Y Gasset. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 197-214, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/777>. Acesso em: 3 set. 2023.

DARNTON, Robert. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton. Fabio Victor. **Folha de São Paulo**, São Paulo, fev. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: set. 2023.

DEDAVID, Daniel; MARTINI, Paula; BORGES, Jussara. Educação em informação como resistência à desinformação. **Revista EDICIC**, San José, v. 3, n.3, p.1-10, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.62758/re.v3i3.282>. Acesso em: 10 jun. 2023.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1 - 22, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/46476>. Acesso em: 24 out. 2023.

ELIAS JUNIOR, Alberto Calil; SÁ, Nysia Oliveira de; ZATTAR, Marianna. A extensão universitária e o exercício da práxis no campo informacional: práticas para apropriação da informação e do saber. **The International Review of Information Ethics**, Canadá, v. 30, n. 1, 2021. Disponível em: <https://informationethics.ca/index.php/irie/article/view/399>. Acesso em: 22 out. 2023.

FROEHLICH, Thomas. "Anàlisi no tan breu de l'estat actual de l'ètica de la informació : ètica de la ignorància, informació incompleta, falsa i falsejada i altres formes d'engany i incompetència". **BiD: textos universitaris de biblioteconomia i documentació**, n. 39, dez. 2017. Disponível em: <https://bid.ub.edu/39/froehlich.htm>. Acesso em: 24 mai 2024.

FURTADO, Camila; DIAS, Thiago Magela Rodrigues. A pessoa bibliotecária como agente de combate à desinformação na área da Ciência da Informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 19, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1929>. Acesso em: 23 out. 2023.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional** : pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, 2012. 183 p. Disponível em: http://leunb.bce.unb.br/bitstream/handle/123456789/22/Letramento_Informacional.pdf?sequence=3. Acesso em: 24 out. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HELLER, Bruna. Avaliação crítica da informação. In: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). **Educação para a informação**: como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Cap. 6, p. 88-104.

HELLER, Bruna. **Competências infocomunicacionais**: ações em bibliotecas universitárias do Rio Grande do Sul para combater a desinformação. 2021. 187 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/231622>. Acesso em: 08 fev. 2023.

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.49 n.2, p. 189- 204, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 02 jan. 2023.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS. Alternative facts and fake news – verifiability in the information society. **Library Policy and Advocacy Blog**, Jan. 2017. Disponível em: <https://blogs.ifla.org/lpa/2017/01/27/alternative-facts-and-fake-news-verifiability-in-the-information-society/>. Acesso em: 29 set. 2023.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS. How to Spot Fake News – COVID-19 Edition. 2020. Disponível em: <https://www.ifla.org/skills-for-a-digital-world/how-to-spot-fake-news-covid-19-edition/>. Acesso em: 29 set. 2023.

MARTINS, Regis; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Desinformação, fake News e pós verdade: suas distinções e como evitá-las. In: Encontro de pesquisa em informação e mediação, 3., 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: UNESP, 2021. p. 1-19. Disponível em: <https://portalconferenciasppgci.marilia.unesp.br/index.php/IIIEPIM/IIIEPIM/paper/viewFile/177/242>. Acesso em: 22 out. 2023.

MELO, Camila Alves de. Aprender ao longo da vida como exercício das competências infocomunicacionais e da Metaliteracy. In: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). **Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Cap. 12, p. 189-203.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOUTINHO, Sonia Oliveira Matos. **Práticas de leitura na cultura digital de alunos do ensino técnico integrado do IFPI - Campus Teresina Zona Sul**. 2014. 183 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3075>. Acesso em: 11 mai 2024.

OLTMANN, Shannon M. Misinformation and Intellectual Freedom in Libraries. In: AGOSTO, Denise E. **Information literacy and libraries in the age of fake news**. Santa Barbara: Libraries Unlimited, [2018]. Cap. 5, p. 81-92.

ORTEGA Y GASSET, J. **Missão do bibliotecário**. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

O'BOYLE, Neil. **Communication Theory for Humans: Communicators in a Mediated World**. Dublin: Springer Nature, 2022.

REIS, Bruno Gonçalves dos. **A problemática da manipulação de mídias e desinformação frente ao bibliotecário como curador de conteúdo na Web 2.0**. 2017. 52 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdade de Informação e Comunicação, Universidade Federal de Goiás. 2017.

SÁ, Nysia Oliveira de. **Repositórios de recursos educacionais livres : desafios para implantação em instituições públicas de ensino superior (IPES) a partir da perspectiva de professores conteudistas em EaD**. 2013. 177 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/14760>. Acesso em: 23 abr. de 2024.

SCHNEIDER, Marco. **A era da desinformação: pós-verdade, fake News e outras armadilhas**. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações. In: ENANCIB, XIX, 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018. p. 333-353. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124855>. Acesso em: 13 set. 2023.

SILVA, Laiza Lima da. **Bibliotecas públicas no Brasil: a releitura de uma realidade**. 2017. 110p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. 2017.

SILVA, Silvana Souza da; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. O bibliotecário e as Fake News: análise da percepção dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/127738>. Acesso em: 15 ago. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Comissão de Confiabilidade Informacional e Combate à Desinformação no Ambiente Digital (CIDAD)**. [Curitiba]: UFSC, 2024. Disponível em: <https://cidad.bu.ufsc.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

WARDLE, Claire. **Understanding Information disorder**. [S.l.]: Frist Draft, 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/long-form-article/understanding-information-disorder/>. Acesso em: 18 nov. 2022.

ZATTAR, Marianna. Competência em informação e desinformação: critérios de avaliação do conteúdo das fontes de informação. **Liinc em revista**, v. 13, n. 2, p. 285– 293, nov. 2017. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4075>. Acesso 15 ago. 2022.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Baseado nas Resoluções 466/12 e 510/2016, eu, Alane Elias Souza, estudante do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO o(a) convido a participar da pesquisa “O combate à desinformação e a ação biblioteconômica nas bibliotecas do IFRJ: proposta de uma cartilha para promoção de competências infocomunicacionais” orientada pelo Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior.

OBJETIVOS DO ESTUDO: Explorar os conceitos de desinformação e seus aspectos na sociedade, bem como entender o que são e a importância das competências infocomunicacionais, relacionando a pessoa bibliotecária como promotora das mesmas; Identificar se as pessoas bibliotecárias do IFRJ sabem o que é desinformação e como identificá-la; Investigar se as pessoas bibliotecárias do IFRJ atuam contra a desinformação e se promovem as competências infocomunicacionais dos seus usuários; Mapear estratégias na literatura, e também, a partir de eventuais respostas das pessoas bibliotecárias, de ações para atuação de combate às desinformações, bem como de formas de interação responsáveis a fim de evitar a disseminação das mesmas.

PROCEDIMENTO DO ESTUDO: Você foi selecionado(a) por ser pessoa bibliotecária do IFRJ, local onde o estudo será realizado. Você será convidado a responder uma entrevista semiestruturada com tópicos sobre aspectos relacionados com a desinformação e a atuação profissional. As entrevistas terão duração de até 15min (quinze minutos), serão individuais e realizadas online pela plataforma zoom e organizada pela pesquisadora.

RISCOS: As perguntas não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar constrangimento, estresse e desconforto. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-la e encaminhá-la para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

BENEFÍCIOS: Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Biblioteconomia, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe no IFRJ.

ALTERNATIVA PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO: Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento o (a) senhor (a) pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Para que não haja menção a nomes, os participantes serão identificados por números, como garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação.

GRAVAÇÃO: Solicito sua autorização para gravação em áudio das entrevistas, nesses encontros. As gravações realizadas durante a entrevista semiestruturada serão transcritas pela pesquisadora garantindo que se mantenha o mais fidedigno possível. A transcrição das gravações feitas nos encontros será realizada na íntegra pela pesquisadora. Depois de transcrita será apresentada aos participantes para validação e concordância das informações, garantindo a fidelidade à gravação.

Este projeto de pesquisa foi aprovado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. O CEP é responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos, visando garantir a dignidade, os direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Avenida Pasteur, 296 subsolo do prédio da Nutrição – Urca – Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22290-240, no telefone 2542-7796 ou e-mail cep@unirio.br

Nos comprometemos a seguir todas as recomendações do Conselho Nacional de Saúde e às Resoluções 466/12 e 510/2016 que versam sobre a ética em pesquisa com seres humanos.

Caso você aceite participar dessa pesquisa, você receberá uma via do TCLE e, caso queira, pode entrar em contato com o pesquisador e/ou o Comitê de Ética responsável pela autorização da pesquisa.

DÚVIDAS E RECLAMAÇÕES:

Pesquisadora Responsável: Alane Elias Souza

Endereço: Rua Pernambuco, 512 apartamento 402. Engenho de Dentro. Rio de Janeiro.

Contato telefônico: 21 993966162 E-mail: alane.souza@ifrj.edu.br

CONSENTIMENTO

Diante do exposto nos parágrafos anteriores eu, firmado abaixo, concordo em participar do estudo intitulado: “O combate à desinformação pela pessoa bibliotecária do IFRJ: proposta de política institucional”

Eu fui completamente orientado pela Alane Elias Souza que está realizando o estudo, de acordo com sua natureza, propósito e duração. Eu pude questioná-la sobre todos os aspectos do estudo. Além disso, ela me entregou uma via da folha de informações para os participantes, a qual li, compreendi e me deu plena liberdade para decidir acerca da minha espontânea participação nesta pesquisa.

Depois de tal consideração, concordo em cooperar com este estudo e informar a equipe de pesquisa responsável por mim sobre qualquer anormalidade observada.

Estou ciente que sou livre para sair do estudo a qualquer momento, se assim desejar.

Minha identidade jamais será publicada. Os dados colhidos poderão ser examinados por pessoas envolvidas no estudo com autorização delegada do investigador e por pessoas delegadas pelo patrocinador.

Estou recebendo uma via assinada deste Termo.

Investigador: Nome:

Data:

Assinatura:

Participante: Nome:

Data:

Assinatura:

Responsável: Nome:

Data:

Assinatura:

APÊNDICE B – CATEGORIAS DE ANÁLISE/ENTREVISTADO

Categoria de análise: Compreensão sobre desinformação

PB1

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>É você não ter a capacidade de você falar sobre algum tema, sabe? Então é você não ter a capacidade de você entender, de você saber sobre um assunto. É o seu conhecimento a respeito de um assunto.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Quando é sobre algum tópico em que eu tenha conhecimento, às vezes até numa conversa verbalmente a gente consegue mostrar aquilo. Quando não, a gente tem que buscar a informação. Então através da internet, artigo. Ou alguém que realmente já tenha validado aquilo de uma forma que você consiga entender que a informação ela é verídica, ela não é fake, ela não é de outra fonte, nem que é alguém disse o que alguém disse, você tem que ir na fonte para poder falar que você está sendo informada, não desinformada.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>[...]a dificuldade é: encontrar uma fonte confiável. Principalmente se você não tem um site confiável na internet, não tem um buscador confiável, porque te induz a pensar aquilo ali que eles colocam aquilo ali, a leitura da sua bolha que acaba dando aquilo que você quer e não aquilo que é verdadeiro. Então a gente tem essa questão de desinformação, ela é difícil de identificar.</i>

PB2

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Projetada para ser falsa. Ela é montada e às vezes pode ter algum fundo de verdade dela para parecer uma coisa verdadeira, mas no fundo ela quer confundir, ela vem pra confundir as pessoas.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>[...]falta de treinamento e também acho que falta dessa vivência de experiência mesmo, né? De prática, do fazer isso, né?</i>

PB3

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>[...]pode ser de fato uma informação truncada. Porque essa informação chegou truncada. Pode ser uma informação errada propositalmente, pelo... Vamos dizer...por um meio de comunicação, pode ser uma informação que as pessoas misturem verídicas com não verídicas, misturem a narrativa.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Olha, assim, os conhecimentos básicos de fontes de informação que a gente tem lá da graduação, a gente vai olhar quem publicou, não só quem como autor, mas qual instituição, vai ver a data, se tem relação quando é um fato, se a data da publicação está de acordo com a data do fato que está ocorrendo. [...] eu sempre tento dar uma pesquisada também em outras fontes para ver se aquilo tem eco, se não é só aquele meio.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>Então eu acho que a desinformação de imagem com o uso de inteligência artificial está muito difícil de a gente reconhecer, por mais que a gente o tempo todo esteja se questionando se aquilo é verídico ou não.</i>

PB4

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>As pessoas pegam fatos isolados né, verídicos, e deformam dentro de um viés, de uma lógica ideológica, né, pra poder tirar proveito de alguma coisa</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Eu começo a analisar o texto de uma forma mais crítica e mais profunda. [...] Então eu tento analisar criticamente o que está por trás daquilo ali, se a intenção é informar de fato, né? E vou aplicando técnicas né.. ah quem que escreveu isso? Quando que isso foi publicado? Esse fato que está trazendo, ele tem coerência com o que está sendo colocado pela matéria, artigo, notícias, o que for? Então, eu vou tirando elementos para poder fazer essa análise. E, por último, quando às vezes é muito difícil de identificar, eu vou para sites de checagem de notícia para ver se aquilo de fato é verdade ou não.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>Então, assim, quando o assunto é um pouco mais distante daquilo que eu tenho interesse, ou que eu acompanho, normalmente dá um pouquinho mais de trabalho, né? É, basicamente isso. Questão de</i>

	<i>interesse.</i>
--	-------------------

PB5

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>[...] é uma informação que foi manipulada e apresentada como uma realidade, mas que na verdade ela foi distorcida, ela foi fragmentada, foi descontextualizada e foi apresentada como um fato concreto, como realmente fosse a realidade para a sociedade.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Eu teria que ir em alguma fonte de informação confiável para poder verificar se realmente aquela informação é concreta né? Se ela foi verificada cientificamente ou se ela não é uma informação científica, mas ela vem de uma autoridade reconhecida ou tem referências de autoridades na área.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB6

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Desinformação, no meu entendimento, são notícias falsas, né?</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Então, às vezes, essas informações, às vezes a escrita é errada. Entendeu? São coisas maquiadas, né? São coisas assim que eu posso dizer dentro da internet? São... Ai, meu Deus, como... São fotos meio embaçadas, digitação errada, escrita errada, de acordo com... Não tem concordância, não tem coerência. Aí sai a primeira, assim, ato de análise. Aí depois eu vou Depois que eu vejo aquela notícia, eu vou nas fontes e aí eu detecto que realmente é fake news e pesquisa nas fontes confiáveis, né? Que eu posso confiar são os jornais assim, né? Do cotidiano e traz a verdade.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB7

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>E a informação manipulada de forma intencional para mascarar, para denegrir algo, desinformação. E temos dois tipos de desinformação, pelo que eu entendo alguma coisa. Uma desinformação inocente, ingênua, de repasse. [...]E tem a informação, eu passar uma informação pra você de maldade, que eu já sei que não é aquela, entendeu?</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Eu vou fazer uma, vou jogar no Google aqui, vou colocar uma, entre aspas, aqui, vou fechar a informação, vou fazer uma busca truncada e tal, quer ver, rapidinho eu vou pegar isso aqui. Algumas eu acho. Vejo que não é tão difícil. Outras você vai, vai precisar de uma... De um aparato maior, se é assim, se eu estou correto nisso.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>Alguma página morta, um link inspirado [...]mas não é só fonte, Alane. O que eu estou te falando nessa passagem é o jornalista, é o criador do blog ali, não é sua fonte. [...] ele vai botar a visão dele.</i>

PB8

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Desinformação é você manipular informações com intenção de ludibriar, com intenção de prejudicar as pessoas</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Então, pela chamada sensacionalista, na maioria das vezes, mas é aquela questão, a desinformação, ela vai um pouco pelo lado do viés de confirmação. [...] Mas de uma forma geral, eu tento sempre verificar sem ser ah eu acredito nisso mas mesmo assim eu vou olhar se está com uma imagem manipulada ou não. Se tem um texto assim que não está bem redigido ou se tem mais coisa complementando. [...] olho o Google, olho aos fatos, sigo aos fatos no Instagram.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>A dificuldade é também de estar ali com a ferramenta disponível no celular. Às vezes você não está com conexão na internet, então você não vai olhar. Às vezes é uma informação que, ai gente sério que eles estão falando sobre isso? [...]Porque aquilo para você, não, não, não está dentro do que você acredita, ou seja, ah eu vou nem olhar. Mas você poderia olhar para ajudar</i>

	<i>outras pessoas na verdade. Mas eu acho que está mais nisso. É interesse né?</i>
--	--

PB9

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Desinformação são informações, inverídicas, né? Que são repassadas por grupos ou por pessoas individuais com intuítos financeiros ou intuítos políticos, né?</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Primeiro eu tento buscar informações em origens, informações de canais confiáveis. Também busco informações com outras pessoas, diálogo com outras pessoas. Pra ver se eu tenho um entendimento correto daquela informação ou não.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB10

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>[...]você está passando conteúdos à frente para outras pessoas e sem base nenhuma naquilo que você está falando. Você não tem consistência naquilo que você está falando. Pra mim você tá passando o serviço de desinformação, porque você não tem certeza.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Então quando você começa a acompanhar geralmente as notícias no seu dia a dia, você tem um parâmetro, eu percebo que eu tenho um parâmetro para analisar. E quando eu vejo que é uma coisa assim muito incrédula, eu falei assim, não é possível, que aconteceu isso, já aconteceu isso? Aí eu começo a investigar. [...] Eu geralmente faço em base, é como eu te falei né, no site de notícia, vou no UOL Notícia, vou no Globo Online, vou na, aí esqueci o nome daquela que é ... que tem... vou na Globonews também, sabe? E vou procurando</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB11

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Desinformação para mim é uma informação falsa</i>

Métodos de identificação/reconhecimento	<i>É, eu, tudo que eu procuro assim, eu vejo mais de uma fonte. Eu gosto de ver em mais de uma fonte, sabe? Eu procuro assim, ver o que tem em comum. Que aí eu fico mais perto acho que, do que... é por que as vezes fica algo meio distorcido. Então eu prefiro, assim, procurar pelo menos umas três fontes.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB12

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Desinformação, pra mim, é quando uma pessoa recebe uma notícia e aí acaba acreditando naquela notícia sem se aprofundar mesmo se de fato é real ou não.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Eu geralmente olho no Google, pergunto pros amigos, embora amigos não sejam uma fonte tão...é... Certa, né? Mas geralmente é no Google mesmo.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB13

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Acho que vai muito além da falta de informação. A falta de informação, a informação errada, a informação truncada. Eu acho que não só falta de informação, né? Uma informação errada, como as fake news, uma informação... um erro na comunicação, né? Um entendimento errado da informação.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Acho que, a princípio, procurar ver a fonte daquela informação, é.. pesquisar em outros meios, em outras fontes também.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>Acho que às vezes a falta de conhecimento, a falta de... Talvez até de saber, mesmo a gente sendo profissional da informação, de saber pesquisar, de saber procurar fontes realmente mais seguras. A gente tem noções, tem, talvez mais do que o público leigo, mas a gente também muitas vezes tem essa dificuldade. Uma dificuldade é até de achar que sabe e acabar se atrapalhando.</i>

PB14

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>De repente, pode ser uma... um fato que a pessoa não soube pesquisar. Até o nível de conhecimento dela, de escolaridade dela, para ela, aquilo que ela pesquisou é informação</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Primeiro eu faço uma análise superficial do assunto para saber se eu conheço do tema ou não. Eu acho que parte por aí. Você tem aquele apanhado geral. Ai em cima daquela informação você vai desdobrando em camadas. Até onde que eu preciso dessa informação? A partir daí eu vou analisar para ver se as fontes que eu pesquisei são fontes confiáveis ou não.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB15

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Uma informação falsa, negativa, uma forma de burlar a informação real de alguma forma.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Então a gente pode buscar informações, seja num banco de dados e ferramentas que a gente... nós somos capacitados para isso, para buscar e averiguar se aquela informação que nos foi dada ela realmente é verdadeira ou pode ser uma desinformação, uma fake news ou algo do tipo. [...] Recorrer ao Google, mas a gente também tem que ter cuidado que, como as informações no Google é... qualquer um pode colocar essas informações, você também tem que ter cuidado com qual fonte você está recebendo aquela informação. E a partir daí também você ter esse feeling de saber, pô essa fonte aqui será que é confiável, não é confiável?</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>a dificuldade seria mais no sentido de você buscar fontes confiáveis. É... não, é como eu falei se recorre a... de primeiro momento ao Google, é não confiar sempre na primeira resposta que o Google vai te dar. [...] Qual site é esse? é de algum ministério, algum.. algum site que é realmente confiável? tem um respaldo para falar sobre aquilo? e aí, enfim, quando não, a dificuldade é de eu estar filtrando essas informações que me é jogada para tentar achar o que eu creio que seja a mais confiável possível.</i>

PB16

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Desinformação é informação que não leva a conhecimentos concretos, conhecimentos.... é uma informação que, ao invés de esclarecer, ela traz inverdades</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Buscando em fontes de informações mais seguras.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>Os meios que a desinformação circula nos levam a crer que é uma informação real. Às vezes, fontes de informação até seguras, até assim, jornais de grande circulação, publicam desinformação. Então assim, complica porque o meio como eles estão utilizando, como estão utilizando a desinformação, está cada dia mais aprimorado, né?</i>

PB17

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Para mim desinformação é uma informação que ela pode querer manipular o pensamento de outra pessoa, uma informação errada, uma informação equivocada, uma informação que pode trazer algum tipo de prejuízo.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>Eu acho que eu, é eu tá mesmo por dentro né do que trata o assunto, dependendo do grau também, é.. do prejuízo que essa informação possa dar, então eu acho que é isso mesmo. [...]o assunto da notícia.</i>

PB18

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Então é no meu entendimento a desinformação é justamente você repassar uma informação que não é verdadeira é ...trazer elementos que façam com que a pessoa seja direcionada para um caminho que não é certo, um caminho que não é correto.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Então, na época da pandemia foi uma época interessante em que surgiram vários canais, né? Como o fake... o fato fake, o boato.org. [...]Então eu procuro</i>

	<i>jogar informação. Eu jogo nesses canais que são considerados canais legítimos, né? Para confirmar se é verdade ou não. E tento outros caminhos na internet também. Jogo as palavras-chave, procuro fazer um contraste. Se está realmente em algum periódico, em algum jornal, é popular. Tenho sempre que fazer esse contraste para verificar e entrar nesses sites, né que tem essa função de confirmar se um fato é verídico ou não.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB19

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>[...]entendo desinformação como toda informação que é falsa. Uma informação falsa é uma desinformação. É isso</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>[...]pesquisar, o contexto, vou procurar saber no contexto histórico da onde saiu, procurar a fonte primeiro é quem é o autor daquela informação, qual a instituição ou procurar a fonte daquela informação para saber se ela é verdadeira. Pode ser a pessoa, pode ser um instituto de pesquisa ou pode ser nada, né?</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>[...]eu acho que principalmente aquela que é circulada de forma proposital, acho que essa é a mais difícil de ser identificada algumas vezes, porque às vezes ela sai até no jornal né, as vezes ela sai até no jornal e aí você o jornal tem né certa credibilidade, então às vezes você.... mas assim acho que para nós profissionais da informação não é para parar no jornal, né? Você vai no jornal e você procura qual foi a fonte do Jornal. Então.... mas eu acho que essas informações com objetivo comercial e tipo essas talvez as mais difíceis assim.</i>

PB20

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Assim, pra mim, desinformação... Seria... Todos os... Todas as informações que vem pelos veículos de comunicação, principalmente pelas redes sociais, pelos jornais, e que na realidade não coincidem com a verdade. Estão ali justamente para atrapalhar a vida das pessoas.</i>

Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Não sei se eu vou me expressar corretamente, pela barbaridade da informação, porque normalmente já é uma coisa assim muito descabida, já começa assim, né, uma coisa descabida. [...]Aí existem uns sites agora que você consegue... Eu não me lembro... A Globo costuma sempre falar é... que você entra nele, digita o que você quer saber e ele mesmo já diz se aquilo ali é mentira ou é falso, entendeu? E é assim, é um site fidedigno. [...]Mas, mas a gente vai em outras coisas também, né? A gente vai direto na internet, dar uma olhadinha, ver se algum especialista que a gente conhece, né?</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	<i>É porque tem desinformação, que ela já vem muito bem elaborada. [...]Então, as montagens que eles fazem né, tem umas que são muito bem feitas.</i>

PB21

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>Bom, a minha compreensão sobre desinformação é em relação a qualquer informação que não é utilitária para o usuário. Utilidade seja na vida pessoal ou seja mesmo no mercado de trabalho, ou seja, essa informação em si que essa pessoa recebe não é útil, não é prático para sua vida. Pode ser tanto do campo pessoal quanto do campo profissional.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>[...]procurar as fontes de informação que realmente são fiéis que são realmente relacionados ao governo, relacionados realmente à fontes fidedignas, que você realmente pode usar aquela informação como uma informação realmente útil, uma informação válida, nesse sentido. [...] Sempre a fonte mais confiável. E também verificando de onde vem aquela informação, muitas das vezes, [...]</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

PB22

Unidade de registro	Unidade de contexto
Conceituação	<i>[...] é uso indevido né... da informação, o que causa a desinformação.</i>
Métodos de identificação/reconhecimento	<i>Aí eu uso algumas ferramentas da internet, que é fake ou verdade.....de..... algumas coisas que a internet</i>

	<i>oferece. Alguns sites confiáveis. Tem um até que eu gosto muito, que é o fato ou mentira, acho que é mais ou menos assim, que eu me utilizo muito dele. [...]fato ou fake. É o que eu tenho mais usado.</i>
Dificuldades de identificação/reconhecimento.	

Categoria de análise: Atuação contra a desinformação

PB1

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Ah, eu acho que em questões que eu tenho sensibilidade, como questões raciais, como questões mesmo que a gente convive no instituto. Sabe, que às vezes as pessoas falam uma coisa e aí você vê, não, as coisas... Tem esse lado, mas tem esse outro lado aqui, a sua visão não é correta. Porque a gente que está dentro, a gente vê o todo, né? E quem está fora vê uma coisa ou outra, né? E eu acho que com relação a isso, que você tem mais segurança do que é real, eu me sinto mais à vontade para poder informar melhor.</i>
Atitudes profissionais	<i>Teve um evento que a gente trouxe uma pessoa para falar sobre esse assunto e poucas pessoas. No caso sobre fake né? fake news. E não teve tanta procura. Quando a gente coloca um treinamento para alguma base de dados, que também pode trazer uma base confiável, também não tem procura.</i>

PB2

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	
Atitudes profissionais	<i>[...] a gente fez alguns posts através das redes sociais tentando pontuar algumas coisas, o que é fake News, o que não é.</i>

PB3

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Olha, tem gente que já chega até a mim para perguntar</i>

	<i>assim, olha, eu ouvi tal coisinha. É exatamente isso? Aí, normalmente, eu sento com a pessoa, se é uma notícia ou do campus, que é já do meu conhecimento, eu já começo a organizar o pensamento com a pessoa ou se é uma notícia externa, que eu tenho conhecimento também. Agora, quando é essa parte de auxílio estudantil, essas coisas que a gente como bibliotecária não tem, tão na veia assim, eu sento com eles, tento abrir o edital, fazer esse trabalho assim, da gente identificar a informação. Às vezes, quando é uma coisa muito externa, eu não consigo, por exemplo, [...]a gente teve esse problema com o pessoal que sofreu enchentes no início do ano, que eles estão com dificuldade de conseguir o auxílio e a prefeitura não disponibiliza muitas informações. Então a gente tem dificuldade de acessar a informação fidedigna, mas assim, a gente tenta. Se a gente consegue dar um retorno, nem sempre é possível.</i>
Atitudes profissionais	

PB4

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Bem assim, eu sempre tento, de maneira amistosa né, tentar refletir com a pessoa. O que ela pensa daquela notícia, por que ela compartilhou né, se ela de fato acredita naquilo ou se está compartilhando só porque está compartilhando né para entrar na onda e tento levar uma reflexão para aquilo, mas de forma bem pontual.</i>
Atitudes profissionais	

PB5

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Ah geralmente eu informo né...da forma que foi passada para mim e peço para a pessoa ir no setor de origem para poder realmente se informar naquele setor que ela pode ter acesso a tal documento ou não, onde ela pode realmente tirar a dúvida dela a respeito daquele aspecto.</i>

Atitudes profissionais	<i>Eu já fiz alguns cartazes, alguns mini-posts que até [...] minha coordenadora, já colocou no Facebook e no Instagram. [...] Geralmente são dicas de como evitar utilizar as fake news. Dicas de como se proteger, dicas justamente para não disseminar informação que não foi verificada. Algumas dicas também de segurança na internet. Umas dicas básicas. Conforme a gente vai encontrando assim na internet alguma coisa legal para poder postar que é ligada à informação, aí a gente vai postando.</i>
------------------------	---

PB6

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	
Atitudes profissionais	

PB7

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>[...] E converso muito com os alunos. Vai existir greve mesmo? É verdade essa informação? Um exemplo como aconteceu esses dias, sim, está acontecendo isso, isso, a informação é essa, é essa, é essa.</i>
Atitudes profissionais	

PB8

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>De mostrar né, gente, pesquisa aí que isso daí não está muito legal não. Mas também não é fácil você mostrar isso para a pessoa, mas a gente tenta de uma forma geral sempre indicar, verifica....</i>
Atitudes profissionais	<i>Teve a semana acadêmica em que as auxiliares fizeram esse painel, entendeu? [...] fizeram o painel e fizeram uma palestra apresentando sobre agências que verificam a informação na internet. [...]. Eu participei no apoio [...]</i>

PB9

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Quando a gente está com alunos a gente tenta conversar, respeito, né? Falar que é importante buscar outra fonte de informação. Agora, quando são servidores, eu acho que não me sinto a vontade de falar, não.</i>
Atitudes profissionais	

PB10

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Muitas das vezes eu já falei assim, gente, vocês estão falando, vocês estão com informações erradas com relação ao determinado professor, as coisas não são bem assim, é, vocês têm que saber o que vocês estão falando, vocês não podem ir falando de coisas que vocês não sabem. Aí eu direciono eles. E, na maioria das vezes, eles ficam calados, porque eles realmente pegaram muito pesado com relação a determinado professor. Eles, eles, eles meio que parecem que estão refletindo. Mas também tem outro tipo de informação, que é um pouco mais leve, falta de interesse, aí passa uma desinformação. E eu falo assim para eles, gente ao invés de vocês ficarem propagando que não vai ter aula, propagando. Por que vocês não se informam com relação à Cotur? Vai perguntar se o professor veio mesmo? Vai perguntar se tem aula? Vocês já estão fazendo motim para vocês irem embora sem saber se vai ter substituição ou não de professor de aula. Vão ver, vão afim, vão ver o que está acontecendo.</i>
Atitudes profissionais	

PB11

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	
Atitudes profissionais	<i>Lembro que naquela época que foi falado muito sobre fake news eu cheguei a compartilhar coisa na rede social mas na biblioteca em si não.</i>

PB12

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	
Atitudes profissionais	

PB13

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Tentei passar uma informação mais correta e ajudar a pessoa a...a achar, né, encontrar a informação, não encontrar, mas mostrar que seria uma desinformação.</i>
Atitudes profissionais	<i>A gente já fez assim, né, para a rede social da biblioteca, alguma publicação, mas não projetos específicos.</i>

PB14

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Quando o aluno fala com você e você identifica, você tem posse do conhecimento né e você identifica, você até pode contra argumentar, orientar, mostrar outros caminhos para ele. Mas assim, quando você ouve e você não participa da conversa não tem como você intervir.</i>
Atitudes profissionais	

PB15

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Então eu, pessoalmente, quando eu vejo esse tipo de coisa, eu vejo que eu tenho uma abertura, eu tento passar para a pessoa que...pra ela repensar aquilo, talvez não seja exatamente aquilo que ela está passando, aquela informação não seja realmente daquela forma. E quando é algo que de imediato eu não sei, mas como eu falei, eu sinto esse estranhamento, eu tento buscar para realmente averiguar se aquilo é uma informação ou como o feeling, vamos dizer assim de</i>

	<i>bibliotecários, de profissional da informação, me traz, pode ter uma desinformação ali, eu tento buscar para num momento seguinte, caso tenha essa abertura, estar conversando e quebrar esse ciclo que acaba se a gente não ter cuidado acaba virando um ciclo vicioso.</i>
Atitudes profissionais	<i>[...]mais uma vez trazendo o exemplo da pandemia que a gente via que circulava muitas desinformações a gente usava o canal das redes sociais da biblioteca como uma forma de levar uma informação correta né? E até mesmo de divulgar essa questão das pessoas terem consciência do que é essa fake news, essa desinformação, as pessoas terem cuidado de não acreditar em tudo que recebe nas redes né? Que eu acho que as redes sociais são um grande canal de desinformação. Então você tem que ter cuidado, saber filtrar as informações que você recebe pelas redes sociais.</i>

PB16

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Eu tentei alertar que era uma desinformação, mas nem sempre as pessoas... Porque a desinformação faz a pessoa acreditar que aquilo é verdade né? Então, como profissional da informação, a gente alerta [...]</i>
Atitudes profissionais	

PB17

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Eu me propus a esclarecer o que estava acontecendo porque a pessoa estava dando uma informação que eu sabia que aquilo ali não era totalmente verídica. Tinha o porquê daquilo estar acontecendo. Então a pessoa quis dar, na verdade, uma notícia, mas tinha o porquê também de estar acontecendo naquela hora esse tipo mal entendido.</i>
Atitudes profissionais	<i>Eu lembro que logo que saiu a lei de acesso à informação, eu procurei saber o que que era, qual o benefício dessa lei, o que que ela ia trazer, não só para nossa área de biblioteconomia, como para a área de documentação, arquivo. E aí acabou que eu representei</i>

	<i>o campus no GT que teve lá na reitoria com todos os membros do IFRJ. [...] Aí nós fizemos um documento também para divulgar. O que era uma informação secreta, o que era uma informação que a gente poderia estar passando para o aluno, por exemplo, sem problema nenhum. A importância de ter documentos também para a gente seguir o tempo de duração. Qual tipo de informação a gente poderia dar livremente, qual tipo de informação deveria passar pelas autoridades lá na reitoria.</i>
--	---

PB18

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	
Atitudes profissionais	<i>Assim que a gente entrou na pandemia, comecei a criar o dicas da semana. Que ali eu repassava artigos, sites, treinamentos, capacitações e eu me recordo que em algumas dessas semanas, ou semana ou meses né, eu sempre colocava alguma coisa a respeito da fake news. Ou era um artigo, ou era um site como o boatos.org, fato ou fake, para a pessoa ter o acesso e confirmar se aquilo que estava sendo divulgado era uma informação verídica ou não. Então eu atuei mais no período da pandemia.</i>

PB19

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	
Atitudes profissionais	<i>[...]a gente a gente chamou a Mariana Zattar para fazer uma palestra lá. Foi bacana. Para nossa surpresa a sala encheu. [...] A gente fez a ponte com a Mariana, promovi os cartazes, fizemos a divulgação.</i>

PB20

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Eu falo assim, gente, será que isso aí tem fundamento? Não era melhor pesquisar mais do que ficar discutindo uma coisa que a gente nem tem certeza?</i>

Atitudes profissionais	<i>[...]sabe essas propagandinhas bem elaboradas? diga não a fake News! procure se informar! a gente procurava naquela época usar esses veículos de divulgação. [...]Pelo Facebook.</i>
------------------------	---

PB21

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>Eu geralmente assim, eu procuro não entrar muito no assunto né...que olha só... Até que ponto né, para não virar uma discussão um pouco mais irracível, um pouco mais irada é melhor a gente terminar esse debate eu respeito a sua opinião. [...] Às vezes pode dar um conselho, pode dar uma ideia. Tem que saber se outro ser humano tem um campo de abertura. Se ele realmente está no processo de escuta. Por que se não tiver não adianta. E aí você tem que saber respeitar o outro.</i>
Atitudes profissionais	<i>[...] um pouco antes da pandemia, eu fiz uma palestra sobre competência em informação, sobre competência em informação, inclusive até a professora, não sei se você conhece da UFRJ Mariana zattar. Ela que ministrou a palestra sobre competência e informação [...] quando eu estava fazendo doutorado, né? Eu fiz, na verdade, eu fiz um levantamento com esses alunos para eles checarem as informações de onde eles estavam retirando da internet. Né, do site, fazendo essa confrontação de dados de onde retiraram. Muitas vezes recebiam informações de redes sociais, do Instagram, do Facebook. E eu falei assim, vamos confrontar isso realmente com a literatura? E foi uma pesquisa que eu trabalhei com 16 alunos. [...]</i>

PB22

Unidade de registro	Unidade de contexto
Atitudes pessoais	<i>[...]eu fiz o confrontamento né entre o que era uma suposta verdade e a mentira, através de.... apresentando situações que realmente estavam acontecendo, e que as pessoas não poderiam fechar os olhos para aquilo que estava acontecendo, formando uma .. o que estava sendo muito comum.. fazer uma cortina de fumaça, para esconder as incompetências né do que estava acontecendo, que era falta de</i>

	<i>investimento, bolsas atrasadas, falta de investimento no campus, essa coisa toda assim. Então foi essa forma assim, sem tomar partido, que eu tentei informar [...]</i>
Atitudes profissionais	

Categoria de análise: Sugestões e exemplos para o combate a desinformação

PB1

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>Eu fui no evento no Pedro 2. Já tem tempo também. Já tem tempo também. E falando sobre isso, aí tinha fórum de competência e informação que eu já fui e aí fala muito sobre isso. [...] Foi um evento também ligado a isso. Foi um evento ligado a isso. E na época da faculdade, a minha professora Zatar, então eu já fui algumas palestras dela sobre fake news, né? Mas, já tem tempo também [...]</i>

PB2

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Mas acredito assim, que uma sugestão minha seria justamente ter nas redes sociais de repente um post fixo semanal de repente, para poder trabalhar essa ideia com as pessoas né? O que é desinformação, de repente desmistificar coisas, responder alguma coisa. [...] Outra possibilidade seria fazer evento na biblioteca, né? Roda de conversa a respeito do tema, né? É... outra possibilidade também, talvez, né, necessitar de um pouco mais de elaboração e de conversa com a equipe seria ter um canal de atendimento para tirar dúvidas, de repente.[...] um serviço de referência virtual para poder tirar dúvidas, quanto as questões de se a informação é verídica ou não.</i>
Exemplos	

PB3

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Olha, eu acho que oficinas de identificação de fontes,</i>

	<i>como eu falei, como é que eu identifico o autor, você procurar comparar em outros meios de comunicação. [...] Então acho que em formato de oficinas pro público que eu tenho, funcionaria. Fossem presenciais, fossem virtuais. [...] Outra coisa que se tivesse, eu acho que funcionaria, seja na rede social da Unidade ou se tivesse da biblioteca, alguns drops, algumas informações sobre desinformação, de modo geral, ou dando informações, por exemplo, no caso [...], que teve essa situação com as enchentes. Ah, a gente consegue a informação correta, passa, publica nos perfis das redes, que aí antes de chegar a desinformação a gente já tá fazendo uma proatividade, uma transparência ativa.</i>
Exemplos	<i>Tem uns projetos que a Zattar, não sei se ainda tem, mas tinha com o CP2. [...] Ela fez uma atividade com as turmas do Pedro II e se eu não me engano era fundamental, não era nem ensino médio não que ela fazia. [...] Tem algumas pesquisas na UF que falam sobre desinformação em bibliotecas também, que eu acho interessante, principalmente pelas redes sociais das bibliotecas, que eu acho legal assim. [...] Se eu não me engano, eu vi da de economia nesse perfil de passar as informações antes de virem a desinformação, né? Passar a informação de editais, passar a informação de notícias assim, a de economia. [...] Tem um curso de contra a desinformação. Eu acho que é INCD o nome, sigla da instituição. Gente, hoje a memória tá ruim. Mas eles têm um curso de entendendo as fake news, é o título do curso. [...] às vezes no Twitter o pessoal faz fios que eles vão explicando é...ah fotos de artesanato, como identificar se é de Inteligência artificial. [...] Aí eles ensinam questão de tecido. O tecido tem que estar com relevo assim, relevo assado. Se tiver muito reto, tiver esse tipo de brilho, já é algo forjado por inteligência artificial</i>

PB4

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Eu acho que nós, enquanto profissionais da informação na biblioteca, nós poderíamos fazer ações educativas como oficinas, encontros para debates, o próprio clube de livros, com um determinado viés né, a gente pode fazer ações nesse sentido. No ambiente virtual, a gente poderia compartilhar boas práticas né pequenas dicas, tipo isso. [...] Então, eu acho que compartilhar boas</i>

	<i>práticas, um clube de leitura direcionado para isso, oficinas, sessões de bate-papo com os alunos, para tentar disseminar boas práticas para que a gente auxilie um pouco nesse cenário que está bem complicado.</i>
Exemplos	<i>[...] nas bibliotecas que eu coletei dados, eles tinham práticas muito interessantes. Tinha uma biblioteca que tinha tipo um clube de leitura para ler os clássicos da sociologia.[...] um dos entrevistados, ele falou de um projeto que ele fazia com os alunos que era um projeto da leitura dos clássicos da sociologia, mas que o aluno tinha que ler o livro inteiro e debatê-lo. E com uma leitura crítica, não uma leitura rasa superficial. Então, durante o ano todo, eles trabalhavam, os grupos trabalhavam os livros, faziam as sessões de debate e sempre voltados para a questão da cidadania. Eu enquanto cidadão, eu enquanto um indivíduo na sociedade, como que tem que ser a minha atitude? Esse foi um exemplo. Muitas sessões de formação para o uso da informação para várias idades, não só focando nos adolescentes e jovens adultos, bastante coisa também com os idosos, que são um grupo muito vulnerável para esse tipo de informação. Tinha o que mais?.... As sessões, muitos blogs que fazem, justamente com dicas e técnicas para desenvolver a leitura crítica, formações para o uso de mídias sociais, das tecnologias. Formação também, porque lá eles... Porque em Portugal eles dividem né, o que lá eles chamam de literacia, aqui a gente chama de competência. Eles dividem... Que a literacia em informação é uma coisa. A literacia em mídias que eles chamam é como se fosse a literacia, uma literacia jornalística, então é aprender a ler jornais, como ler jornal, revista, notícias, identificar os vieses, porque tudo tem um viés né? [...] saber identificar isso, mas também saber identificar quando esse viés está a serviço de alguma coisa e a informação vem deformada, a fim de atingir o objetivo desse viés. [...]lá eles tem uma coisa interessante, que embora sejam bibliotecas, com tipologias diferentes e vinculadas a diferentes instituições, elas trabalhavam em rede. Existe uma rede das bibliotecas da cidade. E aí, as ações educativas das bibliotecas, elas são coordenadas. Então tem várias práticas, então eles fazem uma programação anual, com várias ações educativas, que aí eles trabalham três vertentes, que é a literacia leitora, a capacidade de leitura, essa das mídias que é a parte jornalística e a parte digital. E aí</i>

	<i>eles coordenam todas essas ações para formar as pessoas</i>
--	--

PB5

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>Já vi vários posts muito bacanas ensinando a evitar esse tipo de informação, a procurar saber a origem da informação antes de repassar, para poder não estar perpetuando um ciclo de fake news. Eu já vi vários posts muito bacanas, inclusive a gente se inspirou em alguns deles, mas eu não vou saber precisar um post de tal lugar ou de tal lugar. Mas eu vejo que tem sido feito. [...] A Fiocruz foi muito quando começou a questão do Covid, que eles tinham umas cartilhas, a gente podia copiar os posts, podia salvar no computador para poder reutilizar, inclusive eu reutilizei. E era muito relacionada essa questão de fake news associada ao Covid, porque as pessoas acabavam se utilizando de fake news para justificar a ausência nos postos de saúde, não queria se vacinar e tudo mais. E no IBGE eu acho que eu vi alguma coisa sobre fake news também, mas eu acho que relacionado a outros aspectos mais sociais. Não era muito, não tinha nada a ver com saúde. [...] No site das próprias, no site da Fiocruz e no site do IBGE.</i>

PB6

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Mas no caso seria através das mídias sociais da biblioteca. Eu acredito que isso funcione. É ... fazer um cartaz de divulgação é como detectar notícias falsas. Entendeu isso traria efeito para o campus.</i>
Exemplos	<i>[...] no Instagram tem um...uma empresa que faz essa publicidade muito interessante. Ela coloca a notícia errada, fake news e vai esclarecendo trazendo um vídeo informativo e colocando vários prints de várias notícias, notícias que são, como que eu posso dizer? Notícias que são fidedignas, para mostrar o contrário do que está falando da notícia falsa em si, entendeu? [...] essa empresa que investiga todas as notícias falsas, sabe? É muito interessante. [...] Agência Lupa.</i>

PB7

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>É... criar uma espécie de um projeto de informação sobre desinformação. [...] E por que não no site da própria instituição? [...] E para mim ainda vale mais, porque é da reitoria, do IFRJ, vamos tratar de desinformação. E a biblioteca como parte...e o setor de comunicação dos campus também, que são as ASCOM e tal, e ai você trabalhar.</i>
Exemplos	<i>[...] a própria rede de Globo, eu vejo muito ela no combate. Ai já foge do campo acadêmico, estou te falando. É, porque eu acho que é até um gancho bom que eles pegam uma sessão nos jornais de manhã, é uma sessão de fake news, alguma coisa assim, combate a desinformação, aí tem uma menina lá de dentro que vem, ela não está sempre não, e ela vem explicar, é fato ou fake? [...]a menina fala, olha só, essa informação é falsa, aconteceu isso, isso, isso. Não, essa é verdadeira. [...]Eles dão uma pequena aula.</i>

PB8

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Acho que promover divulgação dessas agências de verificação, de formas de pesquisar informação na internet. A gente trabalha com o Instagram, então divulgar pelo Instagram isso e na biblioteca acaba sendo mais no boca a boca, no dia a dia você estar falando. Mas acho que seria melhor se tivesse uma ação pontual, um curso ou uma palestra ou um banner fixo na biblioteca, porque a gente atende tanto aos alunos que interagem pela internet, quantos alunos que frequentam lá, que também às vezes a gente fica Instagram, Instagram, Instagram, esquece do pessoal que vai fisicamente, que às vezes não vai ter acesso àquela informação.</i>
Exemplos	<i>Eu não me recordo, só recordo de palestras mesmo da Mariana Zatar, que é uma pessoa que eu acompanho. A professora Mariana Zatar, que ela fala muito sobre né?</i>

PB9

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>[...]muitos alunos vem nos procurar falando a respeito do... informações, que as vezes sabem que não são confiáveis, falando que a gente ganha muito bem, e que a gente está fazendo uma greve só por benefícios financeiros e nós já estávamos até pensando em fazer uma roda de leitura, uma roda de leitura de estudos, a respeito de documentos da greve, e seria até uma das nossas atividades de greve do campus.[...] Seria feito junto com a COTP.</i>
Exemplos	<i>Então, se a gente pegar esses canais de jornalismo, a gente pode falar do fato ou fake, a gente pode falar daquele outro que tem na UOL, que eu não me recordo o nome, mas também é muito parecido. Então são assim, esses canais que eu percebo que tenha muito.</i>

PB10

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>[...] colocar também no mural da biblioteca, né? “Procure sempre se informar”, fazer umas chamadas e colocar um site para que eles fiquem atentos a isso. Eu acho que a gente pode fazer isso não só no mural, como também no próprio balcão de atendimento. [...] E a gente pode, eu acho que a gente até pode fazer mais. Porque lá no nosso campus, a gente tem vários quadros divididos por segmentos, tipo assim, da matemática, da biblioteca, do Neabi, NUGEDDES, entendeu? Tem uns quadros de aviso. A gente pode colocar também nos outros, pede dá licença, o que vocês acham? E colocando.</i>
Exemplos	<i>Eu vi do Itaú há muito tempo atrás, um anúncio na televisão e vi também depois pro computador, por mensagem, né, pra gente ter cuidado, acreditar, tudo. Eu achei legal.</i>

PB11

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Eu acredito que três ações seria um treinamento aos usuários né, de periódicos, porque hoje em dia a você encontra muito né?[...] Mas da importância de verificar outras fontes, né? E é isso, acho que teria que ter esse treinamento. Eu acho que hoje, como as</i>

	<i>peessoas usam muito redes sociais de ... abordar esse tema, né? Eu acho que também fazer sinalização no campus, onde tiver mural, para chegar nas pessoas.</i>
Exemplos	

PB12

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Ah, pode então realizar ações na biblioteca, pelo menos uma vez, uma vez ao mês, com alguma notícia que está em destaque. E que de fato pareça ser ...que é desinformação, tá todo mundo comentando e chega e fala: Ah, a notícia de destaque é.....é falso ou verdadeiro? Aí pode falar, é verdadeiro, pois de acordo com o artigo científico, isso, tanranrantan..... Ou então a notícia é falsa, pois não há comprovação de sentido. Pode fazer alguma ação assim, normalmente.[...]nas Redes sociais, instagram.. com postagem.</i>
Exemplos	

PB13

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Talvez campanhas, ações mesmo, não só de forma pontual, mas mais abrangente né? Continuas talvez, não sei se até uma palestra ou algum tipo de curso, uma coisa assim meio mais, não só também, como eu falei, de rede social ou de cartazes, não, mas talvez uma ação mais efetiva presencial, tipo uma palestra ou um ciclo de palestras, coisas assim, eu acho que seria interessante.</i>
Exemplos	<i>[...] assim, chamadas pela internet, como o anúncio de instituição que ia fazer palestra, ou um Workshop, esse tipo de ação. Só não me lembro qual, acho que de universidade, eu já vi, não vou recordar agora de qual, pois já tem tempo também, mas principalmente assim né, nas Rede Sociais divulgando alguma ação que ia fazer.</i>

PB14

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Bom, assim, acredito que através das redes sociais, a partir do momento que você identifica alguma coisa, algum fato que está sendo disseminado assim, como desinformação, eu acho que as redes sociais seriam o primeiro impacto, a primeira ação. E assim num nível mais.... maior, mais amplo, um debate, dependendo da proporção do assunto. [...] bibliotecário e professor, porque aí eu acho que dependendo do nível e do tema, a gente vai precisar de uma parceria.</i>
Exemplos	

PB15

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>[...] eu sei que a Fiocruz faz um trabalho bem legal sobre isso, faz cursos, palestras sobre essa questão de informação e desinformação.[...]vi pela... pela rede social do Instituto de Comunicação e Informação o ICICT Instituto de Comunicação e Informação Científica da Fiocruz que é um instituto que trabalha muito com essa questão de informação enfim. Então já vi algumas chamadas de cursos palestras sobre essa temática.</i>

PB16

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>Eu acho que campanhas, né? Campanhas nas bibliotecas seria bom de... como eu fui uma palestra no [...] da Mariana Zattar, uma vez, que ela fala sobre a desinformação, como identificar, eu acho que... capacitando mesmo, dando palestras, dando oficinas de como buscar fontes seguras, de como identificar uma notícia falsa ou uma desinformação, não necessariamente uma notícia falsa, mas uma notícia que leva a uma desinformação.</i>
Exemplos	<i>“É só com a Mariana mesmo, né? Que ela faz esse trabalho na UFRJ, com os alunos dela na disciplina de... Ah, esqueci da disciplina agora. Mas ela faz esse</i>

	<i>trabalho, ela dá uma palestra sobre isso, sempre acompanho. [...] as notícias do governo, né? No portal do MEC mesmo você vê falando sobre desinformação, fake news, as ações que o governo mesmo tem feito.”</i>
--	--

PB17

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>Eu sempre escuto, porque eu tenho escutado muita rádio né, ultimamente. Rádio, mesmo para saber a notícia, saber o que está acontecendo. [...] Então é.. sempre tem uma chamada, por exemplo, na CBN, para a gente tomar muito cuidado e procurar sempre combater a desinformação. Então eu vejo na rádio, eles estão muito preocupados com isso. [...] é mais um alerta mesmo, pra gente procurar quando tiver uma notícia, uma informação muito importante, pra gente procurar não passar, não repassar, não reencaminhar, não reenviar, antes de a gente ter certeza que aquilo ali realmente aconteceu, que é o verídico.</i>

PB18

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>O que realmente me chamou a atenção foram esses sites, né? Por exemplo, Boatos.org, né? Não tem fins lucrativos. Então, foram essas pessoas que se reuniram, se organizaram para justamente tentar fazer esse combate à desinformação. [...] uma instituição formal, eu não vou me lembrar, só vou me lembrar dos sites mesmo, esses sites que se colocaram, se propuseram, a própria Globo em si, no Jornal da Manhã, se eu não me engano, acho que é o Bom Dia Rio, se eu não estou equivocada, ainda continua tendo essa questão, é fato ou fake? Então, assim, é uma instituição formal que ainda dá continuidade, acho que a Globo na parte da manhã.</i>

PB19

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>[...] até me lembro do TRE alguma coisa mas nada que eu, ah olha isso aí está muito bom algo que eu gostaria de reproduzir né, acho que são iniciativas dos tribunais que a gente vê na televisão e comerciais que são iniciativas boas, mas nada ainda que eu vi que ... ah muito bom, muito bom, acho que tá alcançando um público, porque assim tem questão do público né.</i>

PB20

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	

PB21

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	
Exemplos	<i>Olha, o que eu achei é da própria IFLA. Da própria IFLA em si. A própria IFLA em si foi um dos... Foi a instituição que realmente me deixou, a primeira parte, muito encantado pela divulgação, dessa questão de mapeamento mundial, de como é que é o processo da fake news.</i>

PB22

Unidade de registro	Unidade de contexto
Sugestões	<i>[...] tentar incentivar, principalmente os alunos, que é o usuário principal da biblioteca, a não só se prender, isso eu fazia muito lá, não, se prender só uma fonte de formação. Ele procurar outras fontes de informação. E a leitura nesse aspecto tem uma importância muito grande, para que eles formem aquele pensamento crítico, [...] um clube de leitura na escola [...] Eu tentei fazer com eles lá exatamente isso, um clube de leitura em que a gente teria dois dias, mais ou menos, na biblioteca, entre os professores, os professores</i>

	<i>indicando livros que a gente pudesse discutir dentro da biblioteca, só que é um projeto que não foi para frente [...]</i>
Exemplos	

APÊNDICE C – CATEGORIA DE ANÁLISE/UNIDADE DE REGISTRO

Categoria de análise: Compreensão sobre desinformação/ Unidade de registro: Conceito

“É você não ter a capacidade de você falar sobre algum tema, sabe? Então é você não ter a capacidade de você entender, de você saber sobre um assunto. É o seu conhecimento a respeito de um assunto.” (PB1)

.....

“Projetada para ser falsa. Ela é montada e às vezes pode ter algum fundo de verdade dela para parecer uma coisa verdadeira, mas no fundo ela quer confundir, ela vem pra confundir as pessoas.” (PB2)

.....

“[...]pode ser de fato uma informação truncada. Porque essa informação chegou truncada. Pode ser uma informação errada propositalmente, pelo... Vamos dizer...por um meio de comunicação, pode ser uma informação que as pessoas misturem verídicas com não verídicas, misturem a narrativa.” (PB3)

.....

“As pessoas pegam fatos isolados né, verídicos, e deformam dentro de um viés, de uma lógica ideológica, né, pra poder tirar proveito de alguma coisa.” (PB4)

.....

“[...] é uma informação que foi manipulada e apresentada como uma realidade, mas que na verdade ela foi distorcida, ela foi fragmentada, foi descontextualizada e foi apresentada como um fato concreto, como realmente fosse a realidade para a sociedade.” (PB5)

.....

“Desinformação, no meu entendimento, são notícias falsas, né?” (PB6)

.....

“É a informação manipulada de forma intencional para mascarar, para denegrir algo, desinformação. E temos dois tipos de desinformação, pelo que eu entendo alguma coisa. Uma desinformação inocente, ingênua, de repasse. [...]E tem a informação, eu passar uma informação pra você de maldade, que eu já sei que não é aquela, entendeu?” (PB7)

.....

“Desinformação é você manipular informações com intenção de ludibriar, com intenção de

prejudicar as pessoas.” (PB8)

.....
“Desinformação são informações, inverídicas, né? Que são repassadas por grupos ou por pessoas individuais com intuítos financeiros ou intuítos políticos, né? (PB9)

.....
“[...]você está passando conteúdos à frente para outras pessoas e sem base nenhuma naquilo que você está falando. Você não tem consistência naquilo que você está falando. Pra mim você tá passando o serviço de desinformação, porque você não tem certeza.” (PB10)

.....
“Desinformação para mim é uma informação falsa.” (PB11)

.....
“Desinformação, pra mim, é quando uma pessoa recebe uma notícia e aí acaba acreditando naquela notícia sem se aprofundar mesmo se de fato é real ou não.” (PB12)

.....
“Acho que vai muito além da falta de informação. A falta de informação, a informação errada, a informação truncada. Eu acho que não só falta de informação, né? Uma informação errada, como as fake news, uma informação... um erro na comunicação, né? Um entendimento errado da informação.” (PB13)

.....
“De repente, pode ser uma... um fato que a pessoa não soube pesquisar. Até o nível de conhecimento dela, de escolaridade dela, para ela, aquilo que ela pesquisou é informação.” (PB14)

.....
“Uma informação falsa, negativa, uma forma de burlar a informação real de alguma forma.”(PB15)

.....
“Desinformação é informação que não leva a conhecimentos concretos, conhecimentos.... é uma informação que, ao invés de esclarecer, ela traz inverdades.” (PB16)

.....
“Para mim desinformação é uma informação que ela pode querer manipular o pensamento de outra pessoa, uma informação errada, uma informação equivocada, uma informação que pode trazer algum tipo de prejuízo.” (PB17)

.....
“Então é no meu entendimento a desinformação é justamente você repassar uma informação que não é verdadeira é ...trazer elementos que façam com que a pessoa seja direcionada para um caminho que não é certo, um caminho que não é correto.” (PB18)

.....
“[...]entendo desinformação como toda informação que é falsa. Uma informação falsa é uma desinformação. É isso.” (PB19)

.....
“Assim, pra mim, desinformação... Seria... Todos os... Todas as informações que vem pelos veículos de comunicação, principalmente pelas redes sociais, pelos jornais, e que na realidade não coincidem com a verdade. Estão ali justamente para atrapalhar a vida das pessoas.” (PB20)

.....
“Bom, a minha compreensão sobre desinformação é em relação a qualquer informação que não é utilitária para o usuário. Utilidade seja na vida pessoal, ou, seja mesmo no mercado de trabalho, ou seja, essa informação em si que essa pessoa recebe não é útil, não é prático para sua vida. Pode ser tanto do campo pessoal quanto do campo profissional.” (PB21)

.....
“[...] é uso indevido né... da informação, o que causa a desinformação.” (PB22)

Categoria de análise: Compreensão sobre desinformação/ Unidade de registro: Métodos de identificação/reconhecimento

.....
“Quando é sobre algum tópico em que eu tenha conhecimento, às vezes até numa conversa verbalmente a gente consegue mostrar aquilo. Quando não, a gente tem que buscar a informação. Então através da internet, artigo. Ou alguém que realmente já tenha validado aquilo de uma forma que você consiga entender que a informação ela é verdadeira, ela não é fake, ela não é de outra fonte, nem que é alguém disse o que alguém disse, você tem que ir na fonte para poder falar que você está sendo informada, não desinformada.” (PB1)

.....
“Olha, assim, os conhecimentos básicos de fontes de informação que a gente tem lá da

graduação, a gente vai olhar quem publicou, não só quem como autor, mas qual instituição, vai ver a data, se tem relação quando é um fato, se a data da publicação está de acordo com a data do fato que está ocorrendo. [...] eu sempre tento dar uma pesquisada também em outras fontes para ver se aquilo tem eco, se não é só aquele meio.” (PB3)

.....

“Eu começo a analisar o texto de uma forma mais crítica e mais profunda. [...] Então eu tento analisar criticamente o que está por trás daquilo ali, se a intenção é informar de fato, né? E vou aplicando técnicas né.. ah quem que escreveu isso? Quando que isso foi publicado? Esse fato que está trazendo, ele tem coerência com o que está sendo colocado pela matéria, artigo, notícias, o que for? Então, eu vou tirando elementos para poder fazer essa análise. E, por último, quando às vezes é muito difícil de identificar, eu vou para sites de checagem de notícia para ver se aquilo de fato é verdade ou não.” (PB4)

.....

“Eu teria que ir em alguma fonte de informação confiável para poder verificar se realmente aquela informação é concreta né? Se ela foi verificada cientificamente ou se ela não é uma informação científica, mas ela vem de uma autoridade reconhecida ou tem referências de autoridades na área.” (PB5)

.....

“Então, às vezes, essas informações, às vezes a escrita é errada. Entendeu? São coisas maquiadas, né? São coisas assim que eu posso dizer dentro da internet? São... Ai, meu Deus, como... São fotos meio embaçadas, digitação errada, escrita errada, de acordo com... Não tem concordância, não tem coerência. Aí sai a primeira, assim, ato de análise. Aí depois eu vou ... Depois que eu vejo aquela notícia, eu vou nas fontes e aí eu detecto que realmente é fake news e pesquisa nas fontes confiáveis, né? Que eu posso confiar são os jornais assim, né? Do cotidiano e traz a verdade.” (PB6)

.....

“Eu vou fazer uma, vou jogar no Google aqui, vou colocar uma, entre aspas, aqui, vou fechar a informação, vou fazer uma busca truncada e tal, quer ver, rapidinho eu vou pegar isso aqui. Algumas eu acho. Vejo que não é tão difícil. Outras você vai, vai precisar de uma... De um aparato maior, se é assim, se eu estou correto nisso.” (PB7)

.....

“Então, pela chamada sensacionalista, na maioria das vezes, mas é aquela questão, a

desinformação, ela vai um pouco pelo lado do viés de confirmação. [...] Mas de uma forma geral, eu tento sempre verificar sem ser ah eu acredito nisso mas mesmo assim eu vou olhar se está com uma imagem manipulada ou não. Se tem um texto assim que não está bem redigido ou se tem mais coisa complementando. [...] olho o Google, olho aos fatos, sigo aos fatos no Instagram.” (PB8)

.....

“Primeiro eu tento buscar informações em origens, informações de canais confiáveis. Também busco informações com outras pessoas, diálogo com outras pessoas. Pra ver se eu tenho um entendimento correto daquela informação ou não.” (PB9)

.....

“Então quando você começa a acompanhar geralmente as notícias no seu dia a dia, você tem um parâmetro, eu percebo que eu tenho um parâmetro para analisar. E quando eu vejo que é uma coisa assim muito incrédula, eu falei assim, não é possível, que aconteceu isso, já aconteceu isso? Aí eu começo a investigar. [...] Eu geralmente faço em base, é como eu te falei né, no site de notícia, vou no UOL Notícia, vou no Globo Online, vou na, ai esqueci o nome daquela que é ... que tem... vou na Globonews também, sabe? E vou procurando.” (PB10)

.....

“É, eu, tudo que eu procuro assim, eu vejo mais de uma fonte. Eu gosto de ver em mais de uma fonte, sabe? Eu procuro assim, ver o que tem em comum. Que aí eu fico mais perto acho que, do que... é por que as vezes fica algo meio distorcido. Então eu prefiro, assim, procurar pelo menos umas três fontes.” (PB11)

.....

“Eu geralmente olho no Google, pergunto pros amigos, embora amigos não sejam uma fonte tão...é... Certa, né? Mas geralmente é no Google mesmo.” (PB12)

.....

“Acho que, a princípio, procurar ver a fonte daquela informação, é.. pesquisar em outros meios, em outras fontes também.” (PB13)

.....

“Primeiro eu faço uma análise superficial do assunto para saber se eu conheço do tema ou não. Eu acho que parte por aí. Você tem aquele apanhado geral. Aí em cima daquela informação você vai desdobrando em camadas. Até onde que eu preciso dessa informação?

A partir daí eu vou analisar para ver se as fontes que eu pesquisei são fontes confiáveis ou não.” (PB14)

.....

“Então a gente pode buscar informações, seja num banco de dados e ferramentas que a gente... nós somos capacitados para isso, para buscar e averiguar se aquela informação que nos foi dada ela realmente é verídica ou pode ser uma desinformação, uma fake news ou algo do tipo. [...] Recorrer ao Google, mas a gente também tem que ter cuidado que, como as informações no Google é... qualquer um pode colocar essas informações, você também tem que ter cuidado com qual fonte você está recebendo aquela informação. E a partir daí também você ter esse feeling de saber, pô essa fonte aqui será que é confiável, não é confiável?” (PB15)

.....

“Buscando em fontes de informações mais seguras.” (PB16)

.....

“Então, na época da pandemia foi uma época interessante em que surgiram vários canais, né? Como o fake... o fato fake, o boato.org. [...]Então eu procuro jogar informação. Eu jogo nesses canais que são considerados canais legítimos, né? Para confirmar se é verdade ou não. E tento outros caminhos na internet também. Jogo as palavras-chave, procuro fazer um contraste. Se está realmente em algum periódico, em algum jornal, é popular. Tenho sempre que fazer esse contraste para verificar e entrar nesses sites, né que tem essa função de confirmar se um fato é verídico ou não.” (PB18)

.....

“[...]pesquisar, o contexto, vou procurar saber no contexto histórico da onde saiu, procurar a fonte primeiro é quem é o autor daquela informação, qual a instituição ou procurar a fonte daquela informação para saber se ela é verdadeira. Pode ser a pessoa, pode ser um instituto de pesquisa ou pode ser nada, né?” (PB19)

.....

“Não sei se eu vou me expressar corretamente, pela barbaridade da informação, porque normalmente já é uma coisa assim muito descabida, já começa assim, né, uma coisa descabida. [...]Ai existem uns sites agora que você consegue... Eu não me lembro... A Globo costuma sempre falar é... que você entra nele, digita o que você quer saber e ele mesmo já diz se aquilo ali é mentira ou é falso, entendeu? E é assim, é um site fidedigno. [...]Mas, mas

a gente vai em outras coisas também, né? A gente vai direto na internet, dar uma olhadinha, ver se algum especialista que a gente conhece, né?” (PB20)

.....

“[...]procurar as fontes de informação que realmente são fiéis que são realmente relacionados ao governo, relacionados realmente à fontes fidedignas, que você realmente pode usar aquela informação como uma informação realmente útil, uma informação válida, nesse sentido. [...] Sempre a fonte mais confiável. E também verificando de onde vem aquela informação, muitas das vezes, [...].” (PB21)

.....

“Aí eu uso algumas ferramentas da internet, que é fake ou verdade.....de..... algumas coisas que a internet oferece. Alguns sites confiáveis. Tem um até que eu gosto muito, que é o fato ou mentira, acho que é mais ou menos assim, que eu me utilizo muito dele. [...]fato ou fake. É o que eu tenho mais usado.” (PB22)

Categoria de análise: Compreensão sobre desinformação/ Unidade de registro: Dificuldades de identificação/reconhecimento

“[...]a dificuldade é: encontrar uma fonte confiável. Principalmente se você não tem um site confiável na internet, não tem um buscador confiável, porque te induz a pensar aquilo ali que eles colocam aquilo ali, a leitura da sua bolha que acaba dando aquilo que você quer e não aquilo que é verdadeiro. Então a gente tem essa questão de desinformação, ela é difícil de identificar.” (PB1)

.....

“[...]falta de treinamento e também acho que falta dessa vivência de experiência mesmo, né? De prática, do fazer isso, né?” (PB2)

.....

“Então eu acho que a desinformação de imagem com o uso de inteligência artificial está muito difícil de a gente reconhecer, por mais que a gente o tempo todo esteja se questionando se aquilo é verídico ou não.” (PB3)

.....

“Então, assim, quando o assunto é um pouco mais distante daquilo que eu tenho interesse,

ou que eu acompanho, normalmente dá um pouquinho mais de trabalho, né? É, basicamente isso. Questão de interesse.” (PB4)

.....

“Alguma página morta, um link inspirado [...]mas não é só fonte, Alane. O que eu estou te falando nessa passagem é o jornalista, é o criador do blog ali, não é sua fonte. [...] ele vai botar a visão dele.” (PB7)

.....

“A dificuldade é também de estar ali com a ferramenta disponível no celular. Às vezes você não está com conexão na internet, então você não vai olhar. Às vezes é uma informação que, ai gente sério que eles estão falando sobre isso? [...]Porque aquilo para você, não, não, não está dentro do que você acredita, ou seja, ah eu vou nem olhar. Mas você poderia olhar para ajudar outras pessoas na verdade. Mas eu acho que está mais nisso. É interesse né?” (PB8)

.....

“Acho que às vezes a falta de conhecimento, a falta de... Talvez até de saber, mesmo a gente sendo profissional da informação, de saber pesquisar, de saber procurar fontes realmente mais seguras. A gente tem noções, tem, talvez mais do que o público leigo, mas a gente também muitas vezes tem essa dificuldade. Uma dificuldade é até de achar que sabe e acabar se atrapalhando.” (PB13)

.....

“[...]a dificuldade seria mais no sentido de você buscar fontes confiáveis. É... não, é como eu falei se recorre a... de primeiro momento ao Google, é não confiar sempre na primeira resposta que o Google vai te dar. [...] Qual site é esse? é de algum ministério, algum.. algum site que é realmente confiável? tem um respaldo para falar sobre aquilo? e aí, enfim, quando não, a dificuldade é de eu estar filtrando essas informações que me é jogada para tentar achar o que eu creio que seja a mais confiável possível.” (PB 15)

.....

“Os meios que a desinformação circula nos levam a crer que é uma informação real. Às vezes, fontes de informação até seguras, até assim, jornais de grande circulação, publicam desinformação. Então assim, complica porque o meio como eles estão utilizando, como estão utilizando a desinformação, está cada dia mais aprimorado, né?” (PB16)

.....

“Eu acho que eu, é eu tá mesmo por dentro né do que trata o assunto, dependendo do grau

também, é.. do prejuízo que essa informação possa dar, então eu acho que é isso mesmo. [...]o assunto da notícia.” (PB17)

.....

“[...]eu acho que principalmente aquela que é circulada de forma proposital, acho que essa é a mais difícil de ser identificada algumas vezes, porque às vezes ela sai até no jornal né, as vezes ela sai até no jornal e aí você o jornal tem né certa credibilidade, então às vezes você.... mas assim acho que para nós profissionais da informação não é para parar no jornal, né? Você vai no jornal e você procura qual foi a fonte do Jornal. Então.... mas eu acho que essas informações com objetivo comercial e tipo essas talvez as mais difíceis assim.” (PB19)

.....

“É porque tem desinformação, que ela já vem muito bem elaborada. [...]Então, as montagens que eles fazem né, tem umas que são muito bem feitas.” (PB20)

Categoria de análise: Atuação contra a desinformação/ Unidade de registro: Atitudes pessoais

“Ah, eu acho que em questões que eu tenho sensibilidade, como questões raciais, como questões mesmo que a gente convive no instituto. Sabe, que às vezes as pessoas falam uma coisa e aí você vê, não, as coisas... Tem esse lado, mas tem esse outro lado aqui, a sua visão não é correta. Porque a gente que está dentro, a gente vê o todo, né? E quem está fora vê uma coisa ou outra, né? E eu acho que com relação a isso, que você tem mais segurança do que é real, eu me sinto mais à vontade para poder informar melhor.” PB1

.....

“Olha, tem gente que já chega até a mim para perguntar assim, olha, eu ouvi tal coisinha. É exatamente isso? Aí, normalmente, eu sento com a pessoa, se é uma notícia ou do campus, que é já do meu conhecimento, eu já começo a organizar o pensamento com a pessoa ou se é uma notícia externa, que eu tenho conhecimento também. Agora, quando é essa parte de auxílio estudantil, essas coisas que a gente como bibliotecária não tem, tão na veia assim, eu sento com eles, tento abrir o edital, fazer esse trabalho assim, da gente identificar a informação. Às vezes, quando é uma coisa muito externa, eu não consigo, por exemplo, [...]a

gente teve esse problema com o pessoal que sofreu enchentes no início do ano, que eles estão com dificuldade de conseguir o auxílio e a prefeitura não disponibiliza muitas informações. Então a gente tem dificuldade de acessar a informação fidedigna, mas assim, a gente tenta. Se a gente consegue dar um retorno, nem sempre é possível.” PB3

.....

“Bem assim, eu sempre tento, de maneira amistosa né, tentar refletir com a pessoa. O que ela pensa daquela notícia, por que ela compartilhou né, se ela de fato acredita naquilo ou se está compartilhando só porque está compartilhando né para entrar na onda e tento levar uma reflexão para aquilo, mas de forma bem pontual.” PB4

.....

“Ah geralmente eu informo né...da forma que foi passada para mim e peço para a pessoa ir no setor de origem para poder realmente se informar naquele setor que ela pode ter acesso a tal documento ou não, onde ela pode realmente tirar a dúvida dela a respeito daquele aspecto.” PB5

.....

“[...] E converso muito com os alunos. Vai existir greve mesmo? É verdade essa informação? Um exemplo como aconteceu esses dias, sim, está acontecendo isso, isso, a informação é essa, é essa, é essa.” PB7

.....

“De mostrar né, gente, pesquisa aí que isso daí não está muito legal não. Mas também não é fácil você mostrar isso para a pessoa, mas a gente tenta de uma forma geral sempre indicar, verifica.... ” PB8

.....

“Quando a gente está com alunos a gente tenta conversar, respeito, né? Falar que é importante buscar outra fonte de informação. Agora, quando são servidores, eu acho que não me sinto a vontade de falar, não.” PB9

.....

“Muitas das vezes eu já falei assim, gente, vocês estão falando, vocês estão com informações erradas com relação ao determinado professor, as coisas não são bem assim, é, vocês têm que saber o que vocês estão falando, vocês não podem ir falando de coisas que vocês não sabem. Aí eu direciono eles. [...] Mas também tem outro tipo de informação, que é um pouco mais leve, falta de interesse, aí passa uma desinformação. E eu falo assim para eles, gente

ao invés de vocês ficarem propagando que não vai ter aula, propagando. Por que vocês não se informam com relação à Cotur? Vai perguntar se o professor veio mesmo? Vai perguntar se tem aula? Vocês já estão fazendo motim para vocês irem embora sem saber se vai ter substituição ou não de professor de aula. Vão ver, vão afim, vão ver o que está acontecendo.”PB10

.....

“Tentei passar uma informação mais correta e ajudar a pessoa a...a achar, né, encontrar a informação, não encontrar, mas mostrar que seria uma desinformação.” PB13

.....

“Quando o aluno fala com você e você identifica, você tem posse do conhecimento né e você identifica, você até pode contra argumentar, orientar, mostrar outros caminhos para ele. Mas assim, quando você ouve e você não participa da conversa não tem como você intervir.” PB14

.....

“Então eu, pessoalmente, quando eu vejo esse tipo de coisa, eu vejo que eu tenho uma abertura, eu tento passar para a pessoa que...pra ela repensar aquilo, talvez não seja exatamente aquilo que ela está passando, aquela informação não seja realmente daquela forma. E quando é algo que de imediato eu não sei, mas como eu falei, eu sinto esse estranhamento, eu tento buscar para realmente averiguar se aquilo é uma informação ou como o feeling, vamos dizer assim de bibliotecários, de profissional da informação, me traz, pode ter uma desinformação ali, eu tento buscar para num momento seguinte, caso tenha essa abertura, estar conversando e quebrar esse ciclo que acaba se a gente não ter cuidado acaba virando um ciclo vicioso.” PB15

.....

“Eu tentei alertar que era uma desinformação, mas nem sempre as pessoas... Porque a desinformação faz a pessoa acreditar que aquilo é verdade né? Então, como profissional da informação, a gente alerta [...]” PB16

.....

“Eu me propus a esclarecer o que estava acontecendo porque a pessoa estava dando uma informação que eu sabia que aquilo ali não era totalmente verídica. Tinha o porquê daquilo estar acontecendo. Então a pessoa quis dar, na verdade, uma notícia, mas tinha o porquê também de estar acontecendo naquela hora esse tipo mal entendido.” PB17

.....
“Eu falo assim, gente, será que isso aí tem fundamento? Não era melhor pesquisar mais do que ficar discutindo uma coisa que a gente nem tem certeza?” PB20

.....
“Eu geralmente assim, eu procuro não entrar muito no assunto né...que olha só... Até que ponto né, para não virar uma discussão um pouco mais irracível, um pouco mais irada é melhor a gente terminar esse debate eu respeito a sua opinião. [...] Às vezes pode dar um conselho, pode dar uma ideia. Tem que saber se outro ser humano tem um campo de abertura. Se ele realmente está no processo de escuta. Por que se não tiver não adianta. E aí você tem que saber respeitar o outro.” PB21

.....
“[...]eu fiz o confronto né entre o que era uma suposta verdade e a mentira, através de.... apresentando situações que realmente estavam acontecendo, e que as pessoas não poderiam fechar os olhos para aquilo que estava acontecendo, formando uma .. o que estava sendo muito comum.. fazer uma cortina de fumaça, para esconder as incompetências né do que estava acontecendo, que era falta de investimento, bolsas atrasadas, falta de investimento no campus, essa coisa toda assim. Então foi essa forma assim, sem tomar partido, que eu tentei informar [...]” PB22

Categoria de análise: Atuação contra a desinformação/ Unidade de registro: Atitudes profissionais

.....
“Teve um evento que a gente trouxe uma pessoa para falar sobre esse assunto e poucas pessoas. No caso sobre fake né? fake news. E não teve tanta procura. Quando a gente coloca um treinamento para alguma base de dados, que também pode trazer uma base confiável, também não tem procura.” PB1

.....
“[...] a gente fez alguns posts através das redes sociais tentando pontuar algumas coisas, o que é fake News, o que não é.”PB2

.....
“Eu já fiz alguns cartazes, alguns mini-posts que até [...] minha coordenadora, já colocou

no Facebook e no Instagram. [...] Geralmente são dicas de como evitar utilizar as fake news. Dicas de como se proteger, dicas justamente para não disseminar informação que não foi verificada. Algumas dicas também de segurança na internet. Umas dicas básicas. Conforme a gente vai encontrando assim na internet alguma coisa legal para poder postar que é ligada à informação, aí a gente vai postando.” PB5

.....

“Teve a semana acadêmica em que as auxiliares fizeram esse painel, entendeu? [...] fizeram o painel e fizeram uma palestra apresentando sobre agências que verificam a informação na internet. [...]. Eu participei no apoio [...]” PB8

.....

“Lembro que naquela época que foi falado muito sobre fake news eu cheguei a compartilhar coisa na rede social mas na biblioteca em si não” PB11

.....

“A gente já fez assim, né, para a rede social da biblioteca, alguma publicação, mas não projetos específicos.” PB13

.....

“[...]mais uma vez trazendo o exemplo da pandemia que a gente via que circulava muitas desinformações a gente usava o canal das redes sociais da biblioteca como uma forma de levar uma informação correta né? E até mesmo de divulgar essa questão das pessoas terem consciência do que é essa fake news, essa desinformação, as pessoas terem cuidado de não acreditar em tudo que recebe nas redes né? Que eu acho que as redes sociais são um grande canal de desinformação. Então você tem que ter cuidado, saber filtrar as informações que você recebe pelas redes sociais.” PB15

.....

“Eu lembro que logo que saiu a lei de acesso à informação, eu procurei saber o que que era, qual o benefício dessa lei, o que que ela ia trazer, não só para nossa área de biblioteconomia, como para a área de documentação, arquivo. E aí acabou que eu representei o campus no GT que teve lá na reitoria com todos os membros do IFRJ. [...] Aí nós fizemos um documento também para divulgar. O que era uma informação secreta, o que era uma informação que a gente poderia estar passando para o aluno, por exemplo, sem problema nenhum. A importância de ter documentos também para a gente seguir o tempo de duração. Qual tipo de informação a gente poderia dar livremente, qual tipo de informação deveria passar pelas

autoridades lá na reitoria.” PB17

.....

“Assim que a gente entrou na pandemia, comecei a criar o dicas da semana. Que ali eu repassava artigos, sites, treinamentos, capacitações e eu me recordo que em algumas dessas semanas, ou semana ou meses né, eu sempre colocava alguma coisa a respeito da fake news. Ou era um artigo, ou era um site como o boatos.org, fato ou fake, para a pessoa ter o acesso e confirmar se aquilo que estava sendo divulgado era uma informação verdadeira ou não. Então eu atuei mais no período da pandemia.[...] Eu mandava por e-mail, tinha os e-mails dos servidores, alguns alunos também, aí eu fazia esse encaminhamento.

” PB18

.....

“[...]a gente a gente chamou a Mariana Zattar para fazer uma palestra lá. Foi bacana. Para nossa surpresa a sala encheu. [...] A gente fez a ponte com a Mariana, promovi os cartazes, fizemos a divulgação.” PB19

.....

“[...]sabe essas propagandinhas bem elaboradas? diga não a fake News! procure se informar! a gente procurava naquela época usar esses veículos de divulgação. [...]Pelo Facebook.” PB20

.....

“[...] um pouco antes da pandemia, eu fiz uma palestra sobre competência em informação, sobre competência em informação, inclusive até a professora, não sei se você conhece da UFRJ Mariana zattar. Ela que ministrou a palestra sobre competência e informação [...] quando eu estava fazendo doutorado, né? Eu fiz, na verdade, eu fiz um levantamento com esses alunos para eles checarem as informações de onde eles estavam retirando da internet. Né, do site, fazendo essa confrontação de dados de onde retiraram. Muitas vezes recebiam informações de redes sociais, do Instagram, do Facebook. E eu falei assim, vamos confrontar isso realmente com a literatura? E foi uma pesquisa que eu trabalhei com 16 alunos. [...]” PB21

Categoria de análise: Sugestões e exemplos para o combate à desinformação/ Unidade de registro: Sugestões

“Mas acredito assim, que uma sugestão minha seria justamente ter nas redes sociais de repente um post fixo semanal de repente, para poder trabalhar essa ideia com as pessoas né? O que é desinformação, de repente desmistificar coisas, responder alguma coisa. [...] Outra possibilidade seria fazer evento na biblioteca, né? Roda de conversa a respeito do tema, né? É... outra possibilidade também, talvez, né, necessitar de um pouco mais de elaboração e de conversa com a equipe seria ter um canal de atendimento para tirar dúvidas, de repente.[...] um serviço de referência virtual para poder tirar dúvidas, quanto as questões de se a informação é verídica ou não.” PB2

“Olha, eu acho que oficinas de identificação de fontes, como eu falei, como é que eu identifico o autor, você procurar comparar em outros meios de comunicação. [...] Então acho que em formato de oficinas pro público que eu tenho, funcionaria. Fossem presenciais, fossem virtuais. [...] Outra coisa que se tivesse, eu acho que funcionaria, seja na rede social da Unidade ou se tivesse da biblioteca, alguns drops, algumas informações sobre desinformação, de modo geral, ou dando informações, por exemplo, no caso [...], que teve essa situação com as enchentes. Ah, a gente consegue a informação correta, passa, publica nos perfis das redes, que aí antes de chegar a desinformação a gente já tá fazendo uma proatividade, uma transparência ativa.”PB3

“Eu acho que nós, enquanto profissionais da informação na biblioteca, nós poderíamos fazer ações educativas como oficinas, encontros para debates, o próprio clube de livros, com um determinado viés né, a gente pode fazer ações nesse sentido. No ambiente virtual, a gente poderia compartilhar boas práticas né pequenas dicas, tipo isso. ” PB4

“Mas no caso seria através das mídias sociais da biblioteca. Eu acredito que isso funcione. É ... fazer um cartaz de divulgação é como detectar notícias falsas. Entendeu isso traria efeito para o campus.” PB6

“É... criar uma espécie de um projeto de informação sobre desinformação. [...] E por que não no site da própria instituição? [...] E para mim ainda vale mais, porque é da reitoria, do IFRJ, vamos tratar de desinformação. E a biblioteca como parte...e o setor de comunicação dos campus também, que são as ASCOM e tal, e aí você trabalhar.” PB7

.....

“Acho que promover divulgação dessas agências de verificação, de formas de pesquisar informação na internet. A gente trabalha com o Instagram, então divulgar pelo Instagram isso e na biblioteca acaba sendo mais no boca a boca, no dia a dia você estar falando. Mas acho que seria melhor se tivesse uma ação pontual, um curso ou uma palestra ou um banner fixo na biblioteca, porque a gente atende tanto aos alunos que interagem pela internet, quantos alunos que frequentam lá, que também às vezes a gente fica Instagram, Instagram, Instagram, esquece do pessoal que vai fisicamente, que às vezes não vai ter acesso àquela informação.” PB8

.....

“[...]muitos alunos vem nos procurar falando a respeito do... informações, que às vezes sabem que não são confiáveis, falando que a gente ganha muito bem, e que a gente está fazendo uma greve só por benefícios financeiros e nós já estávamos até pensando em fazer uma roda de leitura, uma roda de leitura de estudos, a respeito de documentos da greve, e seria até uma das nossas atividades de greve do campus.[...] Seria feito junto com a COTP.” PB9

.....

“[...] colocar também no mural da biblioteca, né? “Procure sempre se informar”, fazer umas chamadas e colocar um site para que eles fiquem atentos a isso. Eu acho que a gente pode fazer isso não só no mural, como também no próprio balcão de atendimento. [...] E a gente pode, eu acho que a gente até pode fazer mais. Porque lá no nosso campus, a gente tem vários quadros divididos por segmentos, tipo assim, da matemática, da biblioteca, do Neabi, NUGEDES, entendeu? Tem uns quadros de aviso. A gente pode colocar também nos outros, pede dá licença, o que vocês acham? E colocando.” PB10

.....

“Eu acredito que três ações seria um treinamento aos usuários né, de periódicos, porque hoje em dia a você encontra muito né?[...] Mas da importância de verificar outras fontes, né? E é isso, acho que teria que ter esse treinamento. Eu acho que hoje, como as pessoas usam muito redes sociais de ... abordar esse tema, né? Eu acho que também fazer sinalização no campus, onde tiver mural, para chegar nas pessoas.” PB11

.....

“Ah, pode então realizar ações na biblioteca, pelo menos uma vez, uma vez ao mês, com

alguma notícia que está em destaque. E que de fato pareça ser ...que é desinformação, tá todo mundo comentando e chega e fala: Ah, a notícia de destaque é.....é falso ou verdadeiro? Aí pode falar, é verdadeiro, pois de acordo com o artigo científico, isso, tanranrantan..... Ou então a notícia é falsa, pois não há comprovação de sentido. Pode fazer alguma ação assim, normalmente.[...]nas Redes sociais, instagram.. com postagem.” PB12

“Talvez campanhas, ações mesmo, não só de forma pontual, mas mais abrangente né? Continuas talvez, não sei se até uma palestra ou algum tipo de curso, uma coisa assim meio mais, não só também, como eu falei, de rede social ou de cartazes, não, mas talvez uma ação mais efetiva presencial, tipo uma palestra ou um ciclo de palestras, coisas assim, eu acho que seria interessante.” PB13

“Bom, assim, acredito que através das redes sociais, a partir do momento que você identifica alguma coisa, algum fato que está sendo disseminado assim, como desinformação, eu acho que as redes sociais seriam o primeiro impacto, a primeira ação. E assim num nível mais.... maior, mais amplo, um debate, dependendo da proporção do assunto. [...] bibliotecário e professor, porque aí eu acho que dependendo do nível e do tema, a gente vai precisar de uma parceria.” PB14

“Então acho que o que nós poderíamos fazer era promover treinamentos, cursos e enfim, sobre essa temática, o que é uma informação, uma desinformação, é... o que é fake news e como a gente pode fazer... usar a internet, as redes sociais, que ela pode ser tanto positiva como negativa, então usando positivamente nesse sentido, de como a gente pode usar para quebrar esse ciclo vicioso da disseminação da desinformação, da fake News e tentar averiguar se aquela informação é real ou não, é verídica ou não.” PB15

“ [...] eu acho que... capacitando mesmo, dando palestras, dando oficinas de como buscar fontes seguras, de como identificar uma notícia falsa ou uma desinformação, não necessariamente uma notícia falsa, mas uma notícia que leva a uma desinformação.” PB16

“[...] E a leitura nesse aspecto tem uma importância muito grande, para que eles formem aquele pensamento crítico, [...] um clube de leitura na escola [...] Eu tentei fazer com eles lá

exatamente isso, um clube de leitura em que a gente teria dois dias, mais ou menos, na biblioteca, entre os professores, os professores indicando livros que a gente pudesse discutir dentro da biblioteca, só que é um projeto que não foi para frente [...].” PB22

Categoria de análise: Sugestões e exemplos para o combate à desinformação/ Unidade de registro: Exemplos

“Eu fui no evento no Pedro 2. Já tem tempo também. Já tem tempo também. E falando sobre isso, aí tinha fórum de competência e informação que eu já fui e aí fala muito sobre isso. [...] Foi um evento também ligado a isso. Foi um evento ligado a isso. E na época da faculdade, a minha professora Zatar, então eu já fui algumas palestras dela sobre fake news, né? Mas, já tem tempo também [...].” PB1

.....

“Tem uns projetos que a Zattar, não sei se ainda tem, mas tinha com o CP2. [...] Ela fez uma atividade com as turmas do Pedro II e se eu não me engano era fundamental, não era nem ensino médio não que ela fazia. [...] Tem algumas pesquisas na UF que falam sobre desinformação em bibliotecas também, que eu acho interessante, principalmente pelas redes sociais das bibliotecas, que eu acho legal assim. [...] Se eu não me engano, eu vi da de economia nesse perfil de passar as informações antes de virem a desinformação, né? Passar a informação de editais, passar a informação de notícias assim, a de economia. [...] Tem um curso de contra a desinformação. Eu acho que é INCD o nome, sigla da instituição. Gente, hoje a memória tá ruim. Mas eles têm um curso de entendendo as fake news, é o título do curso. [...] às vezes no Twitter o pessoal faz fios que eles vão explicando é...ah fotos de artesanato, como identificar se é de Inteligência artificial. [...] Aí eles ensinam questão de tecido. O tecido tem que estar com relevo assim, relevo assado. Se tiver muito reto, tiver esse tipo de brilho, já é algo forjado por inteligência artificial.” PB3

.....

“[...] nas bibliotecas que eu coletei dados, eles tinham práticas muito interessantes. Tinha uma biblioteca que tinha tipo um clube de leitura para ler os clássicos da sociologia.[...] um dos entrevistados, ele falou de um projeto que ele fazia com os alunos que era um projeto da leitura dos clássicos da sociologia, mas que o aluno tinha que ler o livro inteiro

e debatê-lo. E com uma leitura crítica, não uma leitura rasa superficial. Então, durante o ano todo, eles trabalhavam, os grupos trabalhavam os livros, faziam as sessões de debate e sempre voltados para a questão da cidadania. Eu enquanto cidadão, eu enquanto um indivíduo na sociedade, como que tem que ser a minha atitude? Esse foi um exemplo. Muitas sessões de formação para o uso da informação para várias idades, não só focando nos adolescentes e jovens adultos, bastante coisa também com os idosos, que são um grupo muito vulnerável para esse tipo de informação. Tinha o que mais?... As sessões, muitos blogs que fazem, justamente com dicas e técnicas para desenvolver a leitura crítica, formações para o uso de mídias sociais, das tecnologias. Formação também, porque lá eles... Porque em Portugal eles dividem né, o que lá eles chamam de literacia, aqui a gente chama de competência. Eles dividem... Que a literacia em informação é uma coisa. A literacia em mídias que eles chamam é como se fosse a literacia, uma literacia jornalística, então é aprender a ler jornais, como ler jornal, revista, notícias, identificar os vieses, porque tudo tem um viés né? [...] saber identificar isso, mas também saber identificar quando esse viés está a serviço de alguma coisa e a informação vem deformada, a fim de atingir o objetivo desse viés. [...] lá eles tem uma coisa interessante, que embora sejam bibliotecas, com tipologias diferentes e vinculadas a diferentes instituições, elas trabalhavam em rede. Existe uma rede das bibliotecas da cidade. E aí, as ações educativas das bibliotecas, elas são coordenadas. Então tem várias práticas, então eles fazem uma programação anual, com várias ações educativas, que aí eles trabalham três vertentes, que é a literacia leitora, a capacidade de leitura, essa das mídias que é a parte jornalística e a parte digital. E aí eles coordenam todas essas ações para formar as pessoas.” PB4

.....

“Já vi vários posts muito bacanas ensinando a evitar esse tipo de informação, a procurar saber a origem da informação antes de repassar, para poder não estar perpetuando um ciclo de fake news. Eu já vi vários posts muito bacanas, inclusive a gente se inspirou em alguns deles, mas eu não vou saber precisar um post de tal lugar ou de tal lugar. Mas eu vejo que tem sido feito. [...] A Fiocruz foi muito quando começou a questão do Covid, que eles tinham umas cartilhas, a gente podia copiar os posts, podia salvar no computador para poder reutilizar, inclusive eu reutilizei. E era muito relacionada essa questão de fake news associada ao Covid, porque as pessoas acabavam se utilizando de fake news para justificar a ausência nos postos de saúde, não queria se vacinar e tudo mais. E no IBGE eu

acho que eu vi alguma coisa sobre fake news também, mas eu acho que relacionado a outros aspectos mais sociais. Não era muito, não tinha nada a ver com saúde. [...] No site das próprias, no site da Fiocruz e no site do IBGE.” PB5

“[...] no Instagram tem um...uma empresa que faz essa publicidade muito interessante. Ela coloca a notícia errada, fake news e vai esclarecendo trazendo um vídeo informativo e colocando vários prints de várias notícias, notícias que são, como que eu posso dizer? Notícias que são fidedignas, para mostrar o contrário do que está falando da notícia falsa em si, entendeu? [...] essa empresa que investiga todas as notícias falsas, sabe? É muito interessante. [...] Agência Lupa.” PB6

“[...] a própria rede de Globo, eu vejo muito ela no combate. Aí já foge do campo acadêmico, estou te falando. É, porque eu acho que é até um gancho bom que eles pegam uma sessão nos jornais de manhã, é uma sessão de fake news, alguma coisa assim, combate a desinformação, aí tem uma menina lá de dentro que vem, ela não está sempre não, e ela vem explicar, é fato ou fake? [...] a menina fala, olha só, essa informação é falsa, aconteceu isso, isso, isso. Não, essa é verdadeira. [...] Eles dão uma pequena aula.” PB7

“Eu não me recordo, só recordo de palestras mesmo da Mariana Zatar, que é uma pessoa que eu acompanho. A professora Mariana Zatar, que ela fala muito sobre né?” PB8

“Então, se a gente pegar esses canais de jornalismo, a gente pode falar do fato ou fake, a gente pode falar daquele outro que tem na UOL, que eu não me recordo o nome, mas também é muito parecido. Então são assim, esses canais que eu percebo que tenha muito.” PB9

“Eu vi do Itaú há muito tempo atrás, um anúncio na televisão e vi também depois pro computador, por mensagem, né, pra gente ter cuidado, acreditar, tudo. Eu achei legal.” PB10

“[...] assim, chamadas pela internet, como o anúncio de instituição que ia fazer palestra, ou um Workshop, esse tipo de ação. Só não me lembro qual, acho que de universidade, eu

já vi, não vou recordar agora de qual, pois já tem tempo também, mas principalmente assim né, nas Rede Sociais divulgando alguma ação que ia fazer.” PB13

.....
“[...] eu sei que a Fiocruz faz um trabalho bem legal sobre isso, faz cursos, palestras sobre essa questão de informação e desinformação.[...]vi pela... pela rede social do Instituto de Comunicação e Informação o ICICT Instituto de Comunicação e Informação Científica da Fiocruz que é um instituto que trabalha muito com essa questão de informação enfim. Então já vi algumas chamadas de cursos palestras sobre essa temática.” PB15

.....
“É só com a Mariana mesmo, né? Que ela faz esse trabalho na UFRJ, com os alunos dela na disciplina de... Ah, esqueci da disciplina agora. Mas ela faz esse trabalho, ela dá uma palestra sobre isso, sempre acompanho. [...] as notícias do governo, né? No portal do MEC mesmo você vê falando sobre desinformação, fake news, as ações que o governo mesmo tem feito.” PB16

.....
“Eu sempre escuto, porque eu tenho escutado muita rádio né, ultimamente. Rádio, mesmo para saber a notícia, saber o que está acontecendo. [...] Então é.. sempre tem uma chamada, por exemplo, na CBN, para a gente tomar muito cuidado e procurar sempre combater a desinformação. Então eu vejo na rádio, eles estão muito preocupados com isso. [...]é mais um alerta mesmo, pra gente procurar quando tiver uma notícia, uma informação muito importante, pra gente procurar não passar, não repassar, não reencaminhar, não reenviar, antes de a gente ter certeza que aquilo ali realmente aconteceu, que é o verídico.” PB17

.....
“O que realmente me chamou a atenção foram esses sites, né? Por exemplo, Boatos.org, né? Não tem fins lucrativos. Então, foram essas pessoas que se reuniram, se organizaram para justamente tentar fazer esse combate à desinformação. [...] uma instituição formal, eu não vou me lembrar, só vou me lembrar dos sites mesmo, esses sites que se colocaram, se propuseram, a própria Globo em si, no Jornal da Manhã, se eu não me engano, acho que é o Bom Dia Rio, se eu não estou equivocada, ainda continua tendo essa questão, é fato ou fake? Então, assim, é uma instituição formal que ainda dá continuidade, acho que a Globo na parte da manhã.” PB18

.....
“[...] até me lembro do TRE alguma coisa mas nada que eu, ah olha isso aí está muito bom algo que eu gostaria de reproduzir né, acho que são iniciativas dos tribunais que a gente vê na televisão e comerciais que são iniciativas boas, mas nada ainda que eu vi que ... ah muito bom, muito bom, acho que tá alcançando um público, porque assim tem questão do público né.” PB19

.....
“Olha, o que eu achei é da própria IFLA. Da própria IFLA em si. A própria IFLA em si foi um dos... Foi a instituição que realmente me deixou, a primeira parte, muito encantado pela divulgação, dessa questão de mapeamento mundial, de como é que é o processo da fake news.” PB21

**APÊNDICE D – PRODUTO: CADERNO PARA PROMOÇÃO DE COMPETÊNCIAS
INFOCOMUNICACIONAIS E COMBATE A DESINFORMAÇÃO**

Caderno para promoção de competências infocomunicacionais e combate a desinformação

Alane Elias Souza



Rio de Janeiro
2024

Caderno para promoção de competências infocomunicacionais e combate a desinformação

Alane Elias Souza
Orientador: Alberto Calil Elias Junior

Produto de dissertação do Mestrado Profissional em
Biblioteconomia, defendida no Programa de
Pós-graduação em Biblioteconomia (PPGB) da
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Rio de Janeiro
2024

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	4
2. O cenário atual de propagação de desinformação.....	6
3. Competências infocomunicacionais: o que são e por que promovê-las?.....	9
4. Formas de atuação para educar em informação promovendo as competências infocomunicacionais.....	12
REFERÊNCIAS.....	20

APRESENTAÇÃO

Este caderno foi elaborado como produto da dissertação "o combate à desinformação pela pessoa bibliotecária do IFRJ: proposta de caderno para promoção de competências infocomunicacionais" do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), sob a orientação do Prof. Dr. Alberto Calil Elias Junior. É um caderno destinado a auxiliar as pessoas bibliotecárias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) em suas atividades de combate à desinformação junto a seus usuários, visando promover ações de educação em informação para o desenvolvimento de competências infocomunicacionais.

O interesse no presente tema se justifica por acreditar que num cenário de propagação de desinformação crescente facilitada pelo uso das mídias sociais, a pessoa bibliotecária, por ser um profissional da informação e lidar com diferentes públicos, têm a capacidade de se tornar protagonista no enfrentamento dessa realidade a partir da educação em informação.

O caderno foi elaborado compilando algumas ações e práticas que as pessoas bibliotecárias do IFRJ informaram já ter promovido em seus campus e sugestões que fizeram nas respostas da entrevista bem como foram considerados exemplos de ações mencionadas pelos entrevistados. Na elaboração do caderno, também foram incorporadas algumas ações implementadas por outras instituições que constam no referencial teórico da dissertação.

O público alvo deste caderno são as pessoas bibliotecárias do IFRJ, porém pode atender pessoas bibliotecárias de outras instituições de ensino, pois as ações sugeridas no mesmo são facilmente aplicáveis pelos profissionais desse tipo de espaço. Pretende-se apresentar o caderno à Coordenação Geral de Bibliotecas e avaliar que ele se torne um documento oficial do Fórum de Bibliotecários regulamentado pelos órgãos superiores da Instituição. Desta forma pretende-se que o caderno seja um instrumento de trabalho das pessoas bibliotecárias permitindo-lhes planejar ações de educação em informação dos usuários em relação às fontes de informação, principalmente as disponíveis na internet que frequentemente recorrem a discursos apelativos e costumam distorcer informações e/ou enfraquecer a veracidade dos fatos.

Ao integrar as ações aqui propostas às suas práticas profissionais frequentes, contribuirá para que as iniciativas de educação em informação, voltadas para a promoção de competências infocomunicacionais, sejam cada vez mais consolidadas na rotina da Instituição. Consequentemente, o objetivo de fazer com que a pessoa bibliotecária seja um ator importante e reconhecido na atuação contra a desinformação será progressivamente alcançado no âmbito dos profissionais que atuam no IFRJ.

Utilizou-se como referência para elaboração deste produto o caderno “Biblioteca e Informação: ações a favor da democratização do acesso à informação por meio da biblioteca pública” produto da dissertação do Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) de Jéssica Souza de Andrade e a “Cartilha de atividades de mediação explícita da informação no SIBI-UFPI” elaborada por Rafael Gomes de Souza como produto do seu Mestrado Profissional em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

2. O CENÁRIO ATUAL DE PROPAGAÇÃO DE DESINFORMAÇÃO

A desinformação não é um fenômeno recente na história, Darnton (2017) exemplifica esse fato apontando que no século VI Procópio, um historiador bizantino que escrevia a história do império de Justiniano, escreveu um texto secreto chamado “Anekdotia”, onde espalhou mentiras e arruinou a reputação do imperador Justiniano. De acordo com Martins e Almeida Junior (2021), no século XV na Europa as inverdades eram disseminadas em forma de boatos/fofocas. Porém, podemos considerar que a partir do advento da prensa tipográfica (imprensa) no ocidente por Gutemberg, começou a se desenhar um contexto de “explosão da informação” gerada pela produção exponencial de livros. Alguns estudiosos contemporâneos chegaram a afirmar que estava se formando uma desordem de livros que precisava ser controlada (Burke, 2002; 2003). Ortega y Gasset (2006) aponta que a partir desse cenário o homem não estava conseguindo dar conta da demanda de ler tudo que precisaria e com isso passa-se a fazer leituras às pressas que não proporcionam capacidade de assimilação do texto. Com isso, a informação gerada passou a se tornar um perigo para o homem. O surgimento da Internet marca a passagem do formato impresso para o digital. A partir de então, os meios de informação e comunicação digitais passaram a fazer parte da vida em sociedade e a exercer grande influência na comunicação e troca de informações entre as pessoas e o mundo de maneira geral.

Dentro desse contexto, Agosto (2018, p. 12, tradução nossa) pontua o que se torna eminente com o uso cada vez maior dos meios de informação e comunicação digitais, especialmente as mídias sociais: uma enxurrada de informações não verificadas e não verificáveis sendo disseminadas online, abrangendo não apenas notícias falsas deliberadamente criadas, mas também informações involuntariamente falsas ou enganosas:



Muitas pessoas estão se comunicando com mais pessoas com mais frequência do que nas décadas passadas, e grande parte dessa atividade ocorre nas redes sociais, onde manchetes de notícias reais, manchetes de notícias falsas e uma enxurrada de outras informações os bombardeiam todos os dias.

Despontam, entre os estudos acerca do tema, diversas definições para desinformação, dentre elas temos o conceito de Heller (2021, p. 52):

Quando se fala em desinformação é importante considerar todo e qualquer tipo de manifestação que venha a enganar, seja um texto escrito ou uma imagem, ou até mesmo um discurso mal comunicado ou compreendido, não somente uma notícia falsa.

O pensamento de Heller pode ser complementado pela afirmação de Wardle (2020, sem paginação, tradução nossa) que diz que:

A maior parte desse conteúdo nem é falsa; muitas vezes é genuíno, usado fora do contexto e armado por pessoas que sabem que falsidades baseadas em um núcleo de verdade têm mais probabilidade de serem acreditadas e compartilhadas. E a maior parte disso não pode ser descrita como “notícias”. São os bons rumores antiquados, são memes, são vídeos manipulados, “anúncios obscuros” hiper-direcionados e fotos antigas compartilhadas novamente como novas.

Araújo e Vogel (2021) apontam que a sociedade tende a se dividir em grupos que pensem da mesma maneira, evitando o pensamento oposto. Esses grupos podem ser considerados bolhas informacionais que acabam moldando seus pensamentos, e então, as repassam não por sua veracidade, mas porque reforçam aquilo que acreditam. Dentro desse cenário está inserida a noção de “pós-verdade”, um tipo de prática desinformacional.

De acordo com Silva (2018), a pós-verdade é, principalmente, um fenômeno cultural, pois distorce os elementos que moldam as relações humanas na era das mídias sociais, tais como crenças, ideologias, intenções, uniformidade e ética. Além disso, possui implicações políticas, já que desconecta a formulação de políticas públicas sociais das necessidades mais urgentes da sociedade. Como um fenômeno político e cultural, a pós-verdade prioriza a busca por interesses dominantes em detrimento da promoção da justiça social, reforçando a dominação dos primeiros sobre a segunda e limitando as oportunidades de coexistência na diversidade política e cultural.

Conforme pontua Silva (2018), as chamadas Fake News são o principal produto informacional que deriva da pós-verdade, podem ser representadas de formas simples às mais complexas e espalham-se amplamente pela internet, especialmente nas mídias sociais, de forma generalizada.

Fake News são informações falsas, disfarçadas de notícias jornalísticas do tipo sensacionalista, produzidas e propagadas intencionalmente, sobretudo nas redes digitais, para favorecer grupos de interesse. Têm sido predominantemente empregadas pela chamada nova extrema direita, com efeitos muito graves. O termo também é usado por esses mesmos elementos para desqualificar qualquer notícia séria que contrarie suas posições, gerando mais confusão. (Schneider, 2022, p. 77).



Diante do exposto, infere-se que esse fenômeno que se torna cada vez mais presente no século XXI deve ser estudado para além de fenômenos restritos à internet e às plataformas de mídias sociais, pois ele traz consequências para a vida em comunidade. Dentre elas, encontramos inúmeros efeitos negativos para vários setores da sociedade como saúde pública, incentivo à violência, preconceito e intolerância, assim como, ataques aos sistemas democráticos, como colocado por Schneider (2022, p. 78):

(...) ela contribui crescentemente para a entropia do ecossistema informacional dentro do qual vivemos e por meio do qual nos orientamos, o que afeta negativamente o conjunto de todos os outros ecossistemas interconectados: ambiental, moral, político, econômico, etc.

3. COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS: O QUE SÃO E POR QUE PROMOVÊ-LAS?

Corrêa e Custódio (2018) entendem ser urgente a necessidade do desenvolvimento de habilidades para acessar e usar a informação de forma a distinguir o que é verdadeiro ou falso, assim como criar consciência em relação à responsabilidade com aquilo que se replica. Pode-se acrescentar a isto, o pensamento de Borges e Oliveira (2011, p. 292) que atribui ao ato de desenvolver competências em ambientes digitais como sendo uma parte do processo social atual em que os sujeitos e as organizações são desafiados com “a necessidade de empregar um conjunto de habilidades e competências requeridas para usar diferentes tipos de informação, serviços e produtos, bem como interagir socialmente através dos meios eletrônicos.”

Jussara Borges, bibliotecária, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, em sua tese de doutorado em 2011 considera que a realidade contemporânea do ambiente digital exige novas competências, pois “O uso do ciberespaço como meio de expressão individual e comunicação social requer competências que permitam a atuação efetiva e criativa de produtores, consumidores, falantes e ouvintes, no contexto social em que querem participar” (Borges, 2011, p. 18). Como salienta Borges (2022, p. 39) “a capacidade de lidar com informação e interagir com pessoas está na base de vários processos sociais”. Portanto, em vistas de atender às novas demandas de informação da contemporaneidade, a autora propõe o uso do termo competências infocomunicacionais, como sendo uma “convergência de conhecimentos (saber), habilidades (saber-fazer) e atitudes (saber-ser) que se deseja desenvolver frente à informação e à comunicação ao longo de um processo de alfabetização informacional” (Borges, 2018, p.125).

Para contextualizar melhor o termo “infocomunicacional” proposto por Borges que engloba a convergência dos conceitos de competência em informação e competência em comunicação e considerando que o conceito de competência em informação está bem solidificado na área, Borges e Brandão (2017) pontuam, que a competência comunicacional se refere à habilidade de se comunicar com outras pessoas ou grupos, compartilhar, analisar e expor informações e ideias de maneira a alcançar um público e estabelecer uma relação de troca mútua. As autoras consideram como fundamental na sociedade atual:

a competência para estabelecer e manter comunicação, a capacidade de disseminar conteúdos de acordo com as características de cada público, a capacidade de participar interativa e criticamente em contextos de discussão e colaboração e a capacidade de desenvolver relações sociais saudáveis em ambientes digitais. (Borges; Brandão, 2017, p. 80).

Sendo assim, conforme Heller, Jacobi e Borges (2020) as competências infocomunicacionais não se limitam apenas às competências tradicionais relacionadas à informação (como buscar, avaliar, compreender e utilizar a informação), pois abrangem também as habilidades comunicativas que envolvem aspectos relacionais: como distribuir mensagens através do compartilhamento, participar ativamente em discussões sobre determinados temas com outras pessoas, estabelecer parcerias de trabalho, entre outras.

Voltando-se então para a realidade de uma sociedade que está pautada na conexão crescente em tempo real, nota-se que as competências infocomunicacionais podem desempenhar um papel crucial, pois dentro deste cenário em que as mídias sociais dominam a forma de acesso à informação e comunicação da sociedade, Borges (2022) exemplifica que fazer bullying nas redes pode ser tão prejudicial quanto não se manifestar diante de assuntos importantes.

Portanto, dentro de um contexto de déficit de uma cultura de educação em informação, Borges (2022) considera que os tipos mais comuns de desinformação, como as fake news, ganham espaço pois não há na sociedade o costume de checagem de veracidade e comparação de fontes ou então já não veem mais importância nisso. A autora entende que uma formação que incentive as competências infocomunicacionais é fundamental neste cenário porque ela não apenas estimula e torna habitual a busca ativa de informações, mas também fomenta a reflexão, a dúvida e o questionamento.

Contudo, a promoção de competências infocomunicacionais tem potência para avançar para uma educação de caráter mais inclusivo e social, na qual as pessoas são estimuladas a compreender e refletir sobre o mundo infocomunicacional: por que este conteúdo chegou até mim? Quais os interesses envolvidos? Qual a minha responsabilidade ao disseminar informações? Nesse sentido, a promoção de competências alcança uma perspectiva emancipatória, atuando, talvez, na busca de equidade social e liberdade de pensamento. (Borges, 2022, p. 38).

Borges (2022) acredita que os profissionais da informação, em especial, podem educar em informação seus usuários de forma a promover as competências infocomunicacionais. Ela aponta que, se ao desenvolver essas competências, puder instigar a dúvida, e a partir dela, o questionamento, culminando em reflexão que resulte em ações conscientes, estará dando-se um passo crucial na formação de cidadãos que façam uso crítico e saudável da informação.



4. FORMAS DE ATUAÇÃO PARA EDUCAR EM INFORMAÇÃO PROMOVENDO AS COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS

Considerando o desenvolvimento tecnológico e a produção e disseminação informacional crescente, Silva e Tanus (2019) creem que, para os profissionais da informação, essa realidade trouxe mais responsabilidades em seu currículo ocasionando uma demanda maior de habilidades para o trato com a informação e com os procedimentos de mediação. Essa realidade é exposta por Silva e Tanus (2019, p. 67):

Enfatiza-se que a busca pela definição do perfil e atuação desses profissionais não se esgotam, pois é um processo de construção dinâmico e que envolve as mudanças informacionais e tecnológicas, que por sua vez estão imbricadas com os contextos político, econômico, social e cultural.

Dentro desse contexto Furtado e Dias (2023) ponderam que devido às proporções que o fenômeno da desinformação tomou, não se pode afirmar haver uma solução para um problema global de tamanha magnitude, porém os autores também consideram que as funções exercidas pela pessoa bibliotecária seria um caminho para promover uma melhor familiaridade das pessoas com a informação. Os autores entendem que é possível colocar a pessoa bibliotecária como um agente significativo para combater a desinformação pois a mesma emprega a mediação da informação e a educação dos usuários como ferramentas para aprimorar o relacionamento das pessoas com a informação, promovendo um comportamento informacional mais atento e crítico, capacitando-as a lidar de maneira mais cuidadosa com a informação. Concordando com o exposto, Borges (2022) coloca que mesmo havendo outros profissionais que também podem mediar a informação, a pessoa bibliotecária aparentemente é uma das mais próximas do sujeito, sabe das suas demandas e comportamentos podendo personalizar uma formação mais direcionada.

Porém deve-se fazer um adendo e considerar um ponto importante a esse respeito e levantado por Corrêa e Custódio (2018) e Silva e Tanus (2019), de que somente um indivíduo habilitado em informação estará apto a instruir e orientar outros indivíduos durante o processo de assimilação e desenvolvimento do conhecimento. Desse modo, é necessário que o profissional procure estar sempre procurando capacitações para estar em constante construção de suas próprias habilidades em processos informacionais e tenha capacidade de mediar esse conhecimento de maneira contextualizada.

Voltando-se à preocupação com essa realidade de propagação de desinformação, a International Federation of Library Association and Institutions (IFLA) através da publicação “Alternative facts and fake news – verifiability in the information society”, indica a importância da verificação das informações e também expõe a relevância das bibliotecas - através da figura da pessoa bibliotecária (que é quem atua na linha de frente pensando nas necessidades do seu público) - de atuarem como educadoras no que ela denomina em sua publicação como “alfabetização midiática”. A instituição traz em sua publicação, um infográfico (conforme imagem a seguir) - que foi traduzido para mais de 30 idiomas- para que as bibliotecas e pessoas bibliotecárias tornem público oito passos que ajudam a identificar a veracidade de uma determinada notícia.



Fonte: International Federation of Library Association and Institutions, 2017.

Melo (2022) aborda que a luta contra a disseminação de notícias falsas nas mídias sociais exemplifica uma nova responsabilidade que foi incorporada ao campo de atuação da pessoa bibliotecária nos tempos atuais. Isso evidencia que a profissão está constantemente se renovando, exigindo uma postura de aprendizado contínuo. Ao incluir essas novas demandas ao trabalho, reexaminam-se as competências essenciais da profissão e as adaptam ao cenário informacional atual.

Assim sendo, Borges (2022) considera que é muito importante a pessoa bibliotecária atuar promovendo as competências infocomunicacionais de seus usuários pois um indivíduo que é fruto de uma educação em informação que o faça compreender o mundo que o cerca e o seu vínculo com ele, que seja apto a dialogar e interrogar suas verdades, se encontra capaz de mudar sua própria realidade pois não a vê mais como estática ou dada, mas como algo em transformação. Considerando que a comunicação é o que norteia o meio digital, um único usuário competente pode gerar um efeito coletivo, pois essa pessoa passa a se tornar um produtor e transmissor de conhecimentos ao seu grupo, como é possível inferir nas seguintes colocações:

Da mesma forma, um único sujeito pode ser agente de mudança em seu grupo. Assim, a relevância de que a promoção de competências infocomunicacionais atinja também o aspecto atitudinal – além de conhecimentos e habilidades – na formação de um sujeito também fomentador da educação para a informação em sua comunidade. (Borges, 2022, p. 48).

Por sua vez, os indivíduos com literacia informacional muitas vezes ajudam outros a obter acesso à informação, criando um potencial efeito cascata de literacia informacional e, em geral, reduzindo os efeitos das notícias falsas. Esta é uma das razões mais importantes para ensinar alfabetização informacional aos seus clientes. (Oltmann, 2018, p.88, tradução nossa)

Após abordar a importância do papel da pessoa bibliotecária nesse contexto, segue uma série de sugestões de atividades que os profissionais do IFRJ podem aderir para atuar nessa educação em informação de forma a promover as competências infocomunicacionais.



DEBATES

Desenvolver debates sobre temas ligados à desinformação. Essa atividade pode proporcionar o desenvolvimento da consciência coletiva sobre as consequências que o tema traz para a sociedade como a polarização política, desconfiança sobre as instituições, intolerância (de variadas formas), preconceitos, dentre outras questões. A participação em debates vai estimular o desenvolvimento de habilidades de comunicação e o respeito às opiniões divergentes, pois ao mesmo tempo que participantes de diferentes gerações podem compartilhar suas experiências, eles também precisam expressar suas ideias de forma clara, ouvir e interagir com os argumentos dos outros.

OFICINAS DE TREINAMENTO



Também pode ser denominado Workshops. A intenção é promover uma aula dinâmica que promova um aprendizado ativo, o que normalmente prende mais a atenção do participante e fixa melhor o aprendizado. Esses treinamentos podem ser sobre: uso de bases de dados, sites de checagem, repositórios, pesquisa de classificação de qualidade de periódicos (WebQualis), google acadêmico, dentre outras ferramentas. Pode-se incluir nessas opções o aprendizado de escrita crítica onde os participantes podem aprender a construção de argumentos sólidos, estruturar textos e transmitir suas ideias de forma ética e eficaz. É uma atividade que pode haver colaboração de professores ou profissionais ligados à elaboração de textos.

CURSOS E MINICURSOS



Oferecer cursos completos online ou presencial que englobe a promoção de competências infocomunicacionais. O curso pode incluir além da parte teórica, questões práticas para fixar o aprendizado. Como exemplo para auxiliar na elaboração da estrutura do curso apresenta-se abaixo os módulos do curso oferecido para estudantes do Ensino Médio em Salvador retirados do texto de Brandão; Lima e Galiza (2019, p. 6). Pode-se aproveitar a estrutura do curso e oferecer mini cursos dos submódulos em separado.

Módulo 1: Competências em informação	Módulo 2: Competências em comunicação
1. Necessidade e acesso à informação 2. Fontes de informação 3. Compreensão, análise e síntese da informação 4. Avaliação crítica da informação 5. Organização e uso da informação 6. Produção e criação de conteúdos	1. Estabelecimento e manutenção da comunicação com diferentes públicos 2. Distribuição e disseminação de conteúdos 3. Participação em ambientes de mídias colaborativas 4. Desenvolvimento de redes sociais 5. Privacidade, ética e propriedade intelectual 6. Colaboração e aprendizagem ao longo da vida

O site Educamídia (<https://educamidia.org.br/>) oferece roteiros de aula de vários temas que englobam a desinformação e que podem auxiliar a pessoa bibliotecária a elaborar cursos e/ou minicursos adaptando-os de acordo com o perfil do seu público.



CLUBE DE LEITURA

Realizar reuniões regulares nos quais os participantes se encontram para ler e discutir livros, artigos ou outros materiais, na intenção de fazer uma análise crítica do conteúdo. Isso pode incluir a identificação de vieses, avaliação de argumentos e a reflexão sobre as mensagens transmitidas pelo autor. Essa atividade pode acontecer em parceria com professores da instituição.

PALESTRAS COM ESPECIALISTAS



Convidar profissionais de diversas áreas como jornalismo, direito, ciência, biblioteconomia para falar sobre questões como direito autoral, legislação, uso ético da informação, uso consciente das tecnologias, abordar o tema desinformação e suas vertentes, etc. Pode-se também convidar profissionais das áreas afetadas pela desinformação para discutir sobre a questão que estiver em voga. Ex. Questões de saúde pública, convidar médicos para falar sobre prevenção, vacinas etc. Ter contato com pessoas que são autoridades na área sobre o que estão falando tende a gerar mais credibilidade principalmente entre os mais resistentes.

VIDEOS DE FATO OU FAKE



Identificar assuntos que estejam em circulação, gerando debates e fazer vídeos curtos esclarecendo se o tema em questão é verdade ou mentira e de que forma se chegou à conclusão e publicar nas mídias sociais. Sugere-se que a pessoa bibliotecária seja aquela a falar no vídeo pois isso contribuirá para solidificar a imagem do profissional como agente importante na questão. Pode-se tentar viabilizar parceria com o setor de Comunicação da Instituição para que esses vídeos possam ser publicizados em maior escala. A depender das possibilidades, avaliar a criação de um podcast que é uma ferramenta bastante popular entre o público que possui acesso à Internet.



ATENDIMENTO TIRA-DÚVIDAS

Disponibilizar um email (pode ser o e-mail próprio ou da biblioteca, a depender das possibilidades) no qual o usuário possa pedir auxílio sobre alguma informação que tenha visto e que tenha dúvidas sobre a veracidade. A pessoa bibliotecária pode responder o email sinalizando o teor daquela informação e dando um breve relato dos caminhos que trilhou para chegar àquela resposta, integrando assim uma atividade de educação do usuário.

Essa atividade também pode ser pensada para acontecer de forma presencial. Uma sugestão é que a pessoa bibliotecária divulgue um horário em que estará disponível na biblioteca para atender quem precisar de esclarecimentos sobre alguma informação. O usuário pode acompanhar o profissional na busca, aproveitando para aprender o processo que ele poderá seguir futuramente. Caso haja uma grande demanda na Biblioteca naquele momento, a pessoa bibliotecária pode anotar a dúvida do usuário e agendar um retorno para fornecer as respostas, explicando o caminho percorrido para encontrá-las.



SERVIÇO DE MALA DIRETA

Criar um email ou algum outro canal de relacionamento (grupos de whatsapp, canal de transmissão no Instagram, etc.) para enviar mensagens semanais ou mensais - a depender da disponibilidade da pessoa bibliotecária - com propagandas de cursos de capacitação envolvendo a temática, alguma publicação que traga algum conteúdo de educação em informação e tenha tido evidência durante aquele período ou mesmo esclarecer notícias institucionais distorcidas que estejam circulando na comunidade acadêmica. As mensagens enviadas podem ser impressas e colocadas nas paredes ou murais disponíveis.

CAMPANHAS DE CONSCIENTIZAÇÃO



Desenvolver materiais informativos como folders e cartazes abordando acerca da importância da informação confiável, como acessá-la e as consequências do compartilhamento de informações inverídicas. Esses materiais também podem abordar uma perspectiva de corresponsabilidade, cidadania e solidariedade pois é uma questão ampla que não envolve somente seguir um passo a passo mecânico, também é uma questão de responsabilidade social.

Pode-se afixá-los em murais da instituição ou serem entregues como folders, conseguindo com isso, atingir todo tipo de público da Instituição, inclusive aquelas sem acesso às mídias sociais por questões sociais ou por escolha. Pode-se aproveitar o Infográfico da IFLA ou até mesmo adaptá-lo. O site da Unesco (<https://webarchive.unesco.org/weborg/themesoresharing>) também disponibiliza uma série de infográficos em várias línguas abordando o tema da desinformação e estimulando o pensamento crítico. O material gerado para essa atividade também deve ser publicado nas mídias sociais e assim poder atingir um público além da comunidade a qual a biblioteca está inserida.

REFERÊNCIAS

AGOSTO, Denise E. An Introduction to Information Literacy and Libraries in the Age of Fake News. In: AGOSTO, Denise E. *Information literacy and libraries in the age of fake news*. Santa Barbara: Libraries Unlimited, [2018]. Cap. 1, p. 9-20.

ARAÚJO, Livia de Oliveira Lima Cavalcanti de; VOGEL, Michely Jabala Mamede. Bibliotecários e Fake News: análise de publicações nacionais. *Conhecimento em ação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 5-24, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/197470>. Acesso em: 1 set. 2023.

BORGES, Jussara. *Participação política, internet e competências infocomunicacionais*: estudo com organizações da sociedade civil de Salvador. 2011. 352 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/5558>. Acesso em: 24 set. 2023.

BORGES, Jussara. Por que promover competências infocomunicacionais? In: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). *Educação para a informação*: como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. cap. 2, p. 37-51.

BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise. Evolução contexto-conceitual das competências infocomunicacionais. *Logeion: filosofia da informação*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 75-86, mar./ago. 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/43051>. Acesso em: 24 set. 2023.

BORGES, Jussara; OLIVEIRA, Lídia. Competências infocomunicacionais em ambientes digitais. *Observatório Journal*, [s.l.], v. 5, n. 4. p. 291-325, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5483>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRANDÃO, Gleise da Silva; GALIZA, Mirna Pereira; LIMA, Jussara Borges de. Promoção de competências infocomunicacionais: um relato de experiência com estudantes do ensino médio. *Revista Analisando em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 01-15, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/35281>. Acesso em: 17 mar. 2024.

BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Estudos avançados*, São Paulo, jan./abr. 2002, n. 44, v. 16, p.173-185. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/ZNySQnGQtLrt9vgmxqYHsXD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 out. 2022.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini; CUSTÓDIO, Marcela Gaspar. A informação enfurecida e a missão do bibliotecário em tempos de pós-verdade: uma releitura com base em Ortega Y Gasset. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 197-214, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/777>. Acesso em: 3 set. 2023.

DARNTON, Robert. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton. Fabio Victor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, fev. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-exist-em-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: set. 2023.

FURTADO, Camila; DIAS, Thiago Magela Rodrigues. A pessoa bibliotecária como agente de combate à desinformação na área da Ciência da Informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 19, p. 1-19, 2023. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1929>. Acesso em: 23 out. 2023.

HELLER, Bruna. *Competências infocomunicacionais: ações em bibliotecas universitárias do Rio Grande do Sul para combater a desinformação*. 2021. 187 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/231622>. Acesso em: 08 fev. 2023.

HELLER, Bruna; JACOBI, Greison; BORGES, Jussara. Por uma compreensão da desinformação sob a perspectiva da ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v.49 n.2, p. 189- 204, maio/ago. 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5196>. Acesso em: 02 jan. 2023.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION AND INSTITUTIONS. Alternative facts and fake news – verifiability in the information society. *Library Policy and Advocacy Blog*, Jan. 2017. Disponível em: <https://blogs.ifla.org/lpa/2017/01/27/alternative-facts-and-fake-news-verifiability-in-th>. Acesso em: 29 set. 2023.

MARTINS, Regis; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Desinformação, fake News e pós verdade: suas distinções e como evita-las. In: Encontro de pesquisa em informação e mediação, 3., 2021, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: UNESP, 2021. p. 1-19. Disponível em: <https://portalconferenciasppgci.marilia.unesp.br/index.php/IIIEPIM/IIIEPIM/paper/view/>. Acesso em: 22 out. 2023.

MELO, Camila Alves de. Aprender ao longo da vida como exercício das competências infocomunicacionais e da Metaliteracy. In: BORGES, Jussara; BRANDÃO, Gleise; BARROS, Susane Santos (Org.). *Educação para a informação: como promover competências infocomunicacionais*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Cap. 12, p. 189-203.

ORTEGA Y GASSET, J. *Missão do bibliotecário*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

SCHNEIDER, Marco. *A era da desinformação*: pós-verdade, fake News e outras armadilhas. Rio de Janeiro: Garamond, 2022.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Pós-verdade e informação: múltiplas concepções e configurações. In: ENANCIB, XIX, 2018, Londrina. *Anais [...]*. Londrina: UEL, 2018. p. 333-353. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/124855>. Acesso em: 13 set. 2023.

SILVA, Silvana Souza da; TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. O bibliotecário e as Fake News: análise da percepção dos egressos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. *Informação em pauta*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 58-82, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/127738>. Acesso em: 15 ago. 2022.

WARDLE, Claire. *Understanding Information disorder*. [S.l.]: Frist Draft, 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/long-form-article/understanding-information-disorder/>. Acesso em: 18 nov. 2022.



ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO -
UNIRIO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O combate à desinformação e a ação biblioteconômica nas bibliotecas do IFRJ: proposta de uma cartilha para promoção de competências infocomunicacionais.

Pesquisador: ALANE ELIAS SOUZA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 76332423.5.0000.5285

Instituição Proponente: CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - PPGH

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.692.282

Apresentação do Projeto:

A pesquisa aborda a importância do bibliotecário em educar seus usuários para o desenvolvimento de competências infocomunicacionais visando a atuação no combate à desinformação. Procura verificar se os Bibliotecários do IFRJ sabem o que é desinformação e como identificá-la. A pesquisa científica é feita por meio do levantamento da revisão bibliográfica existente em um período temporal nas bases de dados BRAPCI, BDTD, Scielo, Google acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES. A metodologia utilizada considera que a pesquisa é de natureza aplicada tendo como nível o cunho exploratório e descritivo e a abordagem qualitativa. O instrumento de coleta de dados é a utilização de entrevista com perguntas no perfil semiestruturadas. Como método de análise dos dados tem-se a análise de conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral desta pesquisa é construir uma cartilha com orientações e dicas com vistas ao combate à desinformação para auxiliar o bibliotecário do IFRJ na sua atuação sobre o assunto com seus usuários.

Objetivo Secundário:

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca **CEP:** 22.290-240
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 **E-mail:** cep@unirio.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO -
UNIRIO



Continuação do Parecer: 6.692.282

Explorar os conceitos de desinformação e seus aspectos na sociedade, bem como entender o que são e a importância das competências infocomunicacionais, relacionando o Bibliotecário como promotor das mesmas; Identificar se os Bibliotecários do IFRJ sabem o que é desinformação e como identificá-la; Entender se os Bibliotecários acreditam que devem ser agentes importantes para a mitigação desse problema; Investigar se os Bibliotecários do IFRJ atuam contra a desinformação e se promovem as competências infocomunicacionais dos seus usuários; Mapear estratégias na literatura e também a partir de eventuais respostas dos bibliotecários, dos meios para identificação de desinformações, bem como formas de interação responsáveis na Internet a fim de evitar a disseminação das mesmas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

a participação na pesquisa pode gerar constrangimento, estresse e desconforto. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Benefícios:

A participação na pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Biblioteconomia, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe no IFRJ. Pretende-se também, por meio dessa pesquisa incentivar bibliotecários a se apoderarem de suas competências e atuarem de forma ativa na comunidade, que estão inseridos ajudando a mitigar os problemas causados pelo compartilhamento de notícias inverídicas. A partir dessa atuação, o bibliotecário passa a mostrar para a sociedade que é um profissional que trabalha para além da organização e disponibilização de acervos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A investigação parte do pressuposto de que as atividades desenvolvidas pelos bibliotecários do IFRJ podem ainda estar muito enraizadas no conservadorismo de sua missão basilar, mantendo-se

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
 Bairro: Urca CEP: 22.290-240
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)2542-7796 E-mail: cep@unirio.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO -
UNIRIO**



Continuação do Parecer: 6.692.282

apenas as suas funções de empréstimo, devolução, catalogação e etc., não evoluindo e alcançando a necessidade informacional contemporânea.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta:

- Folha de rosto: Assinada pelo pesquisador proponente e pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da UNIRIO.
- TCLE.
- Instrumento de coleta foi apresentado.
- Cronograma de acordo com as normas do CEP.
- Carta de anuência: assinada pelo Diretor Adjunto de Registro e Acompanhamento Acadêmico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador respondeu todas as pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Inserir os relatórios parcial(is) (a cada 6 meses) e final da pesquisa na Plataforma Brasil por meio de Notificação.

Consulte o site do CEP UNIRIO (www.unirio.br/cep) para identificar materiais e informações que podem ser úteis, tais como:

- a) Modelos de relatórios e como submetê-los (sub abas "Relatórios" e "Notificações" e aba "Materiais de apoio e tutoriais");
- b) Situações que podem ocorrer após aprovação do projeto (mudança de cronograma e da equipe de pesquisa, alterações do protocolo pesquisa; observação de efeitos adversos, ...) e a forma de comunicação ao CEP (aba "Tramitação após aprovação do projeto" e suas sub abas).

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2248059.pdf	26/12/2023 21:34:40		Aceito
Outros	Carta_de_atendimento_a_pendenciaassinado.pdf	26/12/2023 21:33:58	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição

Bairro: Urca

CEP: 22.290-240

UF: RJ

Município: RIO DE JANEIRO

Telefone: (21)2542-7796

E-mail: cep@unirio.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO -
UNIRIO



Continuação do Parecer: 6.692.282

Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_USO_DE_DADOS.pdf	26/12/2023 21:25:58	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Alane_Elias_Souza.pdf	26/12/2023 21:24:25	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.docx	26/12/2023 21:21:03	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_Alane_Elias.pdf	01/12/2023 11:49:59	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TERMOS_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO.docx	01/12/2023 11:42:08	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 08 de Março de 2024

Assinado por:
Michel Carlos Mocellin
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Pasteur, 296 subsolo da Escola de Nutrição
Bairro: Urca CEP: 22.290-240
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)2542-7796 E-mail: cep@unirio.br

ANEXO B - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O combate à desinformação e a ação biblioteconômica nas bibliotecas do IFRJ: proposta de uma cartilha para promoção de competências infocomunicacionais.

Pesquisador: ALANE ELIAS SOUZA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 78332423.5.3001.5268

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.854.436

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa onde o IFRJ é coparticipante que segundo a pesquisadora Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa quanto à sua abordagem; aplicada quanto à sua natureza, descritiva e exploratória quanto ao nível. A atuação será nos 15 campi do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, mais a Reitoria, a fim de obter uma leitura contextualizada da atuação dos bibliotecários do IFRJ. Serão feitas entrevistas de forma presencial e os atores participantes serão todos os bibliotecários de cada unidade participante, totalizando-se 24 pessoas. A coleta de dados ocorrerá mediante a realização de entrevista com perfil semiestruturada. Já a análise dos dados será feita por meio da técnica de Análise de Conteúdo. Será levado em consideração as questões éticas pertinentes e também a proteção dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

O objetivo geral desta pesquisa é construir uma cartilha com orientações e dicas com vistas ao combate à desinformação para auxiliar o bibliotecário do IFRJ na sua atuação sobre o assunto com seus usuários.

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
Bairro: Centro **CEP:** 20.061-002
UF: RJ **Município:** RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3233-8034 **Fax:** (21)3293-6000 **E-mail:** cep@ifrrj.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ**



Continuação do Parecer: 6.854.436

Objetivo Secundário:

Explorar os conceitos de desinformação e seus aspectos na sociedade, bem como entender o que são e a importância das competências infocomunicacionais, relacionando o Bibliotecário como promotor das mesmas; Identificar se os Bibliotecários do IFRJ sabem o que é desinformação e como identificá-la; Entender se os Bibliotecários acreditam que devem ser agentes importantes para a mitigação desse problema; Investigar se os Bibliotecários do IFRJ atuam contra a desinformação e se promovem as competências infocomunicacionais dos seus usuários; Mapear estratégias na literatura e também a partir de eventuais respostas dos bibliotecários, dos meios para identificação de desinformações, bem como formas de interação responsáveis na Internet a fim de evitar a disseminação das mesmas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

a participação na pesquisa pode gerar constrangimento, estresse e desconforto. Diante dessas situações, os participantes terão garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-lo(a) e encaminhá-lo(a) para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar de todos os participantes.

Benefícios:

A participação na pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Biblioteconomia, para a construção de novos conhecimentos e para a identificação de novas alternativas e possibilidades para o trabalho da equipe no IFRJ. Pretende-se também, por meio dessa pesquisa incentivar bibliotecários a se apoderarem de suas competências e atuarem de forma ativa na comunidade, que estão inseridos ajudando a mitigar os problemas causados pelo compartilhamento de notícias inverídicas. A partir dessa atuação, o bibliotecário passa a mostrar para a sociedade que é um profissional que trabalha para além da organização e disponibilização de acervos.

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
Bairro: Centro CEP: 20.061-002
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3233-8034 Fax: (21)3293-6000 E-mail: cep@ifrj.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ



Continuação do Parecer: 6.954.436

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de mestrado de biblioteconomia da UNIRIO, onde a coleta de dados será no IFRJ.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos

Recomendações:

Ver conclusão

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

PENDÊNCIA 1. Através do cronograma do projeto detalhado e do projeto PB, entende-se que a coleta de dados já foi realizada (jan/março de 2024) e, portanto, o projeto não poderá ser analisado pelo presente CEP, tendo em vista que a análise ética deve ser realizada antes da execução da pesquisa. Caso o pesquisador, tenha se equivocado, por favor, adequar o cronograma;

RESPOSTA: Como aluna da UNIRIO e tendo a mesma como Instituição proponente, a pesquisa foi submetida ao CEP UNIRIO em novembro. Pretendia-se então, considerando os devidos prazos, que pelo menos em março pudesse começar a coleta de dados, porém houve atraso na análise da minha pendência pelo CEP UNIRIO (estando agora aprovado) o que causou uma demora no envio ao CEP IFRJ. Com isso, esperando a finalização de todos os trâmites, obedecendo que a coleta de dados aconteça somente após o CEP/IFRJ também aprovar, a pesquisa se manteve parada causando um represamento para as minhas atividades para conclusão do mestrado. Para atendimento dessa pendência anexo o projeto detalhado, na pasta Projeto detalhado/Brochura Investigador, com a devida adequação do cronograma (a alteração se encontra com REALCE amarelo) o documento com nome *Projeto_detalhado_com_alteracao_cronograma*. Também foi anexada na pasta Cronograma com o nome *Cronograma_23assinado* o documento com o novo cronograma pontuando que o projeto já foi aprovado pelo CEP/UNIRIO e assumindo o compromisso da coleta de dados iniciar somente após a aprovação do CEP/IFRJ. Alteração feita também no formulário de informações básicas da Plataforma Brasil.

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
Bairro: Centro CEP: 20.061-002
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3233-8034 Fax: (21)3293-5000 E-mail: cep@ifrrj.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ



Continuação do Parecer: 6.954.436

ATENDIDA

PENDÊNCIA 2. Anexar o CV dos pesquisadores envolvidos;

RESPOSTA: Currículo Lattes da pesquisadora e do orientador anexados na Plataforma Brasil na pasta outros com o nome do documento anexo ¿Curriculo_Lattes_Alane_Elias_Souza¿ e ¿Curriculo_Lattes_Alberto_Calil_Elias_Junior¿

ATENDIDA

PENDÊNCIA 3. É preciso o termo de anuência dos 15 campi do IFRJ, nos quais a pesquisa será realizada, bem como da reitoria. Por favor, anexar. Consulte em nossa página Termo de anuência institucional .

RESPOSTA: Termo de anuência com a autorização dos 15 campi e da reitoria anexados na Plataforma Brasil na pasta Outros. Foi emitido um termo para cada campi, portanto tem 16 anexos para esta pendência com os nomes da seguinte forma "termo_de_anuencia_institucional_(nome de cada campus/reitoria)¿

ATENDIDA

PENDÊNCIA 4. Anexar o seguinte documento: Declaração de compromisso do pesquisador responsável, devidamente assinada, de anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil. (disponível em nossa página).

RESPOSTA: Documento assinado pela pesquisadora responsável e seu orientador, anexados na plataforma na pasta outros com o nome ¿compromisso_de_relatorios_assinado¿

ATENDIDA

PENDÊNCIA 5. Pendência 5: carta resposta

RESPOSTA: A presente carta resposta contendo a justificativa e o cumprimento de cada pendência está sendo anexada na Plataforma Brasil na pasta outros com o nome ¿CARTARESPOSTA¿

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
Bairro: Centro CEP: 20.061-002
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3233-8034 Fax: (21)3293-6000 E-mail: cep@ifrrj.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ**



Continuação do Parecer: 6.854.436

ATENDIDA

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do CEP/IFRJ, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS n.º 510, de 2016, na Resolução CNS n.º 466, de 2012, e na Norma Operacional n.º 001, de 2013, do CNS, manifesta-se pela **APROVAÇÃO** do protocolo de pesquisa proposto. Ressalta-se que cabe ao pesquisador responsável encaminhar os relatórios parciais e final da pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, via notificação do tipo "relatório" para que seja devidamente apreciadas no CEP, conforma Norma Operacional CNS n.º 001/13, item XI.2.d. A observância dos prazos de envio dos relatórios parciais ou finais é estritamente de responsabilidade do pesquisador. A não obediência aos prazos estipulados poderá implicar a **NÃO APROVAÇÃO** dos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2300384.pdf	30/04/2024 20:42:51		Aceito
Outros	CARTARESPOSTA.pdf	30/04/2024 20:39:18	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_com_alteracao_cronograma.pdf	30/04/2024 20:28:21	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Cronograma	cronograma_23_assinado.pdf	30/04/2024 20:05:42	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	compromisso_de_relatorios_assinado.pdf	30/04/2024 19:57:11	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Engenheiro_Paulo_de_Frontin_assinado.pdf	30/04/2024 19:54:16	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_institucional_Realengo_assinado.pdf	30/04/2024 19:53:09	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Reitoria_assinado.pdf	30/04/2024 19:52:20	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Arraialdo_Cabo_assinado.pdf	30/04/2024 19:51:34	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Mesquita_assinado.pdf	30/04/2024 19:50:37	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Sa	30/04/2024	ALANE ELIAS	Aceito

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
 Bairro: Centro CEP: 20.061-002
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3233-8034 Fax: (21)3293-6000 E-mail: cep@ifrrj.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ**



Continuação do Parecer: 6.854.436

Outros	o_Goncalo_assinado.pdf	19:49:59	SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Volta_Redonda_assinado.pdf	30/04/2024 19:49:20	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Nilopolis_assinado.pdf	30/04/2024 19:48:31	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Rio_d_e_Janeiro_assinado.pdf	30/04/2024 19:47:54	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Duque_de_Caxias_assinado.pdf	30/04/2024 19:46:23	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Belford_Roxo_assinado.pdf	30/04/2024 19:44:31	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Paracambi.pdf	30/04/2024 19:43:41	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Niteroi_assinado.pdf	30/04/2024 19:43:03	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Pinheiral_assinado.pdf	30/04/2024 19:41:42	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Sao_Joao_de_Meriti_assinado.pdf	30/04/2024 19:40:53	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	termo_de_anuencia_institucional_Resende_assinado.pdf	30/04/2024 19:40:08	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Alberto_Calil_Elias_Junior.pdf	30/04/2024 19:36:44	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes_Alane_Elias_Souza.pdf	30/04/2024 19:33:54	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	Carta_de_atendimento_a_pendenciaassinado.pdf	26/12/2023 21:33:58	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	TERMO_DE_COMPROMISSO_PARA_USO_DE_DADOS.pdf	26/12/2023 21:25:58	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado_Alane_Elias_Souza.pdf	26/12/2023 21:24:25	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.docx	26/12/2023 21:21:03	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TERMOS DE CONSENTIMENTO_LIVRE E ESCLARECIDO.docx	01/12/2023 11:42:08	ALANE ELIAS SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
 Bairro: Centro CEP: 20.061-002
 UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
 Telefone: (21)3233-8034 Fax: (21)3293-6000 E-mail: cep@ifrj.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO RIO DE
JANEIRO - IFRJ



Continuação do Parecer: 6.854.436

RIO DE JANEIRO, 28 de Maio de 2024

Assinado por:
Angela M Bittencourt
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Buenos Aires, 256, 6 andar sala 601
Bairro: Centro CEP: 20.061-002
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3233-8034 Fax: (21)3293-6000 E-mail: cep@ifrj.edu.br

ANEXO C - CATEGORIAS E INDICADORES DAS COMPETÊNCIAS INFOCOMUNICACIONAIS

COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO Competências para consumo, gestão e produção de conteúdos	
<i>Competências</i>	<i>Indicadores</i>
Acesso Destrezas técnicas para o consumo de informação	- Perceber que há questões do cotidiano (profissional, acadêmico, pessoal etc.) passíveis de serem resolvidas com acesso à informação - Determinar as principais fontes de informação que atendem às suas necessidades - Saber utilizar fontes especializadas para buscar informações - Estabelecer preferências e filtros para recuperar informação
Compreensão Captar o significado das informações, inclusive linguagem icônica	- Compreender o funcionamento específico de cada sistema de recuperação de informação - Compreender as informações acessadas - Compreender as mensagens recebidas - Compreender o papel que as tecnologias desempenham na sociedade e seus possíveis efeitos
Análise Habilidades para colocar os conteúdos sob análise mediante critérios	- Determinar qual é o eixo condutor (informação principal) e quais são as informações complementares - Perceber quando necessita de informação suplementar para entender melhor uma questão - Manter senso de orientação entre as várias fontes e formatos de informação - Identificar a autoridade da fonte (quem emite a informação é o ator adequado para prestá-la?)
Síntese Comparação e contraste de distintas informações	- Sintetizar as ideias centrais da informação recuperada - Comparar as informações entre si e com o próprio conhecimento - Registrar as fontes ou referências das informações selecionadas
Gestão Organizar as informações para um uso atual ou futuro	- Perceber a volatilidade da informação on-line e, portanto, a necessidade de gerir a própria informação - Organizar e descrever a informação de forma a recuperá-la para um uso atual e futuro - Estabelecer um mapa semântico entre as informações, de forma a conectá-las entre si
Avaliação Questionamento e avaliação crítica das informações e mensagens, levando à tomada de decisão	- Identificar o propósito, interesse e intenção da informação - Avaliar a correção e veracidade da informação, extraindo conclusões críticas tanto do que se diz como do que se omite - Tomar decisões com base nas informações avaliadas - Interpretar conteúdos em distintos contextos, a fim de determinar o valor da informação para cada situação particular - Discernir entre opiniões e fatos, reconhecendo que valores e crenças estão incorporados a todas as informações - Reconhecer o valor de fontes formais e informais de informação - Analisar criticamente as informações, inclusive conteúdo dinâmico gerado em mídias sociais - Reconhecer aspectos de diversidade cultural, como os valores e crenças presentes na informação e na comunicação
COMPETÊNCIAS EM COMUNICAÇÃO Competências para interação e relacionamento	
<i>Competências</i>	<i>Indicadores</i>
Produção Integrar, ligar, descrever ou remixar conteúdos	- Integrar diferentes formatos de informação para melhor expressar uma ideia - Estabelecer links entre informações dispersas (criação de hipertextos) - Descrever ou etiquetar materiais alheios - Dar ou incrementar visibilidade a uma determinada informação - Remixar informação de forma legal
Criação Ter a iniciativa da criação de conteúdo e/ou acrescentar compreensão crítica dos valores socioculturais embutidos e questões ideológicas	- Estabelecer relações entre códigos e meios para elaborar um conhecimento sistematizado e inter-relacionado - Desenvolver conteúdo inovador - Promover a resolução de um problema ou propor um modelo de pensamento - Praticar a leitura social e colaborativa (compartilhar análises de leitura, avaliações, opiniões, recomendações, anotações) - Desenvolver uma perspectiva original sobre um tema
Estabelecer e manter comunicação Competência para estabelecer e manter comunicação com outras pessoas, adequando o canal de comunicação e a linguagem ao contexto do receptor	- Usufruir de aplicativos e programas de comunicação para estabelecer interação com pessoas já conhecidas ou novos contatos - Expressar-se com clareza e objetividade, considerando os hábitos de recepção do interlocutor - Contextualizar as informações apresentadas, avaliando a perspectiva do receptor - Conseguir a atenção alheia - Propiciar meios para que as pessoas possam responder - Apreciar as informações provenientes de outras culturas para o diálogo intercultural - Aproveitar os contatos estabelecidos para informar-se e atualizar-se em temas de interesse
Distribuição Distribuição e disseminação eficaz de conteúdos	- Identificar qual o meio, canal ou ferramenta mais adequada para transmitir uma mensagem, de acordo com cada contexto - Identificar a aplicação ou formato mais adequado para apresentar uma comunicação - Compartilhar informações úteis de acordo com os interesses e necessidades dos interlocutores - Atuar como um intermediário na ligação entre informação relevante e potenciais usuários interessados - Disponibilizar o conteúdo criado em espaços de compartilhamento
Participação Capacidade de participar interativa e criticamente de ambientes de mídias participativas, considerando as distintas ideias	- Identificar espaços e ferramentas adequadas para participar - Considerar o contexto (cultural, religioso, econômico) do interlocutor - Adequar a linguagem/código de comunicação/formato ao interlocutor - Comentar com discernimento informações geradas por outros - Participar em colaboração na alimentação de mídias sociais - Participar interativa e criticamente em ambientes de diálogo e debate - Promover uma discussão relevante

	- Argumentar e defender opiniões de maneira clara e respeitosa em fóruns e comunidades - Escutar e respeitar a opinião alheia - Racionalizar e decidir com base em informação se aceita ou rechaça os pontos de vista em discussão
Desenvolver redes sociais Competência para desenvolver relações sociais saudáveis em ambientes digitais, baseadas no respeito à diversidade e afirmação da identidade	- Construir uma identidade digital para participar de grupos, de acordo com o interesse - Reconhecer como a visibilidade, a reputação e a privacidade na Internet se convertem em aspectos chave para a comunicação - Participar em redes e comunidades eletrônicas para conhecer parceiros de atuação - Comunicar-se de acordo com os parâmetros estabelecidos no grupo social - Reconhecer e respeitar as normas de comportamento (netiqueta) para interação em ambiente virtual - Interagir com pessoas e coletivos diversos em contextos plurais e multiculturais - Compreender e praticar a forma de argumentação de um coletivo específico (ex.: uso extensivo ou não da criticidade)
Privacidade, ética e propriedade intelectual Entende questões de privacidade pessoal, ética da informação e propriedade intelectual em ambientes de tecnologia mutante	- Distinguir informações que podem ser reproduzidas e disseminadas daquelas que são privadas e só podem ser compartilhadas em ambientes restritos ou não devem ser compartilhadas - Criar um ambiente digital de comunicação, como por exemplo, uma página web própria, um blog etc. - Reconhecer e utilizar as formas legais de uso da informação (Creative Commons, propriedade intelectual, direitos de reprodução e uso de material protegido por direitos de autor etc.) - Compreender sua responsabilidade ética e legal sobre compartilhamentos e publicações - Referenciar apropriadamente as fontes de informação utilizadas - Considerar o impacto que a divulgação ou publicação de uma informação privada pode ter para si e para outros - Estar apto para proteger a si e aos demais de potenciais perigos em ambiente digital - Identificar questões relacionadas com a censura e a liberdade de expressão
Colaboração Competência para gerar conhecimento e trabalhar em colaboração	- Cumprir com a tarefa individual acordada em um projeto coletivo - Participar positivamente em ambientes colaborativos e aprender a partir de vários pontos de vista - Reconhecer sua responsabilidade individual na produção de informação e geração de conhecimento - Reaproveitar conteúdo gerado por terceiros para novas produções, conferindo-lhes um novo sentido ou valor (remixagem da informação) - Reconhecer o potencial das tecnologias para processos colaborativos e co-criação de conhecimento - Compartilhar suas experiências pessoais e profissionais, bem como aproveitar as alheias, para aprender e ajudar a outros - Mobilizar outras pessoas para aprender em colaboração - Auxiliar os outros a desenvolverem suas próprias competências - Engajar-se em processos de construção de conhecimento coletivos - Mobilizar redes sociais para conseguir ajuda - Estabelecer parcerias de trabalho - Gerir a autoria de produções coletivas - Discutir, argumentar ou debater para chegar à resolução de problemas com os demais - Colaborar para finalizar uma atividade no prazo proposto - Trabalhar em colaboração em projetos que requerem assessoria e participação de outros profissionais ou especialistas - Participar na edição de documentos colaborativos
Aprendizagem ao longo da vida Demonstra capacidade de conectar estratégias de ensino e pesquisa com processos de aprendizagem ao longo da vida e objetivos pessoais, acadêmicos e profissionais	- Reconhecer quando precisa de nova informação para aprender e a tarefa necessária para alcançá-la - Conseguir delimitar a extensão e formato da informação necessária em diferentes contextos - Determinar se a informação obtida é adequada e suficiente, revisando a estratégia ao longo do processo - Planejar o processo de busca de informação, determinando fontes, sistemas e estratégias e termos de busca adequados ao acesso à informação - Avaliar a própria aprendizagem e a produção de conhecimento - Reconhecer a necessidade de auto informar-se e autoaprendizagem para uma visão de mundo mais ampla, amparada no alcance global das tecnologias de informação e comunicação - Reconhecer que a aprendizagem é um processo e que refletir sobre seus erros ou enganos leva a novas percepções e descobertas - Engajar-se em processos de autoaprendizagem - Aprender ensinando, ou seja, auto capacitar-se pela interação com pessoas e explicação de ideias - Integrar os conteúdos em esquemas mentais para sua compreensão e apropriação - Reconhecer suas fragilidades e potencialidades em termos de competências em informação e em comunicação e fortalecê-las com base nos resultados desta auto avaliação